

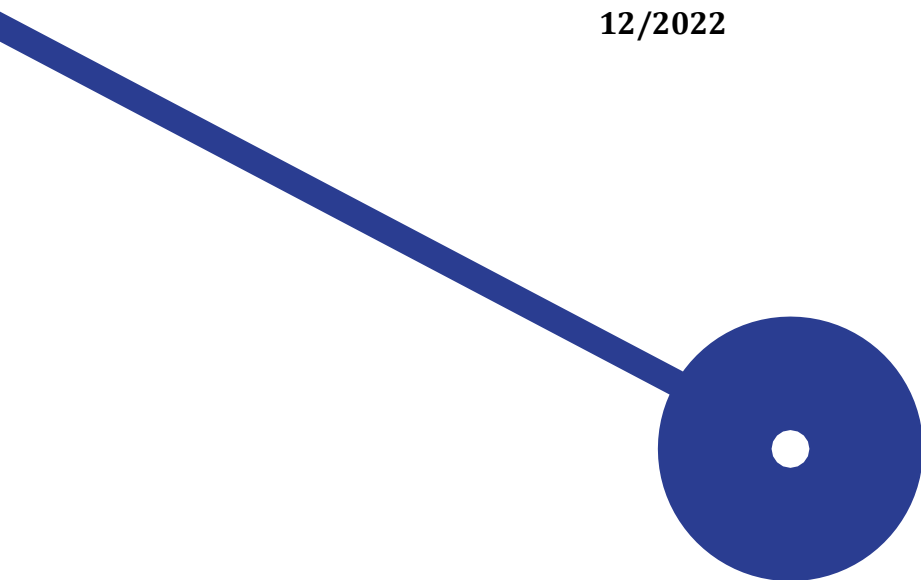
M

MESTRADO

Património, Artes e Turismo Cultural

**ILHA TERCEIRA: VIVÊNCIAS E
TESTEMUNHOS. O CARNAVAL COMO
EXEMPLO DO VIVER TERCEIRENSE.**

12/2022



Escola Superior de Educação

Angélica Cristina Sequeira da Rocha

Ilha Terceira: Vivências e Testemunhos. O Carnaval como exemplo do viver Terceirense.

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural

Orientação: Prof.^(a) Doutor(a) Maria de Fátima Lambert Alexandrino Alves de Sá
Monteiro

Porto, Dezembro de 2022

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Professora Doutora Maria de Fátima Lambert Alexandrino Alves de Sá Monteiro, pela sua disponibilidade, escuta e apoio nos momentos mais precisos, pela transmissão de conhecimentos, pelas suas críticas construtivas essenciais ao longo deste trabalho e o esclarecimento de dúvidas.

Ao senhor Hélio Costa uma figura relevante da nossa cultura, por partilhar o vastíssimo conhecimento que detêm da tradição carnavalesca, contribuindo com a sua longa experiência de vida, documentos, fotos, livros e homenagens que foram deveras importantíssimas para o enriquecer deste trabalho. Também agradecer a todas as outras pessoas que contribuíram com os seus testemunhos.

À minha família, aos meus pais pelo esforço e dedicação enorme no meu percurso académico, pela força que deram todos os dias para terminar este trabalho, que sem eles não seria possível. Aos meus tios Doutor João Paulo Rocha e a Doutora Carla Rocha por me ajudarem em tudo o que eu precisei enquanto estive na cidade do Porto, onde nunca me faltou nada. Um agradecimento especial à minha tia Doutora Carla Maria Natal Alves Ferreira da Rocha que acompanhou de perto o meu trabalho, e me ajudou imenso na correção e organização do mesmo.

RESUMO ANALÍTICO

Ao longo dos anos que vivi na cidade do Porto, apercebi-me da existência de uma visão irrealista sobre o que é viver numa ilha. Este trabalho de investigação assenta em duas principais temáticas. Primeiramente, terá como principal objetivo a análise da perceção/visão do que é viver numa ilha, colocando ênfase principalmente na Ilha Terceira, no arquipélago dos Açores, utilizando as entrevistas como metodologia. Segue-se a abordagem de uma das tradições mais importantes do povo Terceirense, que se tornou ao longo dos anos imagem de marca desta ilha, um património riquíssimo que deve ser divulgado, através dos testemunhos de pessoas ligadas a esta tradição do Carnaval, intendendo dá-la a conhecer como um património riquíssimo e único no mundo, e que representa muito bem as vivências deste povo caracterizado pelos seus visitantes como alegre, hospitaleiro e festivo.

Palavras-chave: Arquipélago dos Açores; Terceira; Carnaval; Tradição.

ABSTRACT

Over the years that I have lived in the city of Porto, I have been aware of the existence of an unrealistic vision of what it is like to live on an island. This research work is based on two main themes. It will first have as its main objective the analysis of the perception/vision of what it is to live on an island, putting emphasis mainly on Terceira Island, in the Azores archipelago, using interviews as methodology. It follows the approach of one of the most important traditions of the Terceira people, that became throughout the years the brand image of this island, a rich patrimony that must be made public, through the testimonies of people linked to this tradition of the Carnival, intending to make it known as a rich and unique patrimony in the world, and that represents very well the experiences of this people portrayed by its visitors as joyful, welcoming and festive.

Keywords: Azores Islands; Terceira; Carnival; Tradition.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	26
1. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL.....	28
1.1. PERCEÇÃO SOCIAL E REPRESENTAÇÃO SOCIAL.....	28
1.2. CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL: ILHA TERCEIRA.....	32
1.3. CONCEITO DE PATRIMÓNIO RELACIONADO COM OS AÇORES.....	39
1.4. A IMPORTÂNCIA DA EMIGRAÇÃO AÇORIANA PARA A AMÉRICA DO NORTE... 44	
1.5. O ESPAÇO E O TEMPO (NAS ILHAS).....	50
2. METOLOGIAS E VARIÁVEIS	53
2.1. AS ENTREVISTAS.....	53
2.2. VARIÁVEIS VALORIZADAS.....	59
<u>2.2.1. NATUREZA</u>	<u>60</u>
<u>2.2.2. ESTILO DE VIDA SAUDÁVEL.....</u>	<u>62</u>
<u>2.2.3. HOSPITALIDADE</u>	<u>63</u>
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS.....	67
3.1. ANÁLISE DA PERGUNTA 1: QUAL A PALAVRA QUE A SEU VER DESCREVE OS AÇORES?.....	68
3.2. ANÁLISE DA PERGUNTA 2: QUAL A PRIMEIRA PALAVRA QUE LHE QUE LHE VEM À CABEÇA QUANDO SE FALA EM ILHA?	80
3.3. ANÁLISE DA PERGUNTA 3: ACHA QUE CONSEGUIRIA VIVER NUMA ILHA?.....	91
3.4. ANÁLISE DA PERGUNTA 4: CONHECE OU JÁ OUVIU FALAR SOBRE A ILHA TERCEIRA? SE SIM, EM QUE SITUAÇÃO?.....	97
3.5. ANÁLISE DA PERGUNTA 5: CONSIDERA QUE EXISTE ALGUMA VANTAGEM EM VIVER NUMA ILHA? QUAL?	110
4. NA ILHA TERCEIRA: O CARNAVAL -TRADIÇÃO E TESTEMUNHOS.....	124
4.1. ACERCA DO CARNAVAL.....	125
4.2. O CARNAVAL DE ANTIGAMENTE.....	136
4.3. O CARNAVAL NOS NOSSOS DIAS.....	148
4.4. TIPOLOGIAS DE DANÇAS.....	171

4.5. CARNAVAL DOS EMIGRANTES.....	178
4.6. CARNAVAL EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	190
CONCLUSÃO	195
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	198
ANEXOS	201

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mudança de pasto dos animais. FONTE: Autor	32
Figura 2: Vista sobre a cidade da Praia da Vitória. FONTE: Autor.....	35
Figura 3: Miradouro da Santa do Facho.....	35
Figura 4: Biblioteca Vitorino Nemésio.....	36
Figura 5: Casa onde nasceu e viveu Vitorino Nemésio.	36
Figura 6: Império ao Divino Espírito Santo, Figueiras do Paim. FONTE: Autor.....	37
Figura 7: Bandeira em Honra do Divino espírito santo, Igreja de Santo Cristo. FONTE: Autor	37
Figura 8: Tourada a corda. FONTE:Autor.....	38
Figura 9: Maiores destinos da emigração açoriana entre os de 1951 e 1989. FONTE: (Mendonça etal., 2002).	45
Figura 10: Postal escrito por familiares nos estados unidos e enviado para a Ilha Terceira no ano de 1984. FONTE: Autor	45
Figura 11: Foto de família no Canadá, 1975. FONTE: Autor.....	48
Figura 12: Desfile das comunidades luso-americanas nos Estados Unidos da América. FONTE - https://jornaldoluxemburgo.com/2022/01/portugal-deve-reforçar-?	49
Figura 13: Esquema da variável da Natureza. FONTE: Autor.....	61
Figura 14: Esquema da variável Estilo de vida. FONTE: Autor.....	63
Figura 15: Esquema da variável Hospitalidade. FONTE: Autor	64
Figura 16: Esquema da variável da cultura. FONTE: Autor	65
Figura 17: Esquema da variável dos Produtos regionais/ Gastronomia. FONTE: Autor...	65
Figura 18: Esquema da variável atributos/nomes. FONTE: Autor.....	66
Figura 19: Dança de espada. FONTE: (Gomes, 2018).....	127
Figura 20: Francisco Luis de Melo, ou Chico Roico, autor de enredos de danças de Carnaval. FONTE: (Gomes, 1999).....	Erro! Marcador não definido.
Figura 21: Manuel Caetano Dias, conhecido como “Caneta”, autor de enredos para danças. FONTE: (Gomes, 1999).....	131
Figura 22: José de Sousa Brazil, ou Charrua, um dos mais conhecidos autores de enredo e improvisadores da Ilha Terceira. FONTE: (Gomes, 1999).....	132

Figura 23: Hélio Costa, autor do Carnaval dos bravos, responsável pela escrita da maioria dos assuntos das danças de Carnaval da Ilha Terceira. FONTE: (Gomes, 1999).....	134
Figura 24: Atuação de uma dança de Carnaval no meio da casa. FONTE: (Costa, 2003).	140
Figura 25: Dança a atuar no terreiro da freguesia da Vila Nova. FONTE: Arquivo da biblioteca municipal de Angra do Heroísmo.....	141
Figura 26: Personagem do Rato. FONTE: IVO SILVA RTA.....	145
Figura 27: Dança de pandeiro das Lajes, 1972, com o rato à moda antiga. FONTE: (Costa, 2003).	146
Figura 28: Associação Filarmónica Recreativa e Cultural de Santa Bárbara da Fonte do Bastardo. FONTE: Página oficial da A.F.C.R.....	147
Figura 29: Ficha do Património Imaterial- Bailinhos da Ilha Terceira. FONTE: MatrizPCI.	149
Figura 30: Escolha e aquisição de tecidos e adornos para uma dança de Carnaval, num estabelecimento comercial da Praia da Vitória. FONTE: (Gomes, 1999).....	151
Figura 31: Atuação de uma dança de Carnaval vinda dos Estados Unidos da América, na sociedade Filarmónica de Santa Bárbara da Fonte do Bastardo. FONTE: Autor	152
Figura 32: Assunto de uma dança de Carnaval. FONTE: (Melo,2019).....	159
Figura 33: Foto da autora, com o pai Hernâni Rocha e com o irmão Flávio Rocha no Carnaval de 2019. FONTE: Autor	171
Figura 34: Dança de espada da Vila das Lajes. Autor: http://investinangra.com/index.php/oportunidades-de-investimento/agricultura-e-pecuaria/2222-terceira-transforma-se-numa-ilha-de-artistas-pelo-carnaval	173
Figura 35: Comédia de Carnaval. FONTE: (VITEC 2020).....	176
Figura 36: Bailinho de Carnaval da freguesia da Fonte do Bastardo. FONTE: Autor	178
Figura 37: Dança de Carnaval nos Estados Unidos da América. FONTE: (Costa,2003).	180
Figura 38: Bailinho proveniente da Califórnia com o Sr. Hélio Costa no Carnaval da Ilha Terceira no ano de 2020.FONTE: Costa, 2020).....	182
Figura 39: Comemoração do Carnaval de 2017, na Califórnia, Estados Unidos da América. FONTE: (Mendes, 2017).	187
Figura 40: Entrevista com o Senhor Vitor Santos. FONTE: https://www.youtube.com/watch?v=dj6CKMrAOnE&ab_channel=KanaldasDoze	189

Figura 41: Carnaval virtual “Lembrar o que é nosso”	191
Figura 42: Senhor Hélio Costa na atuação do Carnaval virtual 2021 “Lembrar o que é nosso”. FONTE: https://www.youtube.com/watch?v=HIY9Ezbhais&ab_channel=TiagoSousa	193
Figura 43: Projeto de Carnaval em plena pandemia na praça Francisco Ornelas da Camara cidade da Praia da Vitória, dança de espada. FONTE: (Esteves, 2020).....	193
Figura 44: Projeto de Carnaval em plena pandemia na marginal da Praia da Vitória, dança com o ratão à moda antiga. FONTE: Esteves, 2020).....	194

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tabela referente à primeira pergunta da entrevista: “Qual a palavra que a seu ver descreve os Açores?”	68
Tabela 2: (Continuação) “Qual a palavra que a seu ver descreve os Açores?”	69
Tabela 3: Tabela referente à pergunta da entrevista: “Qual a primeira palavra que lhe vem à cabeça quando se fala em ilha?”	81
Tabela 4: Continuação da tabela referente à pergunta da entrevista: “Qual a primeira palavra que lhe vem à cabeça quando se fala em ilha?”	82
Tabela 5: Tabela referente a terceira pergunta da entrevista: “Acha que conseguiu viver numa ilha?”	92
Tabela 6: Tabela referente à quarta pergunta da entrevista: “Conhece ou já ouviu falar na Ilha Terceira? Se sim, em que situação?”	97
Tabela 7: “Considera que existe alguma vantagem em viver numa ilha?”	110
Tabela 8: “Quais?”	111
Tabela 9: (Continuação) “Quais?”	112

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: Atuação de uma dança de Carnaval à moda antiga no terreiro da freguesia de São Mateus. FONTE: (Gomes, 1999).....	201
Anexo 2: Atuação ao ar livre da dança infantil: “Está fácil mas nem tanto”. FONTE: (Gomes, 1999).....	201
Anexo 3: Bailinho de crianças “Os namorados”. FONTE: (COSTA, 2003).....	202
Anexo 4: Criança acompanhar o pai no Carnaval de 1996. FONTE: (Rocha, 1996).....	202
Anexo 5: Autora em criança acompanhar o pai no Carnaval de 2004. FONTE: (Rocha, 2004).....	203
Anexo 6: Carnaval Sénior, 2020. FONTE: (Rego,2020).....	203
Anexo 7: Foto de grupo Carnaval Sénior 2020. FONTE: https://www.portuguesetribune.com/articles/carnaval-da-terceira-2020-118-eventos-a-forca-de-um-povo/	204
Anexo 8: Pai da autora no Carnaval de 1996. FONTE: (Rocha, 1996).....	204
Anexo 9: Atuação do enredo de uma dança de Carnaval no terreiro. FONTE: (Costa, 2003).	205
Anexo 10: Atuação da dança de Carnaval “Os compadres Alentejanos” , 2004. FONTE: (Rocha, 2004)	205
Anexo 11: Pai da autora no Carnaval de 1996. FONTE: (Rocha, 1996)	206
Anexo 12: Carnaval 2019. FONTE: (VITEC, 2019).....	206
Anexo 13: Foto de grupo do bailinho da Fonte do Bastardo, 2017. FONTE: Teatro Angrense 2017).....	207
Anexo 14: Foto de grupo do bailinho da Fonte do Bastardo, 2015. FONTE: (Ribeirinha, 2015).....	207
Anexo 15: Atuação do bailinho da fonte do bastardo, 2015. FONTE: (Ribeirinha, 2015).	208
Anexo 16: Atuação do bailinho “Saga dos corte-reais” 1988 – um bailinho à moda antiga com um enredo sobre a história de Portugal. FONTE: (Gomes, 1999).....	208
Anexo 17: Atuação do grupo de Carnaval rapazes de Santa Barbara. FONTE: (Mendes, 2019).....	209

Anexo 18: Atuação do grupo de Carnaval rapazes de Santa Barbara. FONTE: (Mendes, 2019).....	209
Anexo 19: Lembrança do Grupo de Carnaval de Stoughton ao senhor Hélio Costa. FONTE: (Costa, 2019).....	210
Anexo 20: Lembrança do grupo de danças de Carnaval da banda portuguesa de são José ao senhor Hélio Costa. FONTE: (Costa,2019).....	210
Anexo 21: Mesa preparada para receber os bailinhos após as suas atuações. FONTE: (Mendes,2017).....	211
Anexo 22: Sociedade Filarmónica da Fonte do Bastardo enfeitada para receber o Carnaval 2014. FONTE: (Mendes,2014).....	211

GLOSSÁRIO

Cerrado: Parcela de terreno agrícola delimitado por muros baixos convertidos sobretudo para a pastorícia.

Discutimentos; enredos; assuntos: Parte da dança de Carnaval representada. Escrita por pessoas específicas.

Marcha: Parte inicial de uma dança de Carnaval e se finaliza uma dança de Carnaval, tocada pelos dançarinos.

Saudação: Designa, normalmente um conjunto de cantigas que saúdam o público sentados nas sociedades, vem logo após a marcha.

Despedida: Conjunto de cantigas que na qual a dança se despede do público, normalmente estas assumem um tom mais melancólico abordando vários assuntos da vida. A despedida inicia-se após o fim do assunto.

Moda do assunto: Designa normalmente um conjunto de cantigas que tem como intuito apresentar ao público o assunto da dança.

Entrudo: Nome pela qual era conhecido o Carnaval antigo, hoje em dia as gerações mais velhas ainda o pronunciam desta forma.

Ratão: Personagem do Carnaval antigo, que desapareceu no final do século passado. Tinha função de intervir nos finais das cenas representadas, fazendo conclusões e piadas do que o público tinha acabado de assistir. Considera-se nessa época a personagem mais cômica danças.

Puxadores: Pessoa responsável por comandar a dança durante a atuação no palco. Por norma canta as cantigas do bailinho. Esta personagem distingue-se dos restantes dançarinos através das suas roupas e adereços.

Cantoria: Tradição Terceirense que consiste em improvisar cantigas, rimas, ao desafio entre dois ou mais cantadores.

Sociedade: Local onde atuam as danças de Carnaval.

INTRODUÇÃO

O estudo apresentado foca-se em duas temáticas. O facto de a autora ter vivido alguns anos na cidade do Porto levou a um contacto com ideias pré-concebidas e até mesmo míticas acerca do que é viver numa ilha. Viver numa ilha é, ainda hoje, um tema que suscita nas pessoas, principalmente para aquelas que não estão familiarizadas com o assunto, um sentimento de curiosidade e de mistério que leva a pareceres muito diferentes na comunidade. Através da metodologia adotada: as entrevistas, abordou-se estas pessoas com diferentes questões, em que o objeto de estudo principal foi o arquipélago dos Açores e a Ilha Terceira. Procurou-se assim desmitificar certas ideias e por outro lado dar a conhecer as fortes vivências desta região e o seu quotidiano.

Por outro lado, o trabalho aborda uma das tradições mais importantes dos Açores especialmente da ilha Terceira, tradição única no mundo, ultrapassando as fronteiras nacionais. O Carnaval da Ilha Terceira que já vai sendo conhecido por todo o país, e até mencionado várias vezes na primeira parte deste trabalho pelos entrevistados da cidade do Porto como: “nunca visto antes”, merecendo destaque e uma maior divulgação deste que é um riquíssimo património.

Apesar do calendário festivo notório desta ilha, se existe uma tradição que possa transmitir de uma forma fiável o viver terceirense é a do Carnaval. Conseguimos ao longo deste trabalho associar o ser terceirense caracterizado por: amigável, hospitaleiro festivo, e artístico a este costume que é responsável por fomentar uma profunda diversão em toda a ilha não havendo exceção. Privilegia-se assim dos testemunhos de pessoas muito ligadas à tradição, quer na ilha, quer noutros territórios como veremos, que permitiram dar a conhecer sobre atitudes, sentimentos, valores, experiências de vida, vividas de uma forma completamente diferentes como é o caso dos emigrantes que viram nas tradições, não só a do Carnaval, uma forma de estar mais perto do local que os viu nascer, e desta forma inclui-las no quotidiano nos territórios que os acolheram, como são o caso das imensas comunidades portuguesas nos Estados Unidos da América e no Canadá.

Traça-se assim a evolução sofrida ao longo das décadas desde o Entrudo nome dado ao Carnaval do antigamente até à tradição que se vive hoje, que depende muito do espaço e do tempo influenciando imensamente a forma distinta como é sentida pelas pessoas,

dependendo assim de aspetos como: o lugar onde vivemos, a cultura onde crescemos, as relações que mantemos, entre outros.

Relativamente à metodologia privilegiou-se o recurso a entrevistas, uma vez que é uma técnica na qual o investigador obtém informações mais diretas e plurais a respeito do seu objeto de estudo. As entrevistas estruturaram-se a grupos diferentes entre os quais: Habitantes da cidade do Porto; residentes da Ilha Terceira e emigrantes terceirenses radicados nas comunidades portuguesas dos Estados Unidos e no Canadá, registando-se diferentes testemunhos com proximidade as temáticas abordadas.

1. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

1.1. PERCEÇÃO SOCIAL E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

O facto de a autora ter vivido no Porto durante alguns anos, fez perceber a existência de ideias pré-concebidas por parte dos seus habitantes, referentes à vida numa ilha, fugindo muitas vezes à realidade daquilo que, inúmeras vezes, o é. Falando na primeira pessoa, tendo a autora nascido numa ilha¹, onde passou a maior parte da sua vida, naturalmente adquiriu uma percepção diferente, tal como os entrevistados da ilha, relativamente aos indivíduos a quem foi aplicado o estudo. Isto advém de diversos motivos: primeiramente, pelo facto de nunca terem visitado as ilhas; ou nunca terem experienciado estar numa; ou pelo contacto por fontes indiretas como é o caso da televisão, dos livros, jornais e até mesmo por ideias de outras pessoas.

Desta forma surge a necessidade na procura de bibliografia de diversos autores sobre a temática da percepção, tentando chegar mais perto deste conceito uma vez que este será pertinente ao longo do trabalho. Nem sempre os autores que trabalham esta temática se mostraram consensuais no que acreditam ser a percepção. No entanto, os que foram consultados acreditam no facto de a percepção ser como uma espécie de interpretação que nos é transmitida pelos nossos sentidos, quando relacionados com o meio em que nos encontramos.

Segundo Merleau Ponty, no seu *Fenomenologia da percepção*, “o visível é o que se apreende com os olhos, o sensível é o que se apreende com os sentidos” (Ponty, 1994, p. 287). Este investigador defende sobretudo que a percepção advém da experiência corporal, afirmando que o movimento e o sentir são elementos-chave da percepção. O autor fala-nos também de uma comunicação entre todos os sentidos, permitindo diferentes possibilidades para a percepção.

Realçando uma vez mais a importância dos sentidos para a percepção: “A reversibilidade diz respeito à comunicação entre os diferentes sentidos, como a apalpação

¹ Ilha Terceira, Açores.

pelo olhar, o tato como visão pelas mãos, sempre relacionada à motricidade, a essa capacidade de se pôr em movimento” (Nóbrega, 2008).

Além deste investigador que dedicou parte do seu trabalho ao estudo da percepção, procurou-se fundamentação em outros autores, consideradas como pertinentes para o desenvolvimento deste trabalho. Segundo os campos da psicologia e da filosofia, a percepção tem muita influência no comportamento humano quanto à realidade e à não realidade, sendo este considerado um processo que varia muito de pessoa para pessoa. A seguinte citação explica-nos que: “O estudo da percepção é de grande importância uma vez que o comportamento das pessoas é baseado na interpretação que estas fazem da realidade ou não realidade em si por esse motivo a percepção do mundo é diferente para cada um de nós” (AO, 2009).

As diferentes percepções que cada um de nós adquire, advém também do que experienciamos ao longo da nossa vida, influenciando a conceção de ideias sobre o meio em que estamos inseridos, e daquilo que temos à nossa volta.

O psicólogo americano Jensen Sternberg, que estudou temáticas ligadas a percepção, diz-nos que “A percepção é um conjunto de processos pelos quais reconhecemos, organizamos e entendemos as sensações recebidas pelos estímulos ambientais” (Sternberg, 2000).

Outro momento que é importante no processo de percepção diz respeito às sensações. Segundo os investigadores estes dois momentos completam-se, “a sensação resulta do primeiro contacto com a realidade, através de uma captação pura e simples de um objeto sensorial, proporcionando dados necessários à percepção”. (Da Silva, 2011). Assim sendo, as sensações são como estímulos que resultam do contacto com a realidade, captados pelos nossos sentidos e que enviam dados e informações necessárias para as nossas percepções, em que esses mesmos estímulos apresentam características que chamam a nossa atenção. Outro fator importante na conceção das nossas percepções são os fatores externos como: intensidade, tamanho, mudança, repetição e a cor (Roberto, 2009).

Além dos fatores externos, existem também fatores internos entre os quais se destacam os motivacionais, de interesse e de valor, em que os primeiros estão relacionados com a seletividade, com as nossas escolhas, enquanto já os de interesse e valor se relacionam com o facto de atendermos maioritariamente aos aspetos que nos despertam mais interesse (Roberto, 2009).

De uma forma resumida, e de acordo com as citações anteriores, entende-se que a percepção é uma espécie de interpretação que nos é transmitida pelos nossos sentidos quando relacionados com o meio ambiente em que nos encontramos, visto que nem todos temos a mesma forma de ver as situações, podendo elas serem muito diferentes de indivíduo para indivíduo, resultantes das experiências adquiridas das nossas vivências, do nosso meio, do nosso comportamento.

Demonstrando a importância desta temática para o trabalho de investigação, no qual se verificam diferentes observações sobre a ilha, por parte dos entrevistados relacionados com o facto: se a pessoa é natural da ilha, se a visitou, se nunca esteve numa, ou ainda se se apenas teve oportunidade de ter algum contacto com ela, através de outros meios.

Dando-se um exemplo, de forma a realçar a ideia de que não temos todos o mesmo modo de observar, levando a que alguns fatores se destaquem a favor de outros, porque, e como já foi referido anteriormente, isto advém muito das nossas experiências, do que já faz parte das nossas vivências, rápido e comum, o que assenta nos centros comerciais. Neste momento, podemos considerar um único centro comercial no arquipélago – o Parque Atlântico, na Ilha de S. Miguel. Para os açorianos é uma situação normal, porque habituaram-se ao longo do tempo a isso, e porque existem outros bens necessários da sua terra e na qual se atribui um maior valor. Isto diferenciando-se, por outro lado, da condição das pessoas que habitam o território continental que apontam esta situação como desvantajosa, devido à grande facilidade em frequentarem os centros comerciais.

Um conceito fundamental, também, para este trabalho de investigação diz respeito às chamadas representações sociais. Os psicólogos Serge Moscovici e Gerard Duveen aprofundaram este processo em *Representações sociais: Investigações em psicologia* (2000). De uma forma resumida as representações sociais, podem ser ideias, crenças, explicações que temos, resultantes das interações com a sociedade, ideias que criamos como certas e que nos permitem ter opinião sobre determinados acontecimentos, pessoas ou objetos.

O peso das influências sociais no funcionamento do pensamento do indivíduo é de tal forma significativo que leva as pessoas a ceder perante a não realidade do mundo externo. Segundo estes psicólogos acreditamos por demais nos factos generalizados do que muitas

vezes no próprio conhecimento científico. Desta forma, as pessoas estão destinadas a cair em tais enganos vivendo somente com as suas necessidades imaginadas.

É deveras importante falar sobre tais representações no âmbito deste trabalho. A maioria do grupo de continentais entrevistados tem em comum o facto de nunca terem visitado as ilhas açorianas, conhecendo-as apenas por meios de comunicação, nomeadamente as notícias televisivas, os jornais, as revistas, pelo ensino escolar, ou através de outras pessoas, possuindo desta forma apenas representações do que são as ilhas, sendo normal induzirem os seus pensamentos e modos de ver em erro, longe das coisas reais, conduzindo a certos “mitos”.

O trabalho terá por base, também, esta conflitualidade, por um lado pelas pessoas que conhecem o viver na ilha, porque são de lá, ou porque já viveram lá, como é o caso dos seus habitantes, ou dos emigrantes, e até mesmo das pessoas que vivem nos Açores por questões profissionais, como acontece com muitos professores radicados nas ilhas. Todos estes entrevistados que deram o seu depoimento sobre a ilha, curiosamente, também têm diversas formas de a ver². Por outro lado, temos as pessoas que nunca estiveram nas ilhas, e por isso mesmo têm delas representações daquilo que acreditam ser, também estas com formas de ver que diferem, umas mais próximas da realidade outras mais longe.

² Diversas formas de ver a ilha.

1.2. CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL: ILHA TERCEIRA

A Ilha Terceira é uma ilha localizada no grupo central do Arquipélago dos Açores. Com os seus 381,96 km de superfície é a mais povoada do grupo central com uma população de 56 437 habitantes distribuídos pelos dois principais concelhos da Ilha: Angra do Heroísmo e Praia da Vitória. “A sua existência permaneceu um mistério durante certo tempo, onde os navegadores a viam surgir das ondas do mar, como em seguida desaparecer sobre o nevoeiro, as suas aparições deram-lhe um primeiro nome de Ilha de Jesus” (Lima & Godard, 1991), mais tarde passou a chamar-se de ilha Terceira dado os investigadores acreditarem ter sido a terceira ilha do arquipélago a ser descoberta. “Quanto ao início do seu povoamento, não existem dados concretos, ou que o comprovem com rigor, isto levou com que fosse escolhida a data da carta de doação a Jácome de Bruges, feita pelo Infante D. Henrique a 2 de Março de 1450” (Enes, 2005).

É uma ilha caracterizada pela sua vasta atividade cultural, pelo modo de vida das suas gentes, gastronomia e tradições, por ser dotada de uma paisagem de relevos suaves, e desta forma com grande vocação para a pastorícia. Na proximidade dos vulcões extintos pequenos muros de pedra dividem as pastagens para dar uma aparência de ordem a uma natureza por definição bucólica. As manadas de vacas percorrem pachorrentamente as estradas, uma paisagem considerada característica da ilha e da região. Às casas rurais com paredes brancas, janelas de guilhotina e chaminés achatadas, juntamos os pequenos impérios coloridos, que são conhecidos também como capelas do Espírito Santo, utilizados na época das procissões do Pentecostes (Lima & Godard, 1991, p.69).



Figura 1: Mudança de pasto dos animais. FONTE: Autor.

Fazem parte desta ilha as duas cidades ilustres de Angra do Heroísmo e Praia da Vitória. Na costa Sul encontra-se, Angra do Heroísmo, considerada uma das cidades mais belas do arquipélago, classificada como Património Mundial da UNESCO³, a riqueza do seu passado histórico e cultural valeu-lhe esse título, desde 1983, “a cidade apresenta um urbanismo muito singular, com um traçado amplo e moderno para a época em que foi concebido, uma arquitetura muito colorida e vibrante, pelo que passear pelas ruas é um convite à exaltação dos sentidos” (Oliveira E. c., 2010).

Como escrevem outros autores sobre o tema, Angra do Heroísmo conservou até hoje um carácter aristocrático patente nos numerosos vestígios de arquitetura da Renascença: as igrejas, capelas, as bibliotecas, os fontanários cantantes, formam um apreciado centro cultural. O mesmo acontece com a Igreja do Colégio de Jesuítas, com as suas esculturas em talha dourada, as pinturas, as coleções de azulejos holandeses e placas de faiança. (Lima & Godard, 1991) .

A cidade foi ganhando importância, desde cedo, no arquipélago Açoriano, onde ganhou no ano de 1534 o estatuto de cidade, uma das primeiras a desenvolver-se nos Açores. Já no séc. XVI a baía da cidade de Angra fazia parte da famosa “rota do cabo”, que nas páginas de Gaspar Frutuoso, lhe atribui o nome de “Universal escala do mar no ponente”, já celebrada e conhecida em todo o mundo (Rodrigues *et al.* 2017).

A ilha e principalmente a cidade de Angra do Heroísmo foram durante três séculos o ponto de encontro das rotas marítimas entre a Europa, África e Américas, e um ponto de escala para os navios portugueses que atravessavam o Atlântico, foi aqui que Vasco da Gama sepultou o seu irmão Paulo da Gama, até hoje continua sepultado no Convento de São Francisco (Lima & Godard, 1991).

Reforçando ainda a ideia do parágrafo anterior, nesta cidade entraram enormes quantidades de especiarias do Oriente, “tornando-se também um ponto de abrigo e apoio para a defesa de navios que cruzavam os mares atlânticos com direção à Península Ibérica levando ao rápido desenvolvimento da cidade e à criação de um sistema de proteção, para quando necessário” (Açoriano Oriental, 2012).

No séc. XIV Angra foi durante décadas sede de bispado em 1534, sede do poder castelhano entre 1583-1642, e capitania geral entre 1766-1832. Com isto foram erguidos

³<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/angra-do-heroismo-nos-aco-res>.

ilustres monumentos que ainda hoje são visíveis para quem visita esta cidade, desde castelos, templos, palácios (Rodrigues *et al.*2017).

O Monte Brasil, um dos pontos mais turísticos da ilha, localizado ao lado da cidade de Angra do Heroísmo, detém uma das melhores vistas sobre toda a cidade, como também a vista para a parte sul da ilha Terceira. Nascido através de um vulcão que teve origem no mar, é composto por quatro picos: Pico das cruzinhas, o Pico do Facho, o Pico da Quebrada e o Pico do Zimbreiro. Forma duas baías: a baía de Angra, a Leste e a baía do Fanal, a Oeste.

Este local foi igualmente importante na história de Portugal, pois foi aqui que se ergueu a fortaleza de S. João Baptista, onde esteve preso mais de seis anos o Rei D. Afonso IV, o vigésimo segundo rei de Portugal, deposto em 1668. Quando os espanhóis rodearam quase toda a cidade de Angra, no final do século XVI e início do século XVII, a fortaleza de S. João Baptista e o forte de São Sebastião tinham a função de defender a cidade e o seu porto de possíveis ataques.

O nome desta cidade deriva da sua história, “Do Heroísmo”, que simboliza a coragem que os seus habitantes tiveram ao enfrentar o ataque dos Miguelistas, na guerra civil. Esta resistência não é única na história da ilha, já que no século XVI a Terceira se tinha tornado o único reduto de resistência contra o domínio espanhol, ao apoiar a causa de D. António Prior do Crato. (Lima & Godard, 1991).

Na parte leste da Ilha Terceira, situa-se a cidade da Praia da Vitória. O seu nome advém da vitória dos liberais no ano de 1829. “Esta cidade é dotada fortemente de uma arquitetura manuelina, presente em edifícios como matriz da Praia da Vitória e a matriz da freguesia de S. Sebastião” (Rodrigues *et al.*2017). Esta cidade caracteriza-se por ser uma cidade mais pacata, abrangendo 11 freguesias na sua tutela.



Figura 2: Vista sobre a cidade da Praia da Vitória. FONTE: Autor.



Figura 3: Miradouro da Santa do Facho.

Uma cidade circundada pelo verde das montanhas e das pastagens que a envolvem, onde se expande nesse verde de forma harmoniosa. Apesar de ser uma cidade mais pequena, esta foi apresentando ao longo dos anos um conjunto de obras estruturantes que contribuíram muito para o seu desenvolvimento enquanto cidade. Um dos pontos que merecem destaque é a franca harmonia que brota da ligação das coisas do passado com as que surgem na era moderna.

Aqui nasceu o famoso escritor, poeta, romancista Vitorino Nemésio, mais conhecido pela sua obra *Mau tempo no canal*, e responsável pela criação do “conceito de Açorianidade”, definido no ano de 1932. Vitorino Nemésio é uma das personalidades mais conhecidas dos Açores e da Ilha Terceira, onde deixou um imenso legado escrito, marcado pela sua origem insular, do quotidiano Açoriano e da sua infância. A casa onde nasceu, não é só um espaço museológico, tendo sido mais tarde convertida numa biblioteca, dotada de muitas das suas obras. O escritor dá nome a ruas e edifícios desta cidade, como é o caso da Escola Secundária de Vitorino Nemésio, ou a Biblioteca Municipal da Praia da Vitória.



Figura 4: Biblioteca Vitorino Nemésio.



Figura 5: Casa onde nasceu e viveu Vitorino Nemésio.

O mar é um elemento muito presente em ambas as cidades, como em toda a ilha, parecendo acompanhar toda a sua construção. A sua marginal permite contemplar esta beleza natural, atravessando a cidade de uma ponta a outra, sempre à beira-mar. É na Praia da Vitoria que podemos encontrar a maior praia e areal da ilha, que tanto fascina os turistas que por ela passam, onde podem apreciar a grande baía da cidade. Ao subir a Serra de Santiago, encontra-se uma esplendorosa vista sob a cidade, onde está situado o miradouro da Santa do Facho que nos permite ter uma deslumbrante vista sobre toda a cidade, e da parte leste da ilha Terceira.

São estas cidades, Angra do Heroísmo e Praia da Vitória, que sustentam a maioria das atividades económicas da ilha, e onde se concentram as atividades essenciais para o bom funcionamento da vida quotidiana. Podemos encontrar os bancos, as escolas secundárias, a Universidade dos Açores, os hospitais, e os grandes mercados de fornecimento de bens alimentares, zonas de lazer, jardins, centros culturais, e centros desportivos. Ao longo dos anos estas cidades têm sido alvo de diversas intervenções, desta forma encontram-se já muito desenvolvidas, face aquilo que eram no início deste século, sendo hoje já possuidoras de bens, atividades que só se poderiam encontrar em Portugal Continental.

As festas podem ser consideradas parte do coração da ilha, destacando-se as Festas das Sanjoaninas que decorrem no final do mês de junho na cidade de Angra do Heroísmo,

e as Festas da Praia, que têm lugar no início de agosto na cidade da Praia da Vitória, chamando à ilha muitos turistas todos os anos. O resto da ilha é composto pelas suas freguesias⁴, caracterizadas por serem lugares mais pacatos e com menos movimentação quando comparadas com as duas cidades. Cada freguesia apresenta locais de bens alimentares como pequenas mercearias, alguns restaurantes tradicionais, escolas primárias, creches, zonas de convívio e de lazer, como cafés e espaços verdes, espaços religiosos como igrejas e Impérios, muito tradicionais desta Ilha os “Impérios do Divino Espírito Santo”, e espaços dedicados a atividades culturais como as sociedades filarmónicas, e centros de idosos.



Figura 6: Império ao Divino Espírito Santo, Figueiras do Paim. FONTE: Autor.



Figura 7: Bandeira em Honra do Divino espírito santo, Igreja de Santo Cristo. FONTE: Autor.

A Ilha Terceira é sem dúvida a ilha dos Açores com a cultura mais vasta, conhecida como a ilha das festividades, ou até mesmo, como chamam os seus habitantes “parque de diversões”: o terceirense tem durante todo o ano o calendário preenchido por inúmeras tradições populares e somente características desta ilha. Nasceram, assim, ligadas à sua cultura as festas mais importantes da ilha, e que a tornam única, que enchem os arraiais e chama à ilha milhares de pessoas. A partir do mês de Maio a ilha acumula alegria, o início das touradas à corda, as festas ao divino Espírito Santo, os bodos de leite, as festas das freguesias. É principalmente nestas festas de freguesia, que nos aparecem atividades

⁴ Na sua totalidade 18 freguesias.

culturais muito tradicionais como é o caso das famosas *Cantorias ao desafio*, os cortejos etnográficos presentes nos Bodos de Leite, as procissões. Destaca-se o famoso Carnaval Terceirense, no mês de fevereiro, uma vez que é a manifestação cultural que se abordará ao longo do trabalho.

Todo este calendário festivo vem acompanhado por um património em que se destaca muito, por quem visita a ilha, a gastronomia.

Como escrevem os autores José Rodrigues e Ricardo Costa, a Ilha Terceira, é, e sempre foi de todas as ilhas a que mais se diferenciou, no que toca a tradições,

Hoje as gentes da Terceira zelam, como nenhuma outra ilha açoriana, pelos valores tradicionais herdados do fundo dos tempos, recriando com entusiasmo e vivacidade tradições culturais das mais originais e genuínas que no rolar do calendário religioso e profano animam a ilha e surpreendem o forasteiro (Rodrigues *et al.*,2017). Termina-se com a citação que define bem o povo da ilha Terceira “Gentes alegres, dinâmicas, sempre prontos na defesa do seu território, na salvaguarda do seu passado histórico e das suas tradições, e ardentes na defesa da sua cultura.” (Lima & Godard, 1991).



Figura 8: Tourada a corda. FONTE:Autor.

1.3. CONCEITO DE PATRIMÓNIO RELACIONADO COM OS AÇORES

Nos dias de hoje o termo património foi ganhando cada vez mais sentidos e definições que lhe podem ser atribuídas. “Ao falarmos em património associamos rapidamente a presença do passado, e à grande necessidade de manter vivo aquilo que é um testemunho da nossa comunidade, e que faz parte de nós” (Ferreira, 2006).

Na conferência internacional sobre a Conservação em 2000⁵, nascia outra importante definição sobre o património:

É o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares, e com os quais se identifica. A identificação e a valorização do património é, assim, um processo relacionado com a seleção de valores (Carta de Cracóvia, Conferência Internacional sobre Conservação, 2000).

Sendo assim, percebemos que o património nasce dos valores de cada comunidade aos quais esta se identifica, da construção de uma memória herdada e conjunta, visível através de símbolos, de tudo o que foi, e é, parte do viver de cada comunidade. Mas o que é património cultural? É o conjunto de bens, materiais e imateriais, que são considerados de interesse coletivo, suficientemente relevantes para a perpetuação no tempo. O património faz recordar o passado; é uma manifestação, um testemunho, uma invocação, ou melhor, uma convocação do passado. “Tem, portanto, a função de (re)memorar acontecimentos mais importantes; daí a relação com o conceito de memória social. A memória social legitima a identidade de um grupo, recorrendo, para isso, do património” (Martins, 2011).

No seguimento da ideia anterior o património cultural imaterial que “consiste nas tradições e expressões vivas herdadas dos nossos antepassados e transmitidas aos nossos descendentes” (Unesco, s.d.) varia de região para região, fazendo dele muitas vezes único, como é o caso de estudo na Região Autónoma dos Açores, mais especificamente a Ilha Terceira.

⁵ <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>.

O arquipélago dos Açores terá tido desde o seu povoamento um forte crescimento e desenvolvimento em diferentes setores que proporcionaram ao mesmo a edificação de vários tipos de património com uma grande identidade a si ligada.

Foi sobretudo no séc. XIX e princípios do séc. XX, que se assiste à formação de uma consciência identitária, ou seja, os indivíduos começam a sentir a necessidade de criar uma espécie de identidade açoriana, com representações da diferença, singularidade e do valor de muitos aspetos da realidade natural e cultural das ilhas (Rodrigues *et al.*, 1999), desde a memória histórica ao património monumental, que por sua vez dão origem a múltiplas identidades de referência tanto a nível insular como do arquipélago num todo.

É também nestes séculos, que temos o início das narrativas, das crenças e costumes, por parte dos intelectuais urbanos destas ilhas, desta forma nascia também a divulgação das tradições populares das ilhas, elementos importantes e característicos da ilha que ainda hoje podemos identificar como património. “O confronto de alteridades vividas traduziu-se na consciência por parte do povo Açoriano, no que toca a diferença dos costumes populares da ilha reforçando-se desta forma, a identidade terceirense” (Rodrigues *et al.*, 1999).

No ano de 1842 era divulgado, pelo terceirense António Moniz Barreto, uma publicação referente às festas do Divino Espírito Santo, uma das tradições mais importantes não só da ilha Terceira, como de todo o arquipélago, abrindo caminho para outras publicações que se mostraram como verdadeiros emblemas da ilha e do arquipélago.

Ainda no séc. XIX a literatura oral presente em todas as ilhas do arquipélago, os contos populares herdados pela população local, mostraram-se grandes fontes de património, que ainda hoje são transmitidas aos mais novos, foram descritas por Teófilo Braga e nos estudos romanísticos de Almeida Garrett “O estado da pureza e da originalidade destes romances insulares, os mais antigos da tradição portuguesa” citado em (Rodrigues *et al.*, 1999). No caso da Ilha Terceira, Vitorino Nemésio, foi responsável pelo valioso património literário desta Ilha, ao longo das suas obras este descreve partes da sua infância passadas nesta pequena cidade, ficando principalmente conhecido pelo seu livro *Mau tempo no canal*. No ano de 1932 cria o conceito de “Açorianidade”.

As tradições que hoje ainda perduram, entre os Açorianos, nasceram nos meios rurais, surgiram no seio das famílias mais rurais que tiveram um papel fundamental no enraizamento destas tradições culturais por todas as ilhas do Arquipélago. As pequenas tradições, transmitidas entre gerações, começavam a ser ensinadas logo desde crianças.

Eram valorizadas as indústrias caseiras para as meninas, e o trabalho agrícola mais dedicado aos homens, no entanto as mulheres ajudavam muitas vezes o homem no campo. Desta forma no ano de 1863, realizou-se na ilha Terceira uma exposição com o objetivo de dar a conhecer os produtos da ilha. A citação abaixo feita pelo diretor da exposição, explica-nos bem o seu propósito “A nossa ideia é, como se vê, aproveitar tudo quanto possa deixar o mais pequeno traço, não só do nosso progresso, mas tudo o que possa historiar-se nos nossos usos e costumes” (Rodrigues *et al.*,1999).

Mas é no séc. XX, que podemos começar a falar de um “espírito Açoriano”, graças ao escritor e investigador Armando Narciso, natural da ilha de S. Jorge, o qual desenvolveu vários temas ligados à cultura nos Açores, a necessidade de uma história dos Açores, ao património artístico e etnográfico. Este investigador estudou profundamente a temática do “Insulamento”, que viria a explicar alguns processos ligados ao enraizamento das tradições e da cultura no arquipélago. Armando Narciso afirma que estas nove ilhas são muito diferentes e por isso exigem um grande estudo devido ao “Insulamento”. O facto de estas serem ilhas, e serem isoladas, foi uma vantagem para manter as tradições inalteradas desde o seu povoamento. Desta forma destaca-se por ser um fenómeno completamente diferente do que acontece em Portugal Continental, onde muitas das suas tradições acabavam por desaparecer, facto este que segundo este autor tornava o arquipélago dos Açores “dos mais ricos centros etnográficos de Portugal” (Rodrigues *et al.*,1999).

O folclore, a etnografia e a paisagem foram as fontes que mais contribuíram para a individualização da cultura Açoriana, por serem imensamente características desta terra. São vários os grupos de folclore nos Açores, e em cada ilha. O folclore é uma das manifestações mais representativas da cultura Açoriana, que se distingue do resto do mundo. Como dizem os investigadores Açorianos, “o folclore açoriano simboliza um património coletivo que assume e acumula identidade etnográfica e importância cultural.” (José 2014). Na ilha Terceira existem na sua totalidade quinze grupos de folclore, cada um

destes grupos trabalha de forma a promover a cultura dos Açores, desde as canções tradicionais, à indumentária, aos bailados que variam de grupo para grupo. Esta Ilha, recebe todos os anos, através do COFIT (comité organizador de festivais da Ilha Terceira), o evento *Folk Azores*, onde chegam à Ilha Terceira muitos grupos de folclore de todas as partes do mundo (COFIT,2019, Sobre o festival).

Ao longo destas linhas, nota-se a existência de uma relação estreita entre a necessidade de se criar uma identidade por parte dos Açorianos desta época, identidade ligada aos traços mais marcantes dos costumes e viveres desta comunidade como também a tentativa de começar a dar ênfase à sua cultura, que se distingue fortemente das restantes. Foi por situações como estas que vimos o emergir de uma importância e necessidade de manter vivo o património, riquíssimo, e que ainda hoje se preserva em cada uma destas ilhas do Atlântico, e sobre o qual se terá oportunidade de um dos mais característicos da Ilha Terceira. “Os jornais do século XX, descrevem os Açores como “distintos e característicos”.

Uma população habituada desde sempre a situações diferentes e distintas, desde o clima, ao tom da paisagem, a presença constante do mar, que as diferencia imenso do povo Continental” (Rodrigues *et al.*,1999).

No decorrer da realização das entrevistas aos habitantes da cidade do Porto, destacou-se fortemente, o património natural, as suas paisagens, sejam elas resultantes de fatores naturais ou resultantes da intervenção do homem. O património natural dos Açores é riquíssimo, e é sem dúvida um dos ex-líbris desta região, um dos princípios base do governo regional da região Autónoma dos Açores é proteger e intervir o menos possível na sua paisagem, de forma a perpetuar aquilo que de melhor tem esta região e os benefícios que este tipo de património traz aos seus habitantes como também a quem a visita. Os entrevistados mencionam alguns exemplos dessa natureza como: o verde; o mar; as lagoas e as paisagens vulcânicas, mas também identificam as paisagens estéticas, onde já houve intervenção do homem como é o caso dos cerrados dedicados à pastorícia, as hortências plantadas à beira das estradas, as ganadarias dedicadas à criação do gado bravo que dão origem as famosas touradas à corda terceirenses, aos animais, que circulam nas estradas quando é necessária a mudança do gado para outros cerrados.

O Carnaval igualmente considerada como uma das tradições mais representativas do povo terceirense, que se aprofundará no capítulo IV, vista como o auge da cultura da ilha Terceira, e que detém grande importância no património cultural imaterial⁶ da ilha, distinguindo-o do restante arquipélago e do mundo, a forma que a tradição é sentida pelo seu povo evidencia os traços tao característicos de como é vivida a vida nesta ilha. Considera-se, portanto, fundamental elucidar as gerações futuras do valor desse mesmo património, terminando com a seguinte citação, sendo que estas serão as principais responsáveis pela sua perpetuação no tempo “Positivamente a tradição definha-se a olhos vistos e gradualmente morrendo de inação, por modo tal que se nos não apressarmos a recolhê-la, arriscamo-nos dentro em breve a nem uma lembrança dela (Rodrigues *et al.*,1999).

⁶ Já referido na pagina n.º 38.

1.4. A IMPORTÂNCIA DA EMIGRAÇÃO AÇORIANA PARA A AMÉRICA DO NORTE

De uma maneira geral é possível em todas as ilhas do arquipélago identificar alguns elementos pertencentes ao quotidiano americano, desde o século passado que os Açores se tornaram uma região com relações estreitas com os Estados Unidos, onde os Açorianos viram uma oportunidade para melhorar as suas condições de vida, o que resultou na migração de muitas famílias açorianas para os Estados Unidos e para o Canadá.

É essencialmente na ilha Terceira onde se observa muitos destes elementos de origem americana que ainda hoje estão introduzidos no viver da das suas gentes⁷. Por todo o património da ilha existem elementos que foram transmitidos pelo contacto com o povo norte-americano, entre eles destacam-se: palavras que entraram no vocabulário dos terceirenses de origem americana, a gastronomia, moda, tradições, elementos decorativos, e variados produtos alimentares, que podemos encontrar na ilha.

É importante mencionar o facto que não foi apenas a Ilha Terceira que adicionou à sua cultura elementos vindos do mundo Ocidental. O mesmo fenómeno também se deu ao contrário.

Existem hoje, muitas comunidades portuguesas espalhadas pelos Estados Unidos e pelo Canadá, na sua maioria compostas por Açorianos (Terceirenses), as quais adicionaram também elementos da cultura Terceirense, como se irá verificar ao longo do trabalho. Surge assim a grande importância ligada ao termo da emigração, onde temos pessoas que deixaram o seu país de origem para estabelecer residência noutra, levando com eles a sua cultura, os seus costumes e as suas tradições.

Segundo a bibliografia lida sobre esta temática das migrações, pode-se concluir que algumas tradições vindas dos Açores já se encontram bem disseminadas por estes territórios e que muitas delas já são praticadas por pessoas mesmo de nacionalidade Americana e Canadiana, como é o caso do Carnaval e das festas em honra do Espírito Santo.

⁷ O povo terceirense.

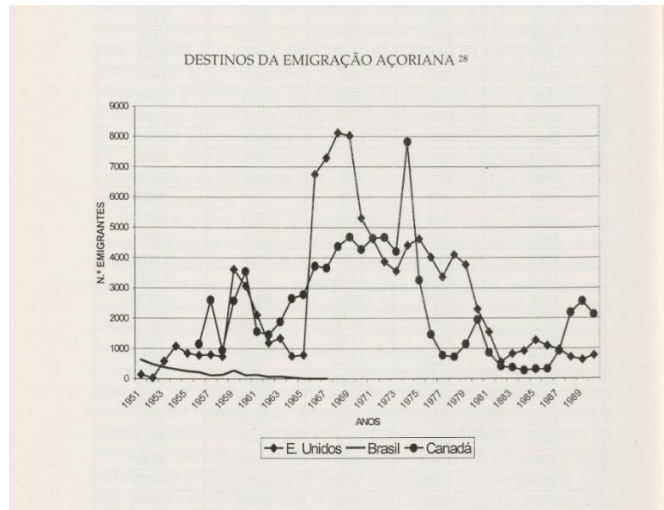


Figura 9: Maiores destinos da emigração açoriana entre os de 1951 e 1989. FONTE: (Mendonça et al., 2002).

Remonta ao século XIX o início deste processo migratório, contudo em menor número do que se verifica no século seguinte. “A maioria dos imigrantes portugueses chegaram aos Estados Unidos vindos nas escunas baleeiras que antes de darem entrada nos portos americanos de New Bedford, Massachusetts, paravam para fazer escala nos portos Açorianos onde recrutavam homens” (Açorianas, 1989).

“Entre 1820 e 1850, segundo o (U.S Department of Justice, 1981) deram entrada nos Estados Unidos 1559, e em entre 1851 e 1860 foram admitidos 1055” (Açorianas, 1989). Estes números dizem-nos que neste período de tempo foram poucos os imigrantes que deram entrada nos Estados Unidos.

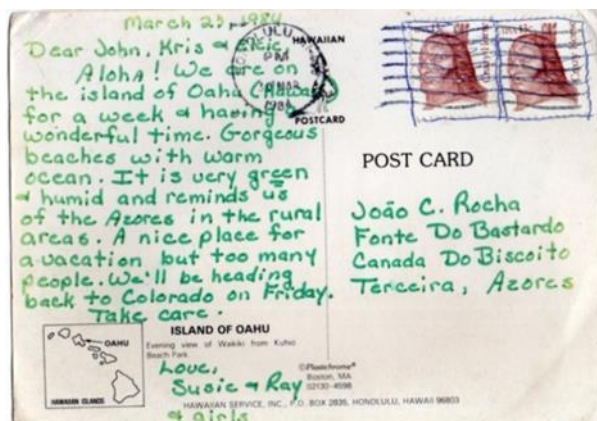


Figura 10: Postal escrito por familiares nos estados unidos e enviado para a Ilha Terceira no ano de 1984. FONTE: Autor.

A partir dos anos sessenta do século XIX verificou-se uma vaga crescente que durou até 1911. A figura n.º 9, além de nos dar as informações relativas ao número de imigrantes que entraram nestes países, também nos indica as regiões de preferência dos mesmos, “Onde no século XIX, eram as regiões do Pacífico e da Nova Inglaterra” (Açorianas, 1989).

A agricultura e a pesca foram, desde o início desta vaga migratória, as principais atividades às quais estiveram ligados os imigrantes portugueses, as atividades ligadas ao mar e ao comércio de peixe eram dominadas pelos portugueses, no estado da Califórnia, e o mesmo foi acontecendo em outras regiões como Rhode Island, Nova Inglaterra, Massachusetts, localidades onde os portugueses, na maioria Açorianos, se foram estabelecendo em grande número também. A citação seguinte foi feita por uma habitante de Massachusetts e mostra-nos bem esta última ideia:

O negócio da pesca passou nos últimos vinte anos quase completamente para as mãos dos portugueses. Eles são os donos dos barcos; capital português possui as lindas escunas de cem pés, tão belas como qualquer yacht: capitães portugueses comandam-nas, e homens portugueses manobram-nas. (Vorse, 1980:410)

Apesar de as anteriores serem as atividades mais importantes:

Deu-se início a uma nova tendência, o início do trabalho em fábricas ligadas à tecelagem, principalmente por parte das mulheres que ganhavam a vida como costureiras. Havia segundo os autores uma conjunção de todos estes trabalhos, o trabalho da pesca, com o das fábricas e agricultura (Açorianas, 1989).

Quanto à presença dos Açorianos no Canadá, e segundo o Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas, este processo constitui ainda uma constante histórica. A realidade é que, até à Segunda Guerra Mundial, o Canadá não constitui um destino marcante para os emigrantes portugueses, sendo o seu teor massivo um fenómeno já contemporâneo. “No início os contactos dos portugueses com este território foram esporádicos, e aos poucos é que se foram criando os atuais pontos de fixação destas comunidades” (Açorianas, 1989).

Tal como aconteceu com os açorianos que se foram instalando nos Estados Unidos e que trabalharam em atividades ligadas ao mar, o mesmo se sucedeu com os primeiros que se fixaram neste país⁸, ligados sobretudo ao mar.

O séc. XX foi decisivo em todo este processo migratório, que se fez das ilhas do Atlântico para a América do Norte, nos inícios dos anos cinquenta dava-se o ciclo de explosão migratória para os Estados Unidos e Canadá, como nos afirmam os autores Luís Mendonça e José Ávila.

Ao longo dos anos anteriores, as leis implementadas pelos países recetores, principalmente por parte dos Estados Unidos, tiveram como consequências várias restrições quanto à entrada de emigrantes em território americano, sobretudo após a segunda grande guerra, em que começam a ser negociadas tanto por parte dos países provenientes como dos países recetores, medidas que facilitaram a entrada dos emigrantes. “Como tais medidas pode-se apontar o envio obrigatório de contingentes, a qual nestes contingentes estavam sempre incluídos trabalhadores ligados a vários setores desde agricultura, caminhos-de-ferro, fábricas, ou seja, trabalhadores necessários e de interesse para os países recebedores” (Mendonça *etal.*, 2002).

O número de emigrantes a chegar ao território canadiano não foi sempre constante, o Canadá recebia em 1953, 167 mil imigrantes, em 1974 atingia o seu máximo, data que coincide com o período da revolução portuguesa⁹. No entanto, três anos depois, em 1977, o número descia consideravelmente, para nos finais da década de oitenta voltar a escalar. É na província de Ontário que se concentra o maior número de emigrantes, cerca de 250 000. (Mendonça *etal.*, 2002).

⁸ No Canadá.

⁹ O 25 de Abril.



Figura 11: Foto de família no Canadá, 1975. FONTE: Autor

A ideia anterior pode ser verificada com a seguinte citação: “Se, como alguém observou, existir uma 10^a ilha açoriana no Canadá, é precisamente nesta área da cidade que a podemos encontrar” (Mendonça *etal.*, 2002).

Nos Estados Unidos também se começou a verificar uma maior tolerância quanto à política migratória. Segundo os políticos americanos, a vinda dos Açorianos, principalmente terceirenses, era mais que justa, devido a grande utilização da base das lajes na Ilha Terceira, pelos Estados Unidos. Em 1953 saíram para os Estados Unidos cerca de 1455 portugueses, dos quais 598 eram açorianos. Entre os anos de 1955 a 1958 as saídas do arquipélago para este país registaram 800 pessoas, de todos os portugueses que abandonaram Portugal para residir nos Estados Unidos podemos dizer que mais de metade era açoriana. (Mendonça *etal.*, 2002).

O desastre natural do vulcão dos Capelinhos no ano de 1957 fez atingir números impressionantes, nesta emigração açoriana, obrigando a evacuação de muitos faialenses para este país, cerca de 5 164 emigrantes. (Mendonça *etal.*, 2002).

Em contexto nacional, os que mais beneficiaram desta emigração foram os açorianos, com efeito a partir de 1960 a emigração para os Estados Unidos crescia consideravelmente atingindo valores máximos entre 1966 e 1970 com uma média de mais de 7 mil saídas anuais (Mendonça *et al.*, 2002). E, ainda, segundo esta fonte: “Hoje em dia calcula-se que residem cerca de 1 milhão e 200 mil portugueses, a qual a Califórnia

vem em primeiro lugar com 275 mil, de seguida os estados de Massachussets e Rhode Island com cerca de 240 mil e 77 mil” (Mendonça et al., 2002).

Conclui-se que a emigração açoriana fica claramente bipolarizada entre o Canadá e os Estados Unidos numa proporção de 50% para cada país. Desta forma e, tendo em conta a ideia dita no início deste subcapítulo, as tradições insulares foram transpostas para o outro lado do atlântico através destas pessoas que tiveram de sair do seu país, da sua ilha, mas que levaram consigo e nunca se esqueceram da sua verdadeira identidade, da sua cultura e fizeram com que esta florescesse nestes países recetores. Esta situação é cada vez mais visível nos nossos dias, em que muitas tradições açorianas estão bem disseminadas nestes países, onde já hoje se observa muitas pessoas originárias desses países de acolhimento a participar nas tradições, como é o caso do Carnaval. Criam-se assim elos fortes de ligação entre estes dois mundos completamente diferentes.



Figura 12: Desfile das comunidades luso-americanas nos Estados Unidos da América. FONTE - <https://jornaldoluxemburgo.com/2022/01/portugal-deve-reforçar-?>

1.5. O ESPAÇO E O TEMPO (NAS ILHAS)

Apesar de serem conceitos diferentes, o espaço e o tempo estão relacionados. O espaço e o tempo são sentidos de formas muito diferentes pelas pessoas, aspectos como: o lugar onde vivemos, a cultura onde crescemos, as relações que mantemos, entre outros, têm muita influência na maneira como sentimos o espaço e o tempo. “Entre o espaço e tempo surge uma linguagem que não se vê e que é o sentido primário da comunicação” (Campos, 2014).

Para a melhor compreensão destes conceitos¹⁰, consultou-se o livro do antropólogo Norte-Americano Edward T. Hall *Dimensão Oculta*. Como refere Márcio de Campos, que estudou esta obra, Hall fala das culturas distintas entre si.

O autor desconstrói um conjunto de cenários de acordo com realidades culturais que originam reações particulares entre as pessoas e estas e o espaço, categorizando determinadas dimensões ocultas que, apesar de não serem consciencializadas, acontecem, sendo exemplo disso as quatro distâncias possíveis, segundo Hall na partilha do espaço: íntima, pessoal, social e pública. (Campos, 2014).

Todavia, este antropólogo aponta um aspeto fulcral na compreensão de espaço, as distâncias nos seres humanos são resultado de modificações sensoriais, dando como principal exemplo a intensidade da voz. Existe assim uma forte ligação entre a intensidade da voz e as mudanças das distâncias, pelo que, com as suas experiências, conseguiu identificar, tendo como base a intensidade da voz, as quatro distâncias principais: íntima, pessoal, social e pública.

As distâncias podem variar muito consoante a personalidade das pessoas e as características do meio ambiente no qual elas estão inseridas. Segundo Hall, cada um de nós possui, ainda, o que ele intitula como personalidades situacionais aprendidas, cuja forma mais simples se liga aos nossos comportamentos no decurso das tais relações íntimas, pessoais, sociais e públicas originadas pela distância.

Ao ler a obra deste autor facilmente se entende que estas distâncias divergem muito de indivíduo para indivíduo, de cultura para cultura, e do meio onde estamos inseridos,

¹⁰ Os conceitos do tempo e do espaço e como nos ajustamos a eles.

apesar de certas culturas possuírem numerosos traços culturais em comum, existem alguns pontos em que estas divergem bastante, como acontece com os comportamentos não conscientes. Como exemplo dessas diferenças, Hall refere que segundo as suas investigações, é notável que os americanos raramente reservam o tempo para seu uso próprio, os mesmos parecem ter horários mais carregados que os europeus e que se sentem menos apertados com o tempo em relação aos americanos. Os europeus dedicam mais do seu tempo às relações humanas, enquanto os americanos se importam mais com os horários.

Seguem-se alguns exemplos de viver o espaço e o tempo, relacionados com o habitar na ilha. Apesar de ser uma ilha, e por ser um território mais pequeno, a própria Terceira, o que se verifica também nas restantes ilhas do arquipélago, apresenta traços comuns que se manifestam em toda a sua população de 60 000 habitantes. Contudo, o espaço sente-se de formas diferentes por todo o território. Para quem nunca saiu da ilha e sempre viveu com as limitações dela, considera que ir ao outro lado da ilha, é uma viagem longa, enquanto um imigrante ajuíza que é uma viagem muito perto, pois estas distâncias são relativas dependendo do meio onde nos encontramos e daquilo a que estamos costumados.

Percorrendo todas as suas freguesias podemos verificar diferentes tipos de pronúncia, ou até mesmo no vocabulário, como palavras existentes apenas em certas localidades, isto é resultado do confinamento, ou seja, de grupos de pessoas que sempre viveram restritos aos seus lugares, criando desta forma certos termos menos comuns e originários dessas mesmas zonas. Aliás, este processo de confinamento foi e é muito responsável por esses tipos de “originalidades” e diferenças sentidas dentro da própria ilha.

É recorrente encontrarmos um grande número de lavouras e de lavradores, pessoas que trabalham e detêm numerosos gados, já que a ilha é favorável à existência de muitos cerrados extensos para a sua criação, no entanto podemos verificar que é nas zonas noroeste e oeste que as pessoas são mais ligadas a este tipo de atividades da terra e dos animais.

No decorrer das entrevistas para o trabalho de investigação foram vários os entrevistados que valorizaram o facto de nos Açores se conseguir aproveitar melhor o tempo, parece haver tempo para tudo, para o trabalho, mas também tempo para si

mesmos, ou seja tempo para viver. Isto é uma realidade muito presente em qualquer ilha dos Açores, onde o espaço e o tempo são sentidos de maneira completamente diferente que em qualquer outra parte do país. Isso advém de vários fatores entre eles: o facto de ser uma ilha, ser um meio mais pequeno, com menos população, ajudando na coordenação do seu dia-a-dia de uma forma mais tranquila. Isto, conduz a que as pessoas consigam ter tempo para os outros, uma maior dedicação às relações pessoais, para atividades de lazer, para viver a vida de um modo mais “*slow*”¹¹.

¹¹ “*Slow*” palavra frequentemente referida pelos emigrantes para descrever a vida na ilha e que denota a influência do idioma falado no território de acolhimento: Estados- Unidos.

2. METODOLOGIAS E VARIÁVEIS

2.1. AS ENTREVISTAS

No presente capítulo ir-se-á abordar a metodologia utilizada nesta investigação. Após algumas leituras acerca do assunto em questão, denotou-se que o método mais adequado para adotar neste trabalho de investigação eram as entrevistas, sobre as quais assenta a ferramenta fundamental de todo este trabalho¹².

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores (Ribeiro, 2008 p.141).

As entrevistas foram feitas a grupos distintos, pelo que surgem guiões diferentes quando se abordam os diferentes universos¹³. Existem três grupos de entrevistados neste trabalho: os entrevistados residentes na cidade do Porto; os residentes na Ilha Terceira e os emigrantes terceirenses nas comunidades portuguesas dos Estados Unidos e do Canadá. Participaram assim as faixas etárias dos 19- 25, dos 26-45, dos 46 aos 65 e, por fim, os indivíduos acima dos 66 anos. As faixas etárias não apresentam todo o mesmo número de participantes. Assim, percebe-se que houve maior facilidade nas entrevistas realizadas às faixas etárias mais novas, em que as pessoas se mostraram mais disponíveis para a sua realização. Com as faixas etárias mais velhas¹⁴ não se verificou a mesma situação, sendo por esse motivo que o número de entrevistados é menor, não apenas face ao contexto da pandemia como também face às medidas para proteção, que dificultaram a concretização das entrevistas. A estas limitações acresce o facto de não estarem conectados com as novas tecnologias, causando também um entrave no decorrer das entrevistas. O critério para a escolha dos entrevistados assentou em dois propósitos:

¹² Nas entrevistas.

¹³ Os entrevistados de Portugal continental; os residentes na Ilha Terceira e os emigrantes terceirenses nas comunidades portuguesas dos Estados Unidos e do Canadá.

¹⁴Os indivíduos acima dos 66 anos.

- Pessoas conhecidas, pertencentes ao meio envolventes da autora da tese, associando uma maior facilidade em realizar as entrevistas, uma vez que o contexto pandémico dificultou e restringiu a realização das mesmas;

- Pessoas que, por ligação e contacto próximo com as temáticas abordadas, mantiveram preservado o seu conhecimento, e que desta forma pudessem contribuir para o enriquecimento do trabalho.

Quanto à escolha do tipo de pergunta a ser realizada aos entrevistados¹⁵, o critério assentou nos diferentes temas, que se associam aos diversos grupos, para os quais se pretendiam objetivos diferentes e que serão apresentados posteriormente.

Nestes questionários existem dois tipos de perguntas: abertas e fechadas. Nas primeiras, os entrevistados têm liberdade para explicar e analisar, de forma mais ampla e pessoal, a temática. Desta forma, percebe-se também que é possível recolher informações que justifiquem as respostas dadas nas perguntas anteriores. Já nas questões fechadas existe um maior controlo nas respostas, não adicionando mais informação, apenas confirmando a já existente.

Segue-se uma análise resumida para cada um dos grupos, com o objetivo de caracterizar cada um deles, e deixar mais claro o que se pretendeu com cada um, apresentando desta forma as questões utilizadas nas diferentes entrevistas. Inicia-se, em primeiro lugar, com o grupo de entrevistados de Portugal continental, cujo teor das entrevistas assentou, sobretudo, em desmitificar certas ideias que os continentais adquiriram sobre os Açores ao longo do tempo. Sendo a autora açoriana, natural da Ilha Terceira. E tendo vivido alguns anos na cidade do Porto, foi-se apercebendo da existência de algumas ideias (ou até se lhes pode chamar “mitos”) que fogem à realidade vivida nestas ilhas.

O grupo que engloba os residentes da cidade do Porto, caracteriza-se por ser o grupo com maior número de participantes. Optou-se por dividir as pessoas pelas idades atrás mencionadas¹⁶, uma vez que as ideias mudam naturalmente, consoante as idades dos

¹⁵ Na sua totalidade 104 entrevistados.

¹⁶ As idades referidas no segundo parágrafo da primeira página deste capítulo.

participantes, e vê-se claramente que existem aspetos mais valorizados em certas idades do que noutras. A grande disponibilidade destas pessoas para colaborar nas entrevistas foi uma mais-valia para a organização e o decorrer destas últimas.

Ao longo das entrevistas registaram-se testemunhos de pessoas que já tinham estado nos Açores e na Ilha Terceira por diversos motivos, e desta forma obtiveram-se depoimentos mais reais, uma vez que houve um contacto com o local em estudo.

Segue-se o guião para os residentes da cidade do Porto:

- Qual a palavra que a seu ver descreve os Açores?
- Qual a primeira palavra que lhe vem à cabeça quando se fala em ilha?
- Acha que conseguiria viver numa ilha?
- Conhece ou já ouviu falar da Ilha Terceira? Se sim, em que situação?
- Na sua opinião acha que existe alguma vantagem em viver numa ilha?

Face às entrevistas referentes aos residentes na ilha Terceira, o principal objetivo passou pelo testemunho de quem lá vive, e o testemunho daqueles que nela vivem, tentando desta forma dar a conhecer a ilha, e desmitificar ideias pré-concebidas que não correspondiam à sua realidade. As entrevistas foram feitas a pessoas escolhidas, por estarem próximas e estabelecerem contacto com os patrimónios mais significativos, e que representam tão bem o “viver terceirense”, como o caso da festividade tradicional do Carnaval. As idades dos entrevistados neste grupo variaram, incluindo pessoas de todas as faixas etárias, uma vez que se trata de uma tradição que reúne desde os mais jovens aos mais idosos.

Importante será referir que, em vários testemunhos dos continentais, foi mencionada a tradição do Carnaval terceirense que, segundo os mesmos, se diferencia muito da vivida em Portugal Continental. Desta forma, destaca-se o Carnaval como um património

riquíssimo desta terra¹⁷ e merecedor de um destaque e divulgação maior, tornando-o o objeto de estudo principal¹⁸, uma vez que traduz a forma alegre do viver dos terceirenses, apreciado pelos continentais.

As perguntas destas entrevistas diferem entre si, uma vez que os questionários foram feitos a personagens com papéis distintos dentro do Carnaval, pelo que se procurou reunir diferentes testemunhos sobre este grande tema. Um deles foi Hélio Costa¹⁹, escritor responsável pela maioria dos enredos que atuam nos palcos da ilha, e uma figura importante do Carnaval da ilha Terceira, sendo por isso necessário outro tipo de questionário, já que exerce um papel diferenciador dos outros entrevistados. Segue-se o guião apresentado ao senhor Hélio Costa:

- Há quanto tempo participa nesta tradição?
- Quando surgiu o gosto de começar a escrever assuntos para as danças?
- Ainda se lembra da primeira experiência no Carnaval?
- O que, para si, torna único o Carnaval da ilha Terceira?
- Que experiências engraçadas ou marcantes têm tido durante estes anos?
- Acha que o Carnaval, ao longo dos anos, tem ganhado ou perdido a sua essência?

Ainda no mesmo grupo surgem entrevistas dirigidas a elementos também conhecidos do Carnaval terceirense, mas que desempenharam outros tipos de papéis, e daí a necessidade de mudar certas perguntas do guião; no caso seguinte, pessoas²⁰ que desempenham há muitos anos atividades de elaboração de cantigas e músicas.

¹⁷Ilha Terceira.

¹⁸No capítulo IV.

¹⁹Merecendo especial destaque no capítulo IV.

²⁰Hernâni Rocha desempenhando a função da escrita, e Flávio Rocha a função das melodias.

- Com que idade teve a sua primeira experiência num palco de Carnaval?
- Qual o papel que desempenhou no seu primeiro *Bailinho*?
- Como foi a experiência?
- A partir de que ano começou a fazer músicas para danças de Carnaval?
- A partir de que ano começou a escrever cantigas para danças de Carnaval?
- O que torna o Carnaval da Ilha Terceira único?
- Acha que existe uma evolução notória do Carnaval antigo para o Carnaval atual (qualidade de som, músicas, microfones, abundância das mesas²¹festivas)
- Uma palavra que descreva o Carnaval da Ilha Terceira;
- Acha que a cultura terceirense se encontra bem disseminada nas comunidades emigrantes?
- O que caracteriza o “ser Terceirense”?

As entrevistas terminam com os testemunhos dados pelos emigrantes que se viram compelidos a deixar a ilha, por diferentes motivos. Hoje em dia, muitas destas pessoas já têm uma família e uma vida construída nos países para os quais emigraram, neste caso Estados Unidos e Canadá, todavia nunca deixaram de sentir saudades e o desejo de voltar à sua terra natal. Também importantes são os testemunhos das pessoas que emigraram para estes países, mas voltaram passados vários anos. Na verdade, são muitas as famílias terceirenses que, no século passado, foram procurar melhores condições de vida e emprego para países como os Estados Unidos e Canadá, ficando por lá vários anos e

²¹ Designam-se por mesas festivas, as grandes mesas com grande variedade de comida, existentes em todas as sociedades, como forma de agradecimento aos dançarinos pela sua atuação. No final de cada atuação as danças dirigem-se para as mesas antes de partirem para outro palco.

voltando assim que conseguissem uma vida estável. Muitos dos filhos destas famílias nasceram já nestes países e voltaram ainda em crianças. Desta forma, podemos afirmar que este universo se caracteriza por pessoas com diferentes experiências de vida, sendo uma mais-valia para a análise das temáticas estudadas neste trabalho.

Os depoimentos dos emigrantes foram cruciais para se entender como é que as tradições terceirenses se disseminaram nos países recetores, neste caso o Carnaval, a tradição mais popular da Ilha Terceira, e tão acarinhada pelos continentais que a referiram várias vezes nas suas entrevistas. Como é que a tradição sobreviveu e sobrevive em territórios longínquos, e em mundos muito diferentes? Como se organiza? Quais as diferenças e semelhanças entre a origem e as comunidades nos países de receção?

- Acha que existem diferenças entre o Carnaval da Terceira e o Carnaval praticado nas comunidades portuguesas, como na sua zona?

- Como se vive o Carnaval na sua comunidade?

- Nota diferenças na tradição carnavalesca entre as diferentes comunidades portuguesas espalhadas pelo território no seu país?

- Existe algum tipo de associações fundadas por emigrantes terceirenses na sua comunidade?

- Em comunidades grandes existe uma maior dificuldade em organizar o Carnaval. A sua comunidade segue as regras e uma organização específica?

- Considera que viver o Carnaval na ilha Terceira, ou viver o Carnaval na terra de acolhimento é a mesma coisa?

Além das perguntas sobre a tradição do Carnaval, através das conversas com estes emigrantes, surgiu a necessidade de serem feitas outras questões, que se aproximavam da linha de pensamento dos continentais em alguns temas, sendo um deles a vida que se leva nas ilhas, nomeadamente no arquipélago dos Açores.

- Acha que o facto de viver nos Açores pode estar ligado a um estilo de vida mais saudável?
- Ao viver nos Açores, e por ser um sítio muito mais pequeno quando comparado a Portugal Continental, alguma vez sentiu falta de alguma coisa?
- Na sua opinião acha que existe alguma vantagem em viver numa ilha?
- Qual o ano em que emigraram?
- Qual o principal motivo para emigrarem?
- Voltaram à ilha? Se sim, por que motivo?
- No tempo em que emigraram as tradições terceirenses já estavam bem incluídas nas comunidades portuguesas?

2.2. VARIÁVEIS VALORIZADAS

O resultado das entrevistas veio mostrar os pontos mais enaltecidos desta região. Conclui-se, pois, que a maior parte dos entrevistados valoriza o facto de se viver nos Açores pelo: contacto com a natureza; hospitalidade; estilo de vida saudável e a segurança. Assim na criação das tabelas²², as respostas dos entrevistados encontram-se principalmente divididas entre estas quatro variáveis²³.

Dando ênfase ao parágrafo anterior, e como escreve a Secretaria Regional da Energia, Ambiente e Turismo

²² Onde são apresentados os resultados das entrevistas.

²³ Contacto com a natureza; hospitalidade; estilo de vida e segurança.

Os Açores assumem-se hoje, de forma vincada, como um destino com uma vivência europeia, no meio do Atlântico, reconhecido internacionalmente como ilhas vulcânicas preservadas, de natureza exuberante e beleza mística com importantes índices de exclusividade, segurança, tranquilidade, disponibilizando uma boa e diversificada rede de atividades em terra e no mar (Secretaria Regional da energia, 2019).

2.2.1. NATUREZA

O Arquipélago dos Açores é principalmente conhecido pela imensa natureza que impera nas suas ilhas, facto este que já se encontra bem comprovado e desenvolvido. As entrevistas colocam esta variável no topo das tabelas, uma vez que foi sem dúvida a mais indicada pelos entrevistados, através de diferentes termos, como se poderá confirmar ainda neste ponto. Para quem nasceu nestas ilhas, ou para quem as visitou há décadas atrás, pode afirmar que estas não são o mesmo nos dias de hoje, onde a natureza era e é, o pilar e um dos grandes sustentos da região, onde podemos destacar o turismo da natureza, que ao longo dos anos cresceu. O arquipélago dos Açores passou por uma evolução notória principalmente em duas das suas ilhas, a Ilha de S. Miguel e a Terceira, cuja evolução adveio em grande parte do crescente turismo sustentável que se fez sentir na região no início deste século. A região adaptou-se sempre à sua natureza, lutando pela preservação do seu património natural, sendo um dos objetivos a pouca intervenção do homem nas suas paisagens.

O encanto pela natureza dos Açores não é um fenómeno recente e tão pouco se restringe apenas entre fronteiras nacionais. A localização geográfica favorável, no meio do oceano Atlântico, e entre o continente Europeu e o continente Americano, permitiu também a pessoas provenientes de ambos os continentes como é o caso dos Ingleses, dos Franceses e dos Norte Americanos que, através das travessias transatlânticas, chegaram ao arquipélago, afirmando que foi “a natureza física Açórica que os mais impressionaram”. (Simas, 2013). Reforçando a ideia do parágrafo anterior, mais testemunhos de visitantes, em viagens feitas ora em trabalho ora por lazer, confirmaram que a sua estadia nos Açores, e o poder da sua natureza serviram para “curar males de saúde através dos benefícios da natureza física dos Açores” (Simas, 2013). “Um arquipélago que face à sua riqueza natural e ambiental é conhecido internacionalmente, e com um carácter distintivo a nível europeu” (Silva, 2017). Constituído por nove ilhas, todas elas diferentes, mas que

adotam uma realidade única quando se fala desta imensa imagem de marca que é a natureza.

Natureza que pode ser contemplada em diversos miradouros sobre o oceano, de onde se pode observar recortes de costa, as angras e as baías existentes, vistas deslumbrantes de paisagens inesquecíveis, lagoas, crateras de vulcões extintos, fumarolas e nascentes de água, os famosos campos verdes associados às pastagens, e os campos cultivados num ambiente de verdadeira tranquilidade e ausente da poluição. Os campos e a cor verde dominantes destas ilhas, também estes uma imagem de marca do arquipélago, nascem da fertilidade destas terras originando uma grande variedade de árvores, flores como é o caso de uma muito conhecida nesta região, a hortense (Azores Guide, 2016).

Os Açores são um verdadeiro santuário de natureza, onde existem imensas espécies de peixe, aves, onde cada vez mais são erguidas pelo governo regional reservas naturais destinadas a estas espécies e à preservação destes locais de natureza absoluta.

Associando o trabalho das entrevistas ao que foi falado nos parágrafos anteriores²⁴ encontra-se na figura n.º 13 os termos mais usados por parte dos entrevistados para descrever os Açores, sendo estes agrupados nesta primeira variável²⁵. Analisando de forma breve a figura n.º 13 uma vez que no capítulo 3 serão abordados pormenorizadamente todas as respostas, os termos, e as tabelas referentes às entrevistas, aparecem-nos na categoria da natureza, com referência a quatro termos: vaca; mar; paisagens e verde.

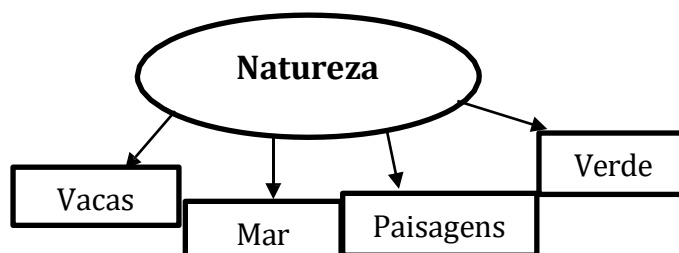


Figura 13: Esquema da variável da Natureza. FONTE: Autor.

²⁴ Sobre a variável da natureza.

²⁵ Natureza.

2.2.2. ESTILO DE VIDA SAUDÁVEL

Ao longo das conversas com os residentes da cidade do Porto, e independentemente das suas faixas etárias, notou-se que grande parte destes autenticaram como sendo uma grande virtude o estilo de vida associado ao facto de se viver nos Açores, facto este também associado ao forte contacto com a natureza e a vida longe dos grandes aglomerados e das grandes cidades.

Existe assim um reconhecimento de que as ilhas oferecem um estilo de vida mais saudável. Atualmente, as ilhas encontram-se dotadas de todos os bens necessários para que haja condições de vida para todos os indivíduos, existindo tudo, mas em escalas muito menores do que em território continental. Importante referir que, dentro do próprio arquipélago, se notam as diferenças de ilha para ilha, e conforme a sua dimensão territorial e o seu número de habitantes, estas escalas também podem variar, juntando a isto²⁶, o viver em tranquilidade, que muitas vezes falta nas grandes cidades, como nos apontaram os entrevistados, residentes da cidade do Porto e os emigrantes nas comunidades portuguesas na América do Norte.

Reforçando a ideia anterior, e segundo o site *byAçores* que enumera mais uma vez as vantagens associadas ao viver nestas ilhas e ao seu ambiente saudável, vantagens que passam principalmente pela “ausência de trânsitos caóticos, menos população, a forte ausência de poluição” (Viver nos Açores, 2017).

Na figura n.º 14 encontram-se os termos mais usados pelos entrevistados para descrever o estilo de vida, destacando-se: sossego; paz; natureza; menor poluição e a tranquilidade.

²⁶ Os bens necessários de ilha para ilha conforme o seu território e a sua população.

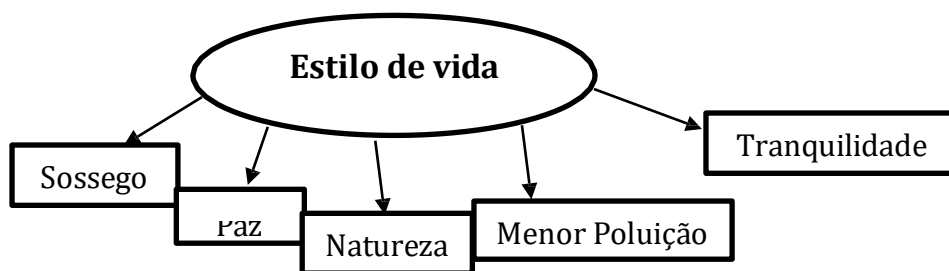


Figura 14: Esquema da variável Estilo de vida. FONTE: Autor.

2.2.3. HOSPITALIDADE

A hospitalidade é um termo que tem sido recorrentemente usado sobretudo para a área do turismo. Os investigadores têm-se dedicado, nos dias de hoje, à tentativa de alargar este conceito e na definição dos seus principais parâmetros (Franco & Prado).

A hospitalidade é essencialmente vista como uma forma de relação humana baseada na ação recíproca entre visitantes e anfitriões. Sempre que os humanos se relacionam, mesmo para a realização de atividades práticas ligadas a receber ou visitar alguém ou um local, o relacionamento depende dos valores daqueles que estão interagindo, ou seja, depende dos princípios que orientam as condutas dos envolvidos na relação. (Praxedes, 2004 p.2) citado por (Oliveira et al., 2009).

Desta forma, entende-se por hospitalidade a forma como são acolhidas as pessoas quando chegadas a destinos que não os seus, onde lhes são proporcionadas condições favoráveis para o seu acolhimento. Este conceito é considerado cada vez mais como essencial para os destinos turísticos, uma vez que pode ditar a vontade de voltar por parte dos visitantes.

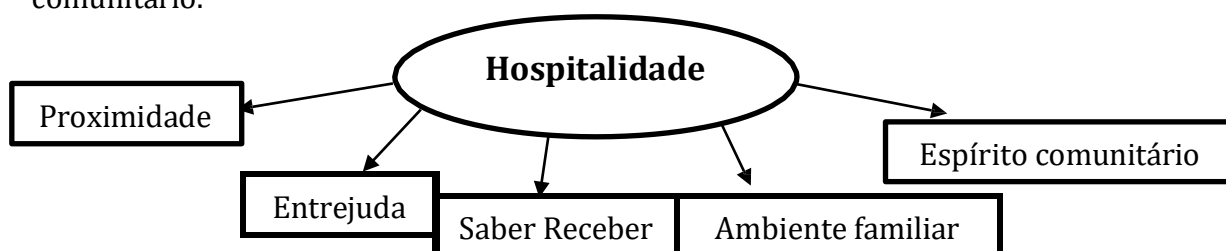
Voltando ao Arquipélago Açoriano, o governo regional fala-nos acerca deste conceito onde nos diz que, “atingir a verdadeira sustentabilidade através do turismo, proporcionando aos nossos visitantes uma experiência de convidados especiais em ambientes naturais, recebendo-os com carinho e cortesia genuínos, para que a experiência dos Açores lhes deixe saudade e os faça voltar”. (Viver nos Açores, 2017).

Cruzando o trabalho das entrevistas com os parágrafos anteriores, a hospitalidade foi um termo muito utilizado, em que foram mencionados os seguintes termos: o receber bem

e a entreatajuda para descrever os habitantes destas ilhas. Por todo o arquipélago é visível a forma calorosa como recebem as pessoas que os visitam, uma virtude que parece ser mais comum em sítios pacatos e pequenos e muito característica dos Açorianos, mas também podendo ser comparada às pequenas cidades do interior de Portugal Continental, onde as pessoas vivem mais em comunidade, tendo uma relação mais próxima com vizinhos e com a sua área de residência, havendo desta forma mais entreatajuda e sensibilidade para com o outro, e onde nos conseguimos aproximar mais do verdadeiro conceito de comunidade. Uma virtude que não deverá ser perdida, e que segundo o governo regional é fulcral, porque suscita a saudade das experiências vividas, e a vontade de voltar à ilha.

Apesar de em todas as ilhas esta característica ser notória, é o caso da Ilha Terceira que se dará mais foco, uma vez que é esta a ilha a ser estudada neste trabalho. Falando agora na primeira pessoa²⁷, o conceito parece fazer mais sentido quando se fala desta ilha em específico. O reconhecido espírito do povo terceirense, caracterizado por: alegre, festivo, e acolhedor adverte também das muitas festividades que ocupam o calendário anual da ilha. Considerando-se a autora ela mesma como testemunha disso, uma vez que foram várias as pessoas que lhe falaram sobre a forma particular deste povo para receber os outros, utilizando expressões como: “Recebem-nos como se nos conhecessem desde sempre” ou “Sentimo-nos como se estivéssemos nas nossas próprias casas”.

Segue-se na figura abaixo os termos mais referidos desta variável pelos entrevistados, entre eles: entreatajuda; saber receber; ambiente familiar; proximidade e espírito comunitário.



²⁷ Dando a minha opinião sobre o conceito da hospitalidade na Ilha Terceira, como residente e Açoriana Terceirense que sou.

Figura 15: Esquema da variável Hospitalidade. FONTE: Autor.

Seguem-se as restantes categorias que compõe as tabelas, entre elas: cultura; produtos regionais/gastronomia e os atributos/nomes.

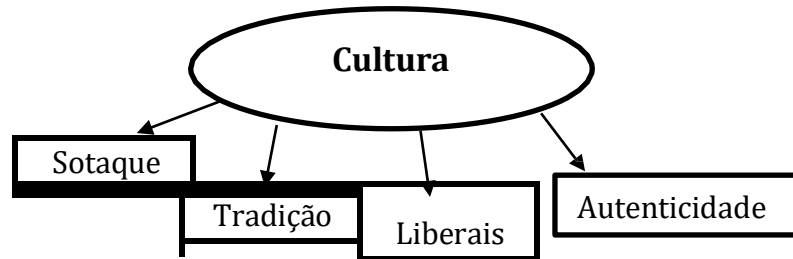


Figura 16: Esquema da variável da cultura. FONTE: Autor.

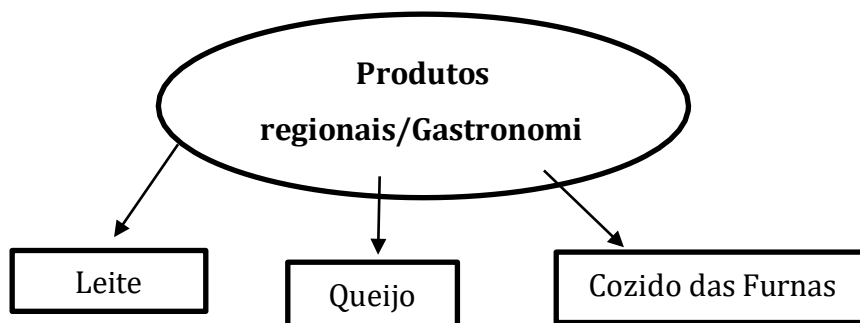


Figura 17: Esquema da variável dos Produtos regionais/ Gastronomia. FONTE: Autor.

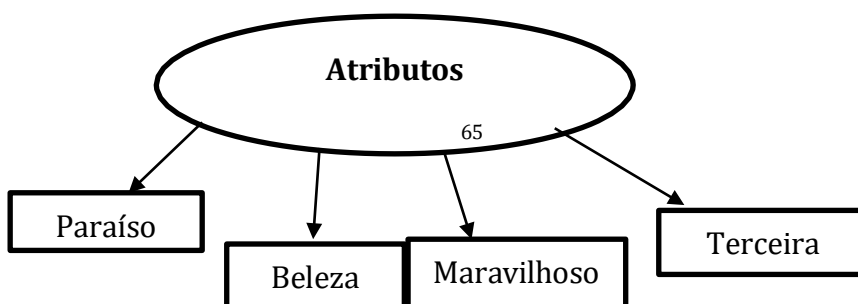


Figura 18: Esquema da variável atributos/nomes. FONTE: Autor.

Apesar de serem variáveis menos utilizadas, e aparecendo apenas em algumas tabelas, porque foram úteis somente em certas questões, conseguiu-se também reunir um conjunto de termos significativo e diferenciados entre si. Conclui-se que as variáveis que se apresentam nas tabelas incluem variados campos, não se limitando apenas as categorias que se consideram mais comuns por serem mais mencionadas como é o caso: natureza; estilo de vida e a hospitalidade. Desta forma e com ajuda destes esquemas é possível perceber os termos mais frequentes por cada categoria, realçando o que pode ser mais valorizado na vida açoriana entre os vários entrevistados.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS

No presente capítulo apresenta-se a análise e discussão de dados, tendo subjacentes as perguntas²⁸ formuladas, no contexto da investigação, aos entrevistados da cidade do Porto. Os resultados das mesmas foram organizados em tabelas, correspondentes a cada questão. Os dados serão discutidos de forma conjunta, entre todas as faixas etárias, pelo que se possuem as vantagens de conseguir estabelecer comparações entre eles, sendo que por outro lado, muitos dos termos utilizados pelas diferentes faixas etárias são os mesmos e apresentam o mesmo significado, evitando a repetição de informação.

Seguem-se os principais objetivos das perguntas:

- a) Entender a visão dos habitantes da cidade do Porto relativamente aos Açores;
- b) Entender se estes conseguem associar ou identificar algo específico desta região;
- c) Entender por que razão e de que forma surgem certas ideias, muitas vezes, irrealistas sobre a vida nas ilhas.

Também já mencionado no capítulo anterior²⁹, fluíram através das entrevistas realizadas as variáveis que compõem cada uma das tabelas. Ao longo da discussão dos resultados depreende-se que existem variáveis que prevalecem a outras, porque se apresentam, múltiplas vezes, como primeira opção dos entrevistados.



²⁸Estas perguntas encontram-se descritas no capítulo anterior.

²⁹Análise às entrevistas formuladas aos habitantes da cidade do Porto.

3.1. ANÁLISE DA PERGUNTA 1: QUAL A PALAVRA QUE A SEU VER DESCREVE OS AÇORES?

A entrevista inicia-se com a seguinte pergunta: “Qual a palavra que a seu ver descreve os Açores?”. Esta pergunta tem como principal objetivo suscitar no entrevistado uma resposta transparente, não planeada, suscitando assim as primeiras “impressões”, dando liberdade e facilidade ao entrevistado, na sua resposta, para mencionar o que de mais familiar lhe transmite a região.³⁰

Tabela 1: Tabela referente à primeira pergunta da entrevista: “Qual a palavra que a seu ver descreve os Açores?”

Categorias	Faixa Etária (anos)							
	18-25 (n=48)		26-45 (n=26)		46-65 (n=16)		> 66 (n=14)	
	Resposta	Freq.	Resposta	Freq.	Resposta	Freq.	Resposta	Freq.
 Natureza	Natureza	11	Contacto natureza	c/ 6	Contacto natureza	c/ 2	Contacto natureza	c/ 2
	Verde	5	Paisagens	3	Verde	1	Paisagens	1
	Mar	1	Verde	2	Verdura	1	Ilha	1
	Lagoa	1	Verdura	1	Arquipélago	1	Flores	1
	Ar Livre	1	Mau tempo	1			Mau tempo	1
	Campos	1	Arquipélago	1				
	Vaca	5	Pássaros	1				
	Ilha	3						
	Paisagem	3						
	Vegetação	1						
Património Natural	1							
Total		33		15		5		6
 Estilo de Vida	Qual. de vida	1	Tranquilidade	1	Tranquilidade	2	Vida calma	1
	Tranquilidade	3	Paz	1	Vida calma	2		
Total		4		2		4		1

³⁰Mostrou-se um ponto a favor na escolha de variáveis, mostrando as temáticas mais suscitadas e valorizadas, e abrindo caminho então nessa escolha, e que se refletiu nas restantes perguntas.

Tabela 2: (Continuação) “Qual a palavra que a seu ver descreve os Açores?”

Categorias	Faixa Etária (anos)							
	18-25 (n=48)		26-45 (n=26)		46-65 (n=16)		> 66 (n=14)	
	Resposta	Freq.	Resposta	Freq.	Resposta	Freq.	Resposta	Freq.
Hospitalidade	Alegria	1	Alegria	1				
								
Total								
Cultura	1	1	Sotaque	1	Tradição	1		
								
	Autenticidade	1						
	Liberais	1						
	Bandeira	1						
Total		4		1		1		
			Queijo	2	Queijo	1	Queijo	1
			Cozido das Furnas	1				
Produtos Regionais			Leite	1				
								
Total				4		1		1
Atributos	Paraíso	3	Beleza	2	Paraíso	1	Paraíso	1
								
	Fantasia	1	Magnifico	1	Beleza	2	Beleza	5
	Beleza	2	Maravilhoso	1	Cor	1		
Total		6		4		4		6

A tabela acima é alusiva à primeira questão, e de forma a tornar mais perceptível e pormenorizar a análise destes dados, encontram-se as palavras referidas pelos

entrevistados. A categoria que se sobrepõe a todas as outras, no geral³¹: a Natureza. A grande valorização pela natureza tem um grande destaque, sendo ela o principal fator associado aos Açores, como veremos ao longo deste capítulo³². Analisando a primeira categoria, faixa etária: **18 > 25**. Um total de 48 entrevistados, 33 dos quais optaram pela mesma categoria. Seguem-se os termos mais utilizados entre eles:

- a) Natureza: (11 menções)
- b) Verde: (5 menções)
- c) Vaca: (5 menções)
- d) Paisagens: (3 menções)
- e) Ilha: (3 menções)
- f) Mar: (1 menção)
- g) Ar livre: (1 menção)
- h) Campos: (1 menção)
- i) Lagoas: (1 menção)
- j) Vegetação: (1 menção)
- k) Património Natural: (1 menção)

Esta foi a faixa etária que mais optou pela categoria da Natureza. A biodiversidade da mesma, a sua riqueza expressa em diversos elementos, pormenorizando até diferentes tipos de natureza existentes na região.

A mesma situação também se verifica com a faixa etária dos **26 > 45** anos: Num total de 26 participantes, 15 deles optaram também pela categoria da natureza. Os termos mais utilizados foram os seguintes:

- a) Contacto com a natureza: (6 menções)

³¹ Em todas as faixas etárias verifica-se a categoria da natureza, como primeira opção.

³² A valorização pela natureza.

- b) Paisagens: (3 menções)
- c) Verde: (2 menções)
- d) Verdura: (1 menção)
- e) Mau tempo: (1 menção)
- f) Arquipélago: (1 menção)
- g) Pássaros: (1 menção)

Destaque-se um termo importante nestes últimos dados: a palavra “contacto”. Este termo, usado regularmente, vem reforçar a ideia de quão essencial é a natureza, o que se pode traduzir na “necessidade” de pessoas, que vivem em lugares como as grandes cidades, a valorizarem, dando o exemplo da saúde, no qual a natureza pode desempenhar um papel importante. Alguns dos termos repetem-se independentemente das faixas etárias, termos como paisagens; verde; verdura e arquipélago, tendo opinião de que existem características que são facilmente associáveis aos Açores. Vão surgindo também novos termos como é o caso de mau tempo³³.

Segue-se a faixa etária correspondente aos 46> 65 anos, cujo grupo comparado com o anterior é menor, contando com um total de 16 entrevistados. Quanto à primeira variável obteve 5 menções. Nesta faixa etária, os termos que mais surgiram foram os seguintes:

- a) Contacto com a Natureza: (2 menções)
- b) Verde: (1 menção)
- c) Verdura: (1 menção)
- d) Arquipélago: (1 menção)

Pode-se identificar uma tendência para certos termos, verificando a não existência de nenhum diferente dos já referidos. É constante associar o verde, a verdura, e o contacto com a natureza a esta região.

Concluindo a primeira categoria, segue-se a faixa etária correspondente aos 66>..., com um total de 14 participantes. Nesta faixa etária, a categoria da natureza obteve um

³³ Segundo os entrevistados é recorrente ouvir-se que nos Açores há mau tempo.

total de 6 menções. Nestas idades, manifestam-se duas categorias: natureza e os “atributos”. Os termos recorrentes foram:

- a) Contacto com Natureza: (2 menções)
- b) Paisagens: (1 menção)
- c) Ilha: (1 menção)
- d) Flores: (1 menção)
- e) Mau tempo: (1 menção)

Ao longo desta primeira análise, percebe-se que as palavras usadas pelos entrevistados não se afastam do verificado anteriormente, podendo afirmar-se a existência de certas palavras-chave, termos muitos utilizados pelos entrevistados, e nas quais se centralizam as principais ideias e crenças sobre a região. Nesta faixa etária, evidencia-se o gosto pela natureza, uma vez que a natureza se mostra uma aliada para um estilo de vida saudável, capaz de trazer benefícios para a saúde, como tranquilidade, paz, serenidade.

A segunda variável, que nos aparece na tabela, corresponde ao **Estilo de Vida**. É possível encontrar esta variável em todas as tabelas da entrevista, pelo facto de os entrevistados associarem facilmente a vida na ilha, a um estilo de vida mais saudável³⁴.

Segundo os dados da faixa etária dos **18>25**, os entrevistados escolheram, como primeira opção, o Estilo de vida saudável, utilizando os termos:

- a) Qualidade de vida: (3 menções)
- b) Tranquilidade: (1 menção)

O facto de serem pessoas de uma geração mais nova, poderá ter influência na escolha de certas categorias a outras, e poderá justificar-se também assim a pouca afluência de entrevistados jovens a esta categoria. Contudo, foram ditos alguns termos importantes: qualidade de vida que, por sua vez, engloba outro termo aqui mencionado: tranquilidade.

³⁴ A Natureza é um dos grandes suportes desse mesmo estilo de vida.

A qualidade de vida é um fator determinante na escolha do sítio para viver, e um aspeto cada vez mais procurado. Nas entrevistas, o arquipélago é visto, quando conjugados vários elementos, como um lugar ideal para se obter essa mesma qualidade de vida. Alguns exemplos dados pelos entrevistados: tranquilidade; menor *Stress*; a paz; a existência dos bens essenciais para o normal funcionamento da vida quotidiana.

Regista-se na faixa etária seguinte, **26>45** anos, um número menor de entrevistados na variável em discussão. No total de 26 apenas 2 optaram pelo estilo de vida. Os termos registados:

- a) Tranquilidade (1 menção)
- b) Paz (1 menção)

Pode-se afirmar que os termos utilizados nesta variável se encontram associados ao estilo de vida longe do *Stress*: a tranquilidade e a paz, através das quais se pretende valorizar também o grande benefício que estas podem ter na saúde.

Quanto às faixas etárias compreendidas entre os **46>65** anos, obtiveram-se quatro referências, surgindo os termos:

- a) Tranquilidade: (2 menções)
- b) Vida calma: (2 menções)

Verificamos, novamente, termos já mencionados, por diferentes idades, como o caso da tranquilidade. O termo “vida calma”, aparece ao considerar-se o estilo de vida que muito caracteriza as ilhas açorianas.

Expressões como “ter tempo que sobra” são usadas pelos entrevistados, pelo facto de haver uma maior facilidade no controlo do dia-a-dia.

Termina-se com a faixa etária dos **66>...** na qual se regista apenas uma menção. Não diferente das outras, surge-nos o termo:

- a) Vida calma: (1 menção)

A hospitalidade é a categoria que se segue na tabela. Apesar de ser a variável que menos foi mencionada, é vista como uma vantagem para quem visita estas ilhas. A ilha Terceira destaca-se fortemente nessa característica, sendo muito conhecida pela sua maneira especial de receber as pessoas: alguns testemunhos usaram até mesmo expressões como: “recebem-nos como se fossemos da família”.

Regista-se, na primeira faixa etária, uma referência a esta variável:

a) Alegria (1 menção)

Repare-se que os entrevistados que utilizam esta expressão para descrever os Açores, normalmente já visitaram algumas ilhas do arquipélago, caracterizando assim o modo alegre de como as pessoas vivem a vida nestas ínsulas³⁵.

Segue-se a faixa etária dos **26** aos **45** anos, na qual não houve nenhuma menção na variável da hospitalidade. Este é um facto que se repete, algumas vezes, ao longo da análise dos resultados, levando à conclusão de que se opera com grupos de pessoas muito diferentes entre si, e as suas opções passam muito por causas, entre elas: idade; gostos e experiências de vida, fazendo sobrepor certas categorias a outras.

Na faixa etária dos **46** aos **65** anos, registou-se também apenas uma menção, já falada anteriormente:

a) Alegria (1 menção)

Este é um termo muito comum, manifestando-se entre as várias idades. É consensual, entre os entrevistados, que a alegria é um verdadeiro distintivo destas gentes, bem presente na forma como convivem entre si, e com os outros que não conhecem.

Terminando com a faixa etária dos **66>...**, não se obteve nenhum termo relacionado com a categoria. Apesar de nesta questão a categoria não ser mencionada, isso não se verifica noutras perguntas, onde a hospitalidade se destaca.

³⁵Principalmente a Ilha Terceira.

A **cultura** é a variável que se segue na tabela n.º 1. O facto de estas serem ilhas, e por terem sofrido como dizem autores como Vitorino Nemésio, o chamado insulamento, que as “isola” do mundo, torna-as mais resistentes e genuínas. Pode-se encontrar vários tipos de cultura: gastronomia; paisagem; tradições populares; crenças populares; artesanato, arquitetura, festividades, entre outras, tradições estas muitas vezes moldadas na história da própria ilha.

Da faixa etária dos **18 aos 25**, os termos utilizados foram:

- a) Sotaque (1 menção)
- b) Autenticidade (1 menção)
- c) Liberais (1 menção)
- d) Bandeira (1 menção)

As respostas acima tocam em diferentes aspetos da cultura. O sotaque, que é muito diferente de ilha para ilha, é visto como um grande elemento diferenciador, no sentido que, através dele, se consegue distinguir os habitantes das ilhas. Segue-se a “Autenticidade”, para descrever a capacidade de transformar e criar, na ilha, oportunidades para uma adaptação à realidade que se vive na mesma, como nos diz Vitorino Nemésio citado por Urbano Bettencourt³⁶.

Quanto aos últimos termos: “liberais” e “bandeira” aproximamo-nos de aspetos de carácter histórico. Importante é referir que estas ilhas são dotadas de uma forte história. A ilha Terceira foi considerada capital do reino durante a guerra civil que o país atravessou entre 1828 -1834. Um período marcado por lutas entre os Liberais³⁷ e Absolutistas³⁸.

³⁶<https://www.dn.pt/lusa/termo-acorianidade-de-vitorino-nemesio-representa-o-modo-de-ser-acoriano-10198361.html>

³⁷Liderados por D. Pedro IV e fixados na Ilha Terceira.

³⁸Liderados por D. Miguel I.

Quanto à bandeira, segundo as entrevistas, destaca-se que é composta pelo Açor³⁹, nove estrelas⁴⁰ num fundo azul e branco⁴¹.

Na faixa etária dos **26> 45** anos, surge uma referência à variável da cultura:

a) Sotaque (1 menção).

O sotaque mencionado de novo, muito característico, é facilmente reconhecível por quem o ouve, associando-o aos Açores. No entanto, existe uma grande tendência por parte do povo português⁴² em associar o sotaque da Ilha de S. Miguel ao sotaque dos Açores, sendo que nos Açores não existe apenas um sotaque, mas nove variantes que albergam diferentes expressões, divergindo muito de umas para as outras.

Na faixa etária dos **46>65** anos, registou-se o seguinte termo:

a) Tradição

O facto de serem ilhas, e sofrerem do processo a que os autores chamam de “insulamento”, leva a que as tradições se mantenham inalteradas e perdurem, enraizando-se de uma forma mais vigorosa. Ao fazer as entrevistas, os participantes que mencionaram o termo tradição, descrevem-na como sendo uma tradição mais enraizada, pelo facto de ser praticada na ilha e “isolada” de outras regiões.

Segue-se, na tabela, a variável da **gastronomia/ produtos regionais**. Apesar de associarmos os Açores aos produtos como o queijo, o leite, as manteigas, os produtos derivados do leite, é importante dizer que cada uma das ilhas Açorianas contém os seus pratos tradicionais, e formas diferentes de confeccionar produtos, o que leva a uma riqueza da gastronomia desta região.

³⁹Uma ave que era muito comum nos Açores, aludindo para a sua importância.

⁴⁰Representando todas as ilhas do arquipélago.

⁴¹O azul dominante dos Açores.

⁴²Habitantes de Portugal Continental.

Iniciando com a faixa etária dos **18>25**, não se registou qualquer referência a esta variável. Como já se pode observar também, nem todas as variáveis se manifestam da mesma forma para os entrevistados. Existem, assim, umas que mais se enquadram em certas idades, umas que se enquadram mais noutras, sendo que ainda dentro da mesma faixa etária se consegue perceber que existem diferenças, dependendo muito dos “gostos” pessoais de cada pessoa.

Na faixa etária dos **26>45**, registam-se quatro menções na variável da gastronomia, com os seguintes termos:

- a) Queijo: (2 menções)
- b) Cozido das furnas: (1 menção)
- c) Leite: (1 menção)

Nesta faixa etária, são referidos, pelos entrevistados, alguns dos produtos “ex-líbris” da região. É importante diferenciar os produtos regionais, dos pratos tradicionais. Por diferentes, entenda-se quando se fala da maneira como são preparados, confeccionados, as suas finalidades etc. Como exemplo, o leite e o queijo que são produtos regionais e, por outro lado, o cozido das furnas, que é um prato tradicional da ilha de S. Miguel, ou a Alcatra, prato tradicional da ilha Terceira.

Quanto às faixas etárias que se seguem **26> 45**, **46> 65** e dos **66> ...** regista-se o mesmo termo nas três faixas etárias:

- a) Queijo (1 menção)

Ao longo das entrevistas, foi possível identificar marcas de produtos regionais, no caso do queijo, dando exemplos como: queijo *Terra Nostra*, o *queijo da Ilha* e o *queijo Milhafre*, e o *queijo Nova Açores*. Conclui-se que as pessoas conhecem marcas específicas de produtos regionais açorianos, tendo até algum tipo de cuidados ao escolher este tipo de produtos, quando no mercado, tendo especificada a escolha dos mesmos.

Entramos agora na última categoria que finaliza esta primeira questão da entrevista, esta categoria adquire o nome de “**atributos**”⁴³, sendo uma das variáveis que mais se destacou em todas as faixas etárias, incluindo respostas muito diversificadas.

Observando a tabela, e as diferentes faixas etárias, e com o intuito de tornar mais compreensíveis e não repetitivos os dados, conclui-se que existem termos que são utilizados pelas diferentes faixas etárias, destacando-se:

a) Paraíso (5 menções)

b) Beleza (11 menções)

Estes dois termos aparecem em todas as faixas etárias, exceto na faixa etária compreendida dos **26 > 45**⁴⁴ vejamos:

a) Faixa etária 18 > 25: Paraíso (3 menções); Beleza (2 menções)

b) Faixa etária 26 > 45: Beleza: (2 menções)

c) Faixa etária 46 > 65: Paraíso (1 menção); Beleza (2 menções)

d) Faixa etária 66 > ... Paraíso (1 menção); Beleza (5 menções)

Estes termos encontram-se ligados, já que os entrevistados associam o paraíso a algo de grande beleza, e por isso a criação desta ideia de paraíso sobre a região.

Quanto aos outros termos que compõem esta variável, designam-se pelos seguintes:

a) Cor – Faixa etária dos 26 > 45 (1 menção)

b) Maravilhoso – Faixa etária dos 26 > 45 (1 menção)

c) Fantasia – Faixa etária dos 18 > 25 (1 menção)

⁴³A categoria em questão adquire este nome, para podermos registrar aquilo que chamamos de “sentimentos” abstratos que foram muito mencionados no decorrer das entrevistas.

⁴⁴Ao contrário do que vemos nas restantes faixas etárias, em que nos aparecem sempre estes dois termos juntos, nesta apenas temos a referência ao termo beleza.

d) Magnífico – Faixa etária dos 26 > 45 (1 menção)

Todos estes termos referidos aludem-nos para características da paisagem. No decorrer das entrevistas, os entrevistados, que os mencionaram, relacionaram-nos com as características da paisagem natural, como a cor, pelo imenso impacto do verde nestas paisagens; a fantasia, por estes lugares se assemelharem a locais dos contos, aquela paisagem típica de montanha, no meio da natureza, “bosque”; e o magnífico e maravilhoso, que nos transmitem estas ilhas, não só para as pessoas que já as visitaram, como para aquelas que nunca o fizeram, mas que através de meios de comunicação, televisão, revistas, jornais, *internet*, adquiriram essa ideia, e têm o desejo de um dia conhecer os Açores.

3.2. ANÁLISE DA PERGUNTA 2: QUAL A PRIMEIRA PALAVRA QUE LHE QUE LHE VEM À CABEÇA QUANDO SE FALA EM ILHA?

A tabela seguinte corresponde à segunda pergunta da entrevista **“Qual a primeira palavra que lhe que lhe vem à cabeça quando se fala em ilha?”**

Tal como a primeira pergunta, esta também tem como principal objetivo suscitar nos entrevistados uma resposta transparente, sem planeamento, dando-se aqui valor às primeiras “impressões”. Respondendo espontaneamente, dá-se a liberdade e facilidade, aos entrevistados, de mencionar o que mais de familiar lhe transmite a região, sendo importante perceber a ideia que estes concebem: o que é estar numa ilha; viver numa ilha; ou se não têm mesmo qualquer tipo de opinião formada acerca do assunto, o que claramente influenciará os resultados, e a forma como divergem entre si. As suas respostas tornaram-se, mais uma vez, essenciais na escolha das variáveis, não divergindo muito das anteriores. Note-se uma diferença da tabela anterior para esta, em que a variável da gastronomia desaparece, para dar lugar à variável dos nomes⁴⁵.

⁴⁵Carateriza-se principalmente por conter nomes próprios das ilhas açorianas, que os entrevistados referiram.

Tabela 3: Tabela referente à pergunta da entrevista: “Qual a primeira palavra que lhe vem à cabeça quando se fala em ilha?”







Faixa Etária (anos)	18-25 (n=48)	26-45 (n=26)	46-65 (n=16)	> 66 (n=14)
Categorias	Resposta Freq.	Resposta Freq.	Resposta Freq.	Resposta Freq.
Natureza 	Mar	Mar 6	Mar 4	Mar 3
	Ilha 13	Natureza 1	Verde 1	Ilha 1
	Arquipélago 2	Verde 1		Natureza 2
	Areia 2	Campos 2		
	Floresta tropical 1			
	Vulcão 1			
	Total	20	10	5
Estilo de Vida 	Comunidade reservada 1	Paz 2		Tranquilidade 1
		Tranquilidade 1		Sossego 1
	Bem-estar 1			
	Descanso 1			
	Sossego 1			
	Paz 5			
	Total	5		3
Hospitalidade 		Pessoas Felizes 1		Afeto 1
Total		1		1
Cultura 	Férias 3		Tradição 1	Turismo 1
	Turismo 1		Férias 2	S. Miguel 1
Total	4		3	2

Tabela 4: Continuação da tabela referente à pergunta da entrevista: “Qual a primeira palavra que lhe vem à cabeça quando se fala em ilha?”.

Categorias	Faixa Etária (anos)							
	18-25 (n=48)		26-45 (n=26)		46-65 (n=16)		> 66 (n=14)	
	Resposta	Freq.	Resposta	Freq.	Resposta	Freq.	Resposta	Freq.
Nomes 	Terceira	1	Terceira	1				
	Madeira	1	São Miguel	1				
			Faial	1				
	total	2		3				
Atributos 	Isolado	10	Isolado	4	Isolado	5	Bonito	1
	Paraíso	2	Paraíso	1	Paraíso	2	Solidão	1
	Mundo à parte	1	Pedaço de terra	1	Mistério	1	Isolado	1
	Limitação	1	Pequeno	1	Bonito	1		
	Afastado	1						
	Pequeno	1						
	total	16		7		9		3

Iniciando-se a tabela com a categoria da **Natureza**, como se observou na tabela anterior, a variável encontra-se em primeiro lugar, reforçando a sua importância para a região.

Analisar-se-ão os termos mais utilizados pelos entrevistados e que transpuseram as diferentes faixas etárias:

- a) Mar (26 menções)
- b) Natureza (4 menções)

c) Ilha (3menções)

d) Verde (2 menções)

Estes são os termos que nos aparecem com mais frequência entre as faixas etárias, mostrando-nos que existem certas características que são comuns, não apenas para um conjunto de pessoas com idades semelhantes, mas também entre idades diferentes.

Segundo a tabela, destaca-se o termo: mar, a contabilizar o maior número de menções em todas as faixas etárias. O facto de a ilha ser toda rodeada por mar, e este poder ser avistado em quase todas as partes da mesma.

A **natureza**, a variável que se sucede na tabela, surge em três faixas etárias diferentes; para alguns participantes a ilha associa-se à natureza: “por esta estar normalmente ligada a fenómenos naturais” e por conter muitos elementos naturais: a vegetação; o mar e o verde. Continua a presença de que a natureza é realmente um dos grandes motores deste arquipélago por estar presente, de novo, na preferência dos entrevistados.

Segue-se a palavra **ilha**. Durante as entrevistas, os entrevistados, que falaram neste termo, associaram logo à imagem paradisíaca, de uma típica ilha no meio do mar, com areia e palmeiras, ou seja, a famosa imagem de uma ilha paradisíaca. Contudo, estas ilhas⁴⁶ afastam-se dessa ideia de ilha paradisíaca, dando lugar a natureza verde, tão característica desta região.

Para concluir os termos mais contabilizados nesta variável, segue-se o verde. Segundo os entrevistados, o verde é uma palavra muito ligada à ilha, devido à natureza, e por sua vez aos Açores, sendo esta a cor predominante no arquipélago pelas suas grandes pastagens verdejantes, que fazem parte de uma das paisagens mais famosas e admiradas dos Açores.

Quanto aos termos menos mencionados pelos entrevistados:

a) Arquipélago – Faixa etária dos 18> 25 (2 menções)

b) Areia – Faixa etária 18> 25 (1menção)

⁴⁶Arquipélago dos Açores.

c) Vulcão - Faixa etária 18> 25 (1menção)

d) Florestal tropical - Faixa etária 18> 25 (1menção)

e) Campos - Faixa etária 26> 45 (2 menções)

O termo definido pela alínea **a)**, foi escolhido pelos participantes pelo facto de os Açores serem um arquipélago, um conjunto de nove ilhas. Desta forma, a palavra ilha associou-se para estas pessoas ao termo geográfico de arquipélago, ou seja, um conjunto de ilhas que estão próximas umas das outras.

Quanto aos termos abrangidos pelas alíneas **b)**, **c)** e **d)**, estão associados à chamada imagem de ilha paradisíaca, à qual as pessoas ligam as palavras areia, florestal, tropical. No entanto, a palavra vulcão também alude para a forma como foram criadas estas ilhas, sendo estas de origem vulcânica.

Quanto ao último termo, surge a palavra campo muitas vezes, devido à paisagem das pastagens verdes, muito característica dos Açores. Além desta última análise, a associação da palavra campos a uma ilha, leva-nos à ideia do mundo rural, muito ligada ao estilo de vida pacato, com pouca industrialização quando comparada com as grandes cidades. Sabemos que as pessoas procuram muito as ilhas, ou aldeias do interior de Portugal Continental, para se afastarem do grande movimento.

Na tabela, segue-se a variável do **Estilo de vida**, variável que já apareceu anteriormente. Percebe-se, desta forma, que o estilo de vida é um marco importante nas respostas dos entrevistados, quando se fala dos Açores, neste caso em ilha. Como podemos ver pelos dados que nos fornece a tabela, esta categoria é a que tem mais menções, sendo apenas vencida pela categoria da Natureza, que contabiliza maior número de menções.

As palavras que mais se destacaram, entre os entrevistados, foram as seguintes:

a) Paz (3 menções) – Faixa Etária 18> 25: 1; Faixa E. 26> 45: (2 menções)

b) Tranquilidade (2 menções) Faixa E. 18> 25 (1 voto); Faixa E. 66> ... (1 menção)

c) Sossego (2 menções) Faixa E. 18> 25 (1 voto); Faixa E. 66> ... (1 menção)

Todos estes termos remetem para um significado idêntico, associado à vida que se leva nestas ilhas⁴⁷. O sentimento de “viver calmamente” é sentido por pessoas de diferentes idades, e que se encontram em diferentes momentos da vida, mostrando que o estilo de vida é um fator visto como essencial e preciso no bem-estar das pessoas. Contudo, o significado de estilo de vida pode variar consoante: a pessoa; a sua faixa etária, e o que valoriza mais, dando como exemplo: um jovem pode valorizar como estilo de vida saudável o “ar puro” e o frequente contacto com a natureza, enquanto uma pessoa de mais idade pode valorizar o descanso e a paz.

Quanto aos termos menos mencionados, nesta variável, surgem os seguintes:

- a) Comunidade reservada – Faixa etária 18> 25: (1 menção)
- b) Bem-estar - Faixa etária 18> 25: (1menção)
- c) Descanso - Faixa etária 18> 25: (1 menção)

Apenas referidos pela faixa etária mais nova, o termo **a)** surge pelo facto de nesta região se poder falar de comunidades pequenas, nada de aglomerados intensos, apesar de já existirem cidades com uma população maior, e com um nível de vida mais movimentado. A alínea **b)**, designada de bem-estar, associa-se à vida que se leva nestas ilhas, que proporciona mais facilmente uma sensação de conforto e bem-estar, pela qual se pode viver uma vida quase como em “*Slow Motion*”. Muitos entrevistados valorizaram o prolongar do tempo: tempo para nós mesmos; tempo para estar com a família e para ir dar um passeio. Este bem-estar também foi associado, pelos entrevistados, ao contacto constante com a natureza e os privilégios que esta constitui para a saúde.

Quanto ao último termo, não foge aos restantes que aqui foram referidos. Uma região que é conhecida por proporcionar um estilo de vida mais saudável e calmo, onde é possível descansar, rodeado de pequenos prazeres, como mencionado: a natureza. Importante é realçar que não houve qualquer opinião sobre a categoria do estilo de vida, por parte da faixa etária dos **26> 45** anos.

Na tabela, segue-se a categoria da **hospitalidade**, como se verificou na questão anterior, esta não é uma categoria que se destaque, mas é um ponto forte para quem visita

⁴⁷Uma vida calma, tranquila, longe do *Stress*.

os Açores. Durante as entrevistas é perceptível que, as pessoas que já visitaram a região, façam referência à hospitalidade. Destaca-se assim a forma como as pessoas recebem os convidados, como transmitem bem as suas vivências, integrando as pessoas facilmente na sua cultura, sendo este um meio marcante para aproximar e dar a conhecer um pouco daquela. Esta variável é composta por dois termos, apresentados por duas faixas etárias:

a) Felizes – Faixa etária 26> 45: (1 menção)

b) Afeto - Faixa etária 66>... (1 menção)

Observa-se que esta variável tem mais peso nas faixas etárias a partir dos 40 anos, e na faixa etária acima dos 66 anos, o que pode ser explicado pelo motivo de serem faixas etárias compostas por pessoas que já visitaram estas ilhas. Ambos os termos remetem para situações presenciais, onde foi possível um contacto entre os visitantes e as pessoas da ilha, utilizando termos como o afeto e “pessoas felizes” para descrever parte da hospitalidade sentida na ilha Terceira. Nota-se também que, além deste fator, e apesar de os jovens também valorizarem aspetos como o da hospitalidade, é mais provável este ser sentido com mais intensidade em pessoas mais velhas.

Segue-se a variável da **cultura**. Os termos mais utilizados, e que transpuseram as diferentes faixas etárias, foram os seguintes:

a) Férias (5 menções) Faixa E. 18> 25: 3; Faixa E. 46> 65: (2 menções)

b) Turismo (2 menções) Faixa E. 18> 25: 1; Faixa E. 66> ... (1 menção)

Quando falamos em ilhas, surge, por outro lado, a ideia de férias ou de turismo, através dos quais podemos descansar e encontrar uma paz diferente da habitual. É curioso notar que existem muitos fatores ligados entre si, nestes locais, que proporcionam isso como a natureza, o estilo de vida calmo que levam, uma maneira diferente de viver, e de aproveitar a vida.

Desta forma, ao fazer as entrevistas foi perceptível que estas pessoas, que sempre viveram em cidades grandes, associaram os termos férias e turismo por encontrarem nestes pequenos locais, neste caso nos Açores, hábitos que valorizam muito, mas que no seu dia-a-dia são muito difíceis de encontrar.

Por outro lado, a palavra turismo teve, para outros entrevistados, significado diferente. Como foi dito pelos mesmos, ilha lembra o termo turismo não só, mas também, pelo facto de Portugal ser um local que, ao longo dos anos, subiu imenso a nível do turismo, dando o exemplo da Madeira, que é um local turístico procurado, e os Açores, onde é cada vez mais notório o crescimento desta atividade.

Por outro e lado, e para completar os termos utilizados para esta variável, temos o seguinte termo:

a) Tradição (1 menção) Faixa etária dos 46 > 65.

Como se pode verificar na leitura do livro *Patrimonia Açores: Memória, identidades – Políticas do Património*, o autor fala-nos de uma palavra importante o “insulamento”. Diz que acredita que este insulamento tornou as tradições mais vincadas, ou seja, por ser uma ilha, as tradições passaram de geração em geração mais facilmente, não sofrendo grandes alterações e permanecendo quase intocáveis.

Em todas estas ilhas é possível notar isso. Nove ilhas, com costumes e tradições diferentes, que não deixaram morrer o legado dos seus antepassados, mostrando como eram as vivências nestas ilhas, permanecendo inalteradas ao longo dos tempos. No caso da ilha Terceira abordar-se-á a tradição do Carnaval, que move toda a ilha, e é sem dúvida alguma um marco importantíssimo das gentes terceirenses. Aspetos como ser pequeno, isolado, conservado, unido parecem ser importantes e decisivos para tornar estas tradições vivas, durante todo o tempo.

As opiniões dos entrevistados enquadram-se também na ideia anterior, o facto de ser uma ilha, isolada, em que existe um maior relacionamento entre as pessoas ajuda na preservação de certas tradições que se mantêm quase inalteradas, e ganhando desta forma o interesse de pessoas que as visitam, como é o caso de alguns entrevistados, residentes em Portugal continental, que dando um exemplo concreto destas situações, já participaram no Carnaval da ilha Terceira.

A variável que se segue intitula-se de “Nomes”. Nesta fase percebe-se que os entrevistados começam a ser mais pormenorizados, identificando nomes de ilhas

pertencentes ao arquipélago dos Açores. Os termos mais usados nesta variável foram os seguintes:

a) Terceira (2 menções) Faixa E. 18> 25; Faixa E. 26> 45

b) S. Miguel (2 menções) Faixa E. 26> 45; Faixa E. 66> ...

Foi satisfatório quando começaram a ser ditos os nomes das ilhas, mostrando que existe a capacidade por parte dos entrevistados em mencionar ilhas dos Açores.

As ilhas que compõem a alínea **a)** e **b)** foram as mais citadas. Deve-se realçar que, além de conseguirem nomear as ilhas, foram também capazes de aludir a locais emblemáticos existentes nas mesmas, no caso de S. Miguel a Lagoa das Sete Cidades ou as Furnas, e no caso da Ilha Terceira o Algar do Carvão ou a cidade de Angra do Heroísmo. Por outro lado, por serem estas ilhas as maiores e mais desenvolvidas do arquipélago, levou a que fossem também as mais referidas. Apesar de a maioria ter referido outras categorias como primeira opção, é notório o conhecimento de algumas ilhas dos Açores, destacando-se a ilha Terceira e a Ilha de S. Miguel.

No entanto, existem também mais duas ilhas referidas durante as entrevistas:

a) Faial (1 menção)

b) Madeira (1 menção)

Com menos adesão, aparece-nos também a ilha do Faial, por ter sido uma das ilhas visitadas pelo entrevistado. Por outro lado, e apesar de ser num arquipélago diferente, temos referência à ilha da Madeira que, por ser um conhecido destino turístico em Portugal, foi referida.

Os Açores e a Madeira são regiões autónomas que divergem entre si e que criam nos seus visitantes opiniões e gostos diferentes. Segundo as conversas com os entrevistados, é possível perceber que as pessoas conseguem diferenciar os dois arquipélagos, como por exemplo, reconhecer que a Madeira é um destino turístico mais desenvolvido, mais virado para as praias, e com maior intervenção da mão do homem na sua paisagem. Já por outro

lado, reconhecem que os Açores são um destino calmo, muito ligado à natureza⁴⁸, onde o turismo é um setor cada vez mais crescente.

Por fim, advêm como última variável os “**atributos**”, tal como podemos observar na questão anterior. Esta categoria consiste em termos que foram usados, pelos entrevistados, de forma a adjetivar o vocábulo ilha. Segundo os dados da tabela, esta categoria foi uma das que mais se destacou, com os seguintes termos:

a) Isolado (20 menções) Faixa E 18> 25: 10 menções; Faixa E 26> 45: 4 votos; Faixa E 46> 65: 5 menções; Faixa E 66> ... 1 menção;

b) Paraíso (5 menções) Faixa E 18> 25: 2 menções; Faixa E 26> 45 1 menção; Faixa E 46> 65: (2 menções)

c) Pequeno (2menções) Faixa E 18> 25: 1; Faixa E 26> 45: 1 menção;

d) Bonito (2 menções) Faixa E 46> 65: 1 menção; Faixa E 66> ... 1 menção.

Destaca-se sobre todos os outros o termo “**isolado**”, sendo mencionado por todas as faixas etárias. O termo encontra-se ligado, por um lado, à definição geográfica da palavra ilha (porção de terra rodeada por mar em todos os lados), tonando-a, desta forma, isolada, sendo esta a resposta mais citada pelos entrevistados.

Segue-se a palavra “**paraíso**”, a qual associa a ilha a um local paradisíaco. As ilhas açorianas são vislumbradas por não terem grandes multidões, sem turismos em massa, levando a uma maior conservação e, desta forma, conseguirem manter o seu estatuto original, sem grandes intervenções.

Por outro lado, e também relacionado, a alínea **d)** “**bonito**”, surge nas entrevistas. Estas ilhas têm locais pouco explorados, quase misteriosos, que guardam uma beleza enorme; a exploração destes locais, os trilhos pelo meio da natureza parecem ser fortes pontos para quem visita estas ilhas, principalmente nas faixas etárias dos **18> 25** anos e dos 26> 45 anos.

Finalizando com a alínea **c)** “**pequeno**”, revela-se muito a ideia de ser um local pequeno, no entanto que pode ter de tudo um pouco. Uma das ideias transmitidas ao longo

⁴⁸ Considerado, por parte dos entrevistados, como uma grande vantagem.

das entrevistas, e que foge à realidade, é o facto de as pessoas associarem um local pequeno como a ilha ao nada⁴⁹.

Quanto aos termos menos utilizados, seguem-se:

- a) Mundo à parte (1 menção)
- b) Afastado (1 menção)
- c) Limitação (1 menção)
- d) Pedaco de terra (1 menção)

Pode-se verificar que a maioria dos termos utilizados nesta variável referem-se a características da ilha, relacionadas com a localização geográfica: quando falamos dos termos das alíneas **a)** e **b)**, ou com o seu tamanho, quando falamos das alíneas **c)** e **d)**.

Segundo os entrevistados, a ilha faz lembrar um “mundo à parte” e por outro lado, o “afastamento”. Percebe-se, mais uma vez, que estes aspetos estão relacionados uns com os outros. O isolamento e a distância a que as ilhas se encontram do continente, torna-as um mundo diferente, aos olhos de quem não nasceu ilhéu, levando a distinções notáveis entre o território insular e o continental.

Finaliza-se com os termos referidos nas alíneas **c)** e **d)**, limitação e “pedaco de terra”. A alínea **c)** relaciona-se com a limitação das ilhas. Esta limitação pode ser observada em diferentes situações. Por serem ilhas, encontram-se mais limitadas: o maior exemplo, dado pelos entrevistados, é o de ser um território que não tem acessos a outros territórios, sendo necessário viajar de avião ou de barco para ir para outros sítios, enquanto em Portugal continental se tem acesso, por exemplo, ao resto da Europa, por meios rodoviários (isto é uma das desvantagens mencionadas várias vezes pelos continentais).

Apesar de já serem ilhas desenvolvidas, como é o caso da ilha Terceira e de S. Miguel, essa limitação também é perceptível nos acessos a certos produtos e locais. Os centros comerciais, certas lojas, certos restaurantes mundiais não têm possibilidade de serem abertos nestas zonas, por serem territórios com população insuficiente. Ao longo dos

⁴⁹A inexistência de bens essenciais.

anos, e nas ilhas mais desenvolvidas, os territórios têm vindo a crescer e a ter acesso a produtos diferentes.

No entanto, e ao contrário do que os entrevistados pensam, essa limitação também é verificada de ilha para ilha, devido ao grau de desenvolvimento que cada uma tem. Percebe-se, ao longo das entrevistas, que para algumas pessoas essa limitação é vista como uma desvantagem, mas que para outra essa pode ser uma grande vantagem, uma vez que prima por terem um maior contacto e uma maior valorização do que é seu, realçando o facto de ser muito mais fácil poupar e economizar nestes territórios mais limitados.

Finalizando com a **alínea d)**, “pedaço de terra”, estabelece-se a relação com o seu tamanho, por serem regiões pequenas, e rodeadas de mar.

3.3. ANÁLISE DA PERGUNTA 3: ACHA QUE CONSEGUIRIA VIVER NUMA ILHA?

A tabela seguinte corresponde aos dados da terceira questão da entrevista: “**Acha que conseguiria viver numa ilha?**”.

Esta terceira questão diferencia-se das duas primeiras, uma vez que assenta numa resposta mais direta: sim, não, não sei, talvez e depende. O principal objetivo desta pergunta perceber as reações das pessoas ao que seria viver numa ilha, e consoante as suas respostas, entender se conhecem algum tipo da realidade vivida nelas, ou se estão influenciadas por ideias e visões criadas. A existência de mitos ou visões distorcidas da realidade afetam, involuntariamente, o modo como as pessoas abordam certas temáticas.

Tabela 5: Tabela referente a terceira pergunta da entrevista: “Acha que conseguira viver numa ilha?”.

		Sim	Não	Não sei	Talvez	Depende	Total
Faixa etária (anos)	18-25	29	12	3	3	1	48
	26-45	20	4	1	0	1	26
	46-65	13	3	0	0	0	16
	> 66	8	6	0	0	0	14

Na primeira faixa etária 18> 25 anos, num total de 48 entrevistados, registou-se:

- a) Sim: (29 menções);
- b) Não: (12 menções);
- c) Não sei: (3 menções);
- d) Talvez: (3 menções);
- e) Depende: (1 menção).

Os dados correspondentes à primeira faixa etária dizem-nos que mais de metade deste universo respondeu sim a esta questão. Ao longo das entrevistas, percebe-se que os mais novos são, de uma forma geral, mais “abertos” a novas realidades⁵⁰. A natureza, o contacto com esta, e a vida que se leva nos Açores foram também pontos fortes nesta escolha⁵¹.

Por outro lado, registou-se um total de 12 respostas: não. Segundo os depoimentos, o motivo mais forte, sendo apontado como principal, é a limitação territorial a que as ilhas estão sujeitas: “Sufoca-me o facto de as pessoas só poderem sair da ilha, através de barco ou avião, enquanto em Portugal continental, podem ir a toda a Europa apenas de carro” - este foi um argumento que se verificou em várias respostas. Além deste motivo, destaca-se ainda: uma região parada, e pouco desenvolvida, sem os grandes centros comerciais, e

⁵⁰O facto de viver numa ilha não criou um sentimento de estranheza, como suscitou em faixas etárias mais velhas, estando mais dispostos a entrar em novos desafios, novas realidades, fazendo com que muitos destes jovens tivessem como hipótese esta questão.

⁵¹Viver numa ilha.

um mundo afastado de tudo. Verifica-se que este é um lado que parece interessar muito os jovens, uma vez que estão mais ligados a modas, a novas tendências.

Segue-se a variável: não sei, com um total de 3 entrevistados. O motivo principal para esta resposta assenta na situação de estes nunca terem visitado uma ilha, não sabendo qual seria a sua reação⁵². Segundo eles, é muito importante, em primeiro lugar, conhecer as realidades envolvidas. Nota-se, assim, uma preocupação, por parte desta faixa etária, em manter-se numa opinião neutra, uma vez que não conhece esta realidade.

Quanto às respostas: talvez ou depende, pertencentes à faixa etária dos **18 > 25** anos, surge um total de 4 menções, 3 deles na resposta talvez, e 1 para a resposta depende. Estas duas repostas encontram-se juntas na tabela, porque ambas assentam em motivos idênticos. Os motivos escolhidos pelos jovens, para justificar este tipo de repostas, assentam nas condições que a ilha poderia oferecer ou não. Assim o “talvez”, se a ilha oferecer as condições necessárias para se viver” ou o “depende de como fosse a vida na ilha”. Entende-se que, por ser uma ilha, não é para estas pessoas a causa maior de se optar por uma resposta positiva ou negativa, mas sim o modo de vida aí presente que, claramente, pode variar muito consoantes fatores como a idade, os gostos, e também de ilha para ilha.

Analise-se agora a faixa etária **26 > 45** anos:

- a) Sim (20 menções);
- b) Não (4 menções);
- c) Não sei (1 menção);
- d) Talvez (0 menções);
- e) Depende (1 menção).

Regista-se, aqui, um maior número de menções na resposta sim, a contabilizar 20. Nota-se, principalmente, que as pessoas com idades compreendidas entre os 40 e os 45

⁵²Se vivessem numa ilha.

anos, parecem ter uma maior compreensão acerca deste assunto⁵³. Denota-se, por parte desta faixa etária, uma maior consciencialização nas suas respostas, ou seja, as pessoas falam segundo aquilo que conhecem, como exemplo disso, o facto de alguns entrevistados já terem estado em algumas ilhas do arquipélago, ou por outro lado, pessoas que nunca lá estiveram, mas que já estabeleceram algum tipo de contacto com a realidade da ilha, através de fontes como as fontes noticiosas, revistas e outros tipos de informação fidedigna.

O principal motivo, para as respostas sim, assentou essencialmente no estilo de vida destas ilhas; nota-se muito a tendência de estes entrevistados sugerirem aspetos como: a vida sem *Stress*, a ausência da azáfama do dia-a-dia, o tempo que poupam por não haver os problemas que advêm das grandes cidades e dos grandes aglomerados populacionais. Desataca-se também a natureza, o viver constantemente com a natureza que, segundo os entrevistados, proporciona um grande bem-estar físico e psicológico. Por outro lado, e principalmente pelos entrevistados que já visitaram algumas ilhas dos Açores, outro fator a merecer destaque, foi a hospitalidade. A maneira como as pessoas recebem as outras, como se fossem da própria família, e a facilidade que têm em fazer com que os seus visitantes se enquadrem na sua própria cultura. Ainda dentro da hospitalidade, temos um ponto que causou grande estranheza e, por outro lado, admiração: o facto de todos parecerem conhecer-se, em que os vizinhos falam e mantêm contacto próximo uns com os outros, as conversas, a visita à casa uns dos outros, o que não acontece maioritariamente em cidades grandes, como no Porto, por exemplo.

Quanto às respostas negativas, com um total de quatro menções, estas não se distanciaram dos motivos já vistos anteriormente. Parte destes entrevistados já visitou as ilhas, nomeadamente, os Açores. As respostas mais comuns, que nos aparecem globalmente⁵⁴, apresentam uma opinião unânime de que os Açores são uma região agradável e um sítio a apostar para passar férias, no entanto não para se viver. As ilhas oferecem condições ótimas para se estabelecer uma vida, mas a falta de movimento, e de certos “bens”, e a sua limitação põem esta hipótese de lado para estes entrevistados,

⁵³O viver e a realidade das ilhas.

⁵⁴Registadas noutras faixas etárias.

caracterizando estas ilhas como um ponto de escape à vida citadina e cansativa que pode ter a cidade.

Quanto à variável: não sei, registou apenas uma menção que se assemelha com a mesma situação que se encontra na faixa etária anterior, em que não existe conhecimento suficiente sobre a questão. O mesmo acontece com a resposta: depende, que também seguiu a mesma linha de pensamento da que se assiste na faixa etária anterior: viver numa ilha dependeria de vários fatores como a própria ilha, do que esta tem para oferecer, se nela existem as condições necessárias para se ter uma vida estável.

Seguem-se os dados obtidos da faixa etária dos **46** aos **65** anos de idade:

- a) Sim: (13 menções);
- b) Não: (3 menções);
- c) Não sei: (0 menções);
- d) Talvez: (0 menções);
- e) Depende: (0 menções).

Analisando os dados acima, só as repostas sim e não obtiveram menções, o sim com 13, e o não com 3. À medida que se avança nas idades, percebe-se que a maneira como as pessoas entendem as situações também muda, daí a necessidade de criar estas quatro faixas etárias. Observam-se respostas semelhantes e que se enquadram na mesma base de ideias verificadas anteriormente na faixa etária anterior, dos **26 > 45** anos, por serem idades próximas. Por outro lado, pessoas com objetivos de vida diferentes daqueles que são, por exemplo, os objetivos da faixa etária dos **18 aos 25** anos, e assim sucessivamente.⁵⁵

As justificações para a variável: não, são idênticas às já assinaladas nas faixas etárias anteriores⁵⁶: pessoas que apresentam idades acima dos cinquenta anos, em que parece

⁵⁵De importante referência, uma vez que tem impacto nos resultados da tabela, e influencia naturalmente as respostas dadas pelos participantes.

⁵⁶Justificações assinaladas na página n.º 4.

crescer a tendência para esse tipo de resposta, e normalmente já se encontram com a sua vida toda organizada e construída, já efetivos nos seus empregos e nas suas áreas.

Quanto à variável do sim, um dos grandes motivos assenta no “descanso” e o viver tranquilo que se leva nestas ilhas. O facto de viverem em cidades grandes, e de terem uma rotina muito repetitiva e específica, como por exemplo: casa - trabalho e vice-versa, leva estas pessoas a adotarem a ideia de que, nos Açores, essa rotina pode ser muito mais leve. A situação exposta anteriormente leva a outro fator, o estilo de vida saudável que, por sua vez, está também ligado a outras condicionantes já faladas aqui, entre elas, a natureza, a hospitalidade, resultante da intimidade e contacto com o próximo, com os vizinhos, a proximidade a tudo, em que não é preciso perder horas em transportes e viagens para ir ao supermercado, ao banco, ao hospital, aos serviços essenciais.

Finalizando com a faixa etária dos 66 > ..., é possível notar através dos dados da tabela, e tal como se verificou na faixa etária anterior, que se apresentam como respostas: o sim e o não. Quanto às respostas sim, foram todas dadas por pessoas que já tinham visitado a ilha, umas até mais que uma vez conhecendo a sua realidade. Por estarem numa fase da vida mais avançada, e por terem a vida feita, mostraram grande interesse por estes lugares, sobretudo calmos, avançando ideias para passar o resto da vida.

Por outro lado, nota-se, ainda, dentro da mesma faixa etária, fortes contrastes, por parte dos entrevistados que responderam sim e os que responderam não. Estes últimos, caracterizados por terem idades compreendidas entre os 80 e os 90 anos, sem nunca saírem da sua área de residência, a não ser para regiões ao redor da cidade do Porto. Habitados aos sítios onde sempre viveram, trabalharam e criaram família.

3.4. ANÁLISE DA PERGUNTA 4: CONHECE OU JÁ OUVIU FALAR SOBRE A ILHA TERCEIRA? SE SIM, EM QUE SITUAÇÃO?

A próxima representa a tabela correspondente à quarta questão da entrevista “Conhece ou já ouviu falar sobre a ilha Terceira? Se sim, em que situação?”

Tabela 6: Tabela referente à quarta pergunta da entrevista: “Conhece ou já ouviu falar na Ilha Terceira? Se sim, em que situação?”.

		Faixa Etária (anos)			
		18-25	26-45	46-65	> 66
Conhece ou já ouviu falar na Ilha Terceira	Sim	47	25	15	13
	Não	1	1	1	1
	Total	48	26	16	14
Em que situação?	Férias	5	1	5	6
	Por familiares/ amigos	20	9	1	5
	Notícias	7	6	2	3
	Escola	10	3	3	0
	Livros/ Revistas	1	2	0	0
	Motivos Profissionais	0	3	1	0
	Novela	0	1	0	0
Não me recordo	5	1	4	1	

Tal como visto com a pergunta anterior, que exigia uma resposta mais direta, verifica-se o mesmo com esta, dividida em duas partes - a primeira, onde se coloca a seguinte questão ao entrevistado **se já ouviu falar da ilha Terceira**, respondendo que sim se já ouviu falar, ou que não se nunca antes tinha ouvido algo relacionado com esta ilha em específico. Numa segunda parte, e após o entrevistado ter respondido, neste caso que sim, é colocada uma segunda questão, **“em que situação ouviu falar desta ilha?”**, sendo enumeradas várias categorias possíveis, entre elas, férias, através de familiares, amigos, notícias, escola, revistas, motivos profissionais ou não me recordo. O objetivo desta questão assenta em perceber se as pessoas, neste caso da cidade do Porto, conhecem a

ilha Terceira, não de uma maneira aprofundada, mas se dela já ouviram falar em algum contexto, se conseguem relacionar algo à ilha em específico, ou se a sabem identificar como sendo uma das ilhas pertencentes ao arquipélago dos Açores, uma vez que se considera necessário e importante entender se os entrevistados têm alguma base sobre o assunto, ou se pelo contrário não conhecem mesmo nada do que falam, partindo do ponto de que isso influencia naturalmente as respostas recebidas ao longo da entrevista. Verifica-se, de uma forma geral, que as pessoas tendem a conhecer, e conseguem até falar sobre o tema, tendo mesmo apenas sido registado o caso de três pessoas que não conheciam de forma alguma a ilha.

Por outro lado, outro objetivo pertinente nesta questão consiste em saber de que forma estas pessoas conheceram a ilha Terceira, se foi porque já lá estiveram (podendo dar uma visão mais realista) ou se a conhecem através de outras formas, ou por amigos, ou por meios de comunicação, entre outros. Segundo os dados, as últimas hipóteses foram as que somaram mais votos. Importante, também, é referir que, o facto de alguns entrevistados já terem visitado a ilha, teve por sua vez influência na forma como responderam às questões e à sua visão sobre o tema, que é completamente diferente daquela das pessoas que nunca lá estiveram.

Iniciando com a faixa etária dos **18** aos **25** anos, quanto à primeira parte da pergunta, os dados apresentam-se da seguinte forma:

a) Sim: 47

b) Não: 1

Entende-se facilmente que este sim, com 47 menções, prevalece esmagadoramente ao não, que apenas inclui uma menção. Dentro desta faixa etária, pode-se afirmar que todos conhecem ou já ouviram falar da ilha Terceira, havendo variação nas formas como o ouviram. Quanto à segunda parte desta questão, os resultados apresentam-se:

a) Férias: (5 menções)

b) Por familiares/ Amigos: (20 menções)

c) Notícias: (7 menções)

- d) Escola: (10 menções)
- e) Livros/Revistas: (1 menção)
- f) Motivos Prof: (0 menções)
- g) Não me recordo: (5 menções)

Ao olhar-se os dados, percebe-se que a alínea **b)** contém o maior número de votos, a maioria dos jovens já ouviu falar na Terceira por familiares ou por amigos. Muitos dos entrevistados, desta faixa etária, deram como principal motivo o facto de terem conhecido amigos e colegas de faculdade, que eram originários dos Açores, da ilha Terceira e, desta forma, passaram a “conhecê-la”. Esse contacto criado na faculdade, mantido entre os jovens, levou a que alguns se aproximassem de aspetos terceirenses, de que nunca antes tinham ouvido falar, a exemplo disso, e mencionado por alguns entrevistados, o sotaque, principalmente palavras que fazem apenas parte do “vocabulário” açoriano, das quais se pode mencionar a palavra “Xinxinha” que significa uma pessoa baixa. Pode-se dizer que esses contactos foram importantes também em algumas situações, para dar a conhecer um pouco o que é a ilha e alguns aspetos do seu quotidiano, muito próprio, como é o caso da pronúncia.

Por outro lado, destaca-se mais um motivo: por parte de familiares, que já visitaram as ilhas, e desta forma transmitiram aos filhos, sobrinhos, o que lá vivenciaram. Desta forma, ressalta outro método de “divulgação” da ilha, mais realista, através do qual as pessoas transmitem o que viram, sentiram com os seus “sentidos”, porque conseguem criar a sua própria ideia da ilha. Curioso que, segundo as entrevistas, estas pessoas conseguiram trazer consigo, na sua memória, certos aspetos que lhes ficaram marcados, e transmitiram-nos, por sua vez, quando chegaram ao Porto a outras pessoas do seu meio, destacando aspetos de certas tradições únicas, como a tourada à corda, as festas do Divino Espírito Santo, a paisagem extremamente caracterizada pelo verde das pastagens, o facto de as vacas, de vez em quando, andarem nos caminhos que são feitos para os carros circularem, a gastronomia, o queijo e o conhecido pão doce, que tem o nome de massa sovada, a hospitalidade das pessoas, e a forma como recebem, como se fossem quase da família.

Segue-se na tabela, com mais menções, a opção escola, apresentando um total de 10 menções. Para estes jovens, o conhecimento que detêm sobre a ilha Terceira foi adquirido através do ensino escolar, sendo que a maioria mencionou a disciplina de Geografia como principal fonte. No entanto, este número de menções poderia ser maior, uma vez que muitos participantes referiram a escola, mas não como primeira opção, como sendo também um meio importante para o conhecimento das ilhas. Ao longo das entrevistas, notou-se que as pessoas conhecem não só a ilha Terceira como também outras ilhas do arquipélago, mencionando ser um arquipélago autónomo que faz parte de Portugal, não aprofundando mais sobre o tema, não falando especificamente em situações relacionadas com as ilhas, como aconteceu no caso anterior.

A opção que reuniu, de seguida, mais menções nesta faixa etária, foram as notícias, reunindo sete menções no total. Podemos dizer que, tal como a variável anterior, apesar de não aparecer como primeira opção, é mencionada frequentemente como uma segunda opção, situação que se verifica em todas as outras faixas etárias, uma vez que as notícias são uma forte fonte de transmissão e divulgação de conhecimento. A maioria dos entrevistados deu como exemplo o conteúdo noticioso mais habitual sobre os Açores, como é o caso das tempestades, e de serem conhecidos, por um lado, devido ao mau tempo que costuma afetar de forma grave o arquipélago. Por outro lado, os mais jovens também mencionam conhecer através deste meio, as notícias, algumas das suas paisagens que associam ao imenso verde da natureza, e consequentemente, os seus trilhos que proporcionam grandes momentos no meio natural.

Quanto às restantes opções, caracterizadas por se destacarem menos nesta faixa etária, temos as férias, com um total de cinco menções. Quem escolheu esta opção, acaba também, como já vimos noutros casos, por ter outra visão da ilha, uma vez que já esteve no local, conseguindo desta forma dar uma opinião mais formada e mais perto da realidade. Nota-se ainda que, à medida que se avança nas faixas etárias, as pessoas vão valorizando aspetos diferentes. Neste caso, foram enumerados patrimónios da ilha como as touradas, uma tradição muito comum da ilha Terceira, na qual o touro se encontra amarrado pelos chifres, num arraial; normalmente, os homens encontram-se no caminho a “capear” o touro e as mulheres nas paredes, abrigadas do animal, a ver a tourada. Outro património, muito referido, foi o património natural, o imenso verde, comum das pastagens que fazem parte da paisagem característica destas ilhas.

A opção, livros/revistas soma apenas uma menção. Segundo o entrevistado, foi através da leitura de uma revista que ficou a conhecer melhor o arquipélago, e conseqüentemente a Ilha Terceira, referindo ser a sua natureza, a imensidão do verde das fotos da revista que mais lhe chamou a atenção, conhecendo os Açores maioritariamente pelo facto de ser um espaço extremamente verde e ligado à natureza.

Segue-se a opção dos motivos profissionais, na qual não existe nenhuma menção por parte desta faixa etária. Este resultado não é de todo imprevisível, uma vez que os jovens que participaram neste formulário, se encontram ainda a estudar, alguns no secundário, e a maior parte no ensino superior, em mestrados ou em licenciaturas, pelo que muitos deles ainda não se encontram ativos na vida profissional.

Finalmente, a opção “não me recordo” reunindo o total de cinco menções. Os entrevistados reconheciam, na sua maioria, o nome da ilha, identificando-a como uma ilha pertencente ao arquipélago dos Açores, no entanto não conseguiam especificar a situação na qual tinham ouvido falar da mesma.

De seguida, os resultados referentes à faixa etária dos **26** aos **45** anos. Dos 26 entrevistados, apenas um votou não, sendo que os restantes 25 entrevistados responderam sim. Abaixo encontram-se os resultados à primeira parte da pergunta “**Já ouviu falar da ilha Terceira?**”, em que, mais uma vez, o sim prevalece esmagadoramente sobre o não.

a) Sim: 25

b) Não: 1

Quanto aos resultados da segunda parte da questão “**Em que situação?**”, os dados apresentam-se da seguinte forma:

a) Férias: (1 menção)

b) Por familiares/ Amigos: (9 menções)

c) Notícias: (6 menções)

d) Escola: (3 menções)

e) Livros/Revistas: (2 menções)

f) Motivos Prof: (3 menções)

g) Novela: (1 menção)

h) Não me recordo: (1 menção)

Através dos dados, destaca-se novamente, com mais votos, a alínea **b)**, referente aos familiares e amigos, com um total de 9 menções. Entende-se que é, sobretudo, devido a familiares que os entrevistados ouviram falar da ilha Terceira, devido a férias. Também muitos destes entrevistados mencionaram ter amigos de longa data, na ilha Terceira. Desta forma, foi organizada uma viagem aos Açores, sendo que uma das ilhas visitadas foi a Terceira.

Um dos aspetos, mencionado inúmeras vezes, e que se destacou muito, foi a grande amizade que este povo tem para com quem o visita, mormente as pessoas sentiam-se “em casa”, fator já citado algumas vezes ao longo deste trabalho, e que se pode, mais uma vez, inferir ser um forte aliado do povo terceirense.

Segue-se a alínea **c)** com seis menções. Apesar de não ser uma das variáveis mais utilizadas pelos entrevistados, ao longo da análise das tabelas, pode-se confirmar que se trata sempre de uma variável que, tendo menos ou mais menções, foi sempre uma opção e fez sempre parte da escolha dos participantes. Esta variável, apesar de não aparecer nas primeiras opções de todos os entrevistados, é mesmo assim mencionada, situação que se verifica, principalmente, a partir da faixa etária dos 26 aos 45 anos, mantendo-se nas restantes, uma vez que estas pessoas têm mais tendência, como por exemplo, em ver o telejornal, do que as faixas etárias mais jovens. A maioria das pessoas diz conhecer o arquipélago através dos meios de comunicação social, sendo o principal o noticiário televisivo, como vimos já na faixa etária anterior. O motivo ao qual associam as ilhas é, muitas vezes, de foro meteorológico, como o exemplo já dado das tempestades, e por estas ilhas serem um grande aliado da natureza.

Segue-se a alínea **d)**, escola, registando menos votos que a faixa etária anterior, somando 3 no total, o que por um lado pode ser normal, uma vez que as faixas etárias mais jovens, podem ter uma ligação ainda mais presente com a escola, e até mesmo com o ensino, tendo maior facilidade em se lembrar de certas matérias lecionadas. A escola é, tal como a variável das notícias, uma opção que, apesar de não estar como primeira escolha

dos entrevistados, é muitas vezes referida como um meio pelo qual tiveram contacto com este tema. Verifica-se que, nesta faixa etária, as pessoas lembram-se de ouvirem falar dos Açores, na escola, de uma forma geral, e que a Terceira é uma das ilhas pertencentes ao arquipélago, não entrando em mais pormenores, referindo-se normalmente ao número de ilhas, ao seu nome, aos grupos que existem no arquipélago, ou seja, as matérias mais comuns das disciplinas como a Geografia, ou a História. É comum as respostas serem consensuais nesta variável, entre as diferentes faixas etárias, uma vez que na escola são habituais assuntos relacionados com esta temática.

Com o mesmo número de votos que a variável anterior, segue-se a alínea **f)**, motivos profissionais, com três menções. Neste caso, as pessoas, através das suas profissões, já mantiveram algum tipo de contacto com a ilha: os entrevistados, com idades compreendidas entre os 27 e os 28 anos, são ambos professores, na ilha de S. Miguel. No entanto, um deles já foi à ilha Terceira, também, por motivos escolares, ou seja, por motivos de trabalho.

Segue-se na tabela a alínea **e)** referente à opção “Livros/revistas” com o total de duas menções. Também como já se verificou antes, e pelos mesmos motivos, os entrevistados conheceram a ilha através de revistas ligadas à natureza.

Para terminar, seguem-se as últimas três opções, também elas com o mesmo número de menções, uma. Estas foram as opções com menos votações, no que toca a esta faixa etária, sendo elas, a alínea **a)** férias, a alínea **g)** novelas ou a alínea **h)** não me recordo.

Quanto à alínea **a)**, apenas com uma menção, comparativamente com a faixa etária anterior, sofreu uma descida, correspondendo ao sexo feminino e com a idade de 45 anos, destacando aspetos, como já tem sido visto ao longo da análise dos resultados, como a hospitalidade, a gastronomia, a natureza. O entrevistado consegue referir pormenores da viagem, a sua visita ao Algar do Carvão, que se encontra no interior da ilha, e onde é possível visitar o interior do vulcão, sendo um dos patrimónios mais visitado da ilha.

A alínea **g)**, aparece como uma nova opção, nesta faixa etária, uma vez que até então, nunca tinha sido referida. A entrevistada, não especificando, afirma conhecer imagens da ilha, e dos Açores, através de novelas que já foram gravadas na região. Esta opção foi referida apenas uma vez, entre todas as faixas etárias, pelo facto de nem todas as pessoas se interessarem por esse tipo de ficção. No entanto, através de novelas antigas como a

novela “Ilha dos Amores”, mencionada pela própria entrevistada, difundiram-se imagens, culturas, quotidianos desta região do país, uma boa forma de divulgação, uma vez que estas novelas tendem a chegar a muitas pessoas que acompanham este tipo de programa televisivo. A entrevistada referiu, ainda, ter ficado deslumbrada pelas imagens transmitidas pela novela, destacando as imagens ligadas à natureza; todavia, ainda foi possível mencionar atividades mais próprias da região, como a criação do gado, as plantações de chá, o fabrico do queijo.

Terminando com a alínea **h)**, correspondente à opção “não me recordo”, como já visto noutros casos, os entrevistados afirmam sim, que já ouviram falar da ilha, não sendo um nome estranho, enumerando certas informações como o caso de ser uma ilha pertencente ao arquipélago dos Açores, no entanto não aprofundam mais sobre o tema.

Quanto aos resultados recolhidos da faixa etária dos **45** aos **65** anos, pertencentes à primeira parte da pergunta, são os seguintes:

- a) Sim: 15
- b) Não: 1

Como até então, a tendência mantém-se: o sim faz grande contraste com o não, registando números mais elevados, ao contrário da resposta não que se tem mantido com números muito baixos, com uma ou duas menções em todas as faixas etárias. Isto demonstra que, de uma maneira geral, em todas as faixas etárias, existe um reconhecimento sobre a ilha Terceira, variando os motivos pelos quais os indivíduos a conhecem.

Quanto aos resultados, referentes à segunda parte da questão, apresentam-se da seguinte forma:

- a) Férias: (5 menções)
- b) Por familiares/ Amigos: (1 menção)
- c) Notícias: (2 menções)
- d) Escola: (3 menções)
- e) Livros/Revistas: (0 menções)

- f) Motivos Prof: (1 menção)
- g) Novela: (0 menções)
- h) Não me recordo: (4 menções)

Em primeiro lugar, a opção que somou mais menções foi a alínea **a)** férias, com um total de cinco. Com idades compreendidas entre os 46 e os 62 anos, quatro destes entrevistados conheceram a ilha, através de uma viagem feita no ano de 2012.

Este é um grupo que já existe desde o ano de 2008, composto por indivíduos de Portugal continental e de Portugal insular, propriamente da Ilha Terceira. No ano de 2012, ficou destinada a viagem aos Açores, viagem essa que passava por mostrar, aos continentais, duas das ilhas dos Açores: Ilha Terceira e S. Miguel. Na ilha Terceira foram recebidos pelos amigos que conheciam desta ilha, ficando hospedados nas suas casas. Durante vários dias tiveram a oportunidade de visitar toda a ilha, conhecer e levar consigo um pouco dela também.

A ilha foi apresentada pelos seus próprios habitantes, criando assim um elo maior entre quem a visita e as pessoas que os receberam, convidando quem vem de fora a fazer parte da sua cultura e a integrá-los nela. De facto, desta forma as pessoas não levam apenas o que viram da ilha, mas sim o que viveram nela, o que sentiram nela, surgindo mais uma vez a palavra hospitalidade e, ligada a ela, termos utilizados pelos próprios entrevistados como “pessoas amáveis”, “preocupadas”, “alegres”, “festeiras”, o povo terceirense tem esse dom de tratar os seus visitantes como se fossem da própria família, e como se conhecesse essas pessoas há muitos anos.

Segue-se na tabela, com mais votos, a opção não me recordo, aparecendo em segundo lugar. Nesta faixa etária, esta opção não foge ao que se tem vindo a verificar nas restantes idades, assim sendo, os intervenientes afirmam já terem ouvido falar da Ilha Terceira, no entanto não se conseguem lembrar de qual foi o meio pelo qual o fizeram. Curiosamente, e acontecendo especificamente nesta faixa etária, as pessoas não ficam pelo que é básico, e que a maioria sabe identificar como ser uma ilha, pertencer aos Açores. Algumas destas pessoas conseguiram aprofundar, mencionando aspetos mais culturais, como foi o caso do Carnaval, dos inúmeros bailinhos e a grande festividade que está patente nesta época, que caracteriza tão bem esta ilha, sendo um dos seus pontos máximos, no que concerne as

festividades. Por conseguinte, pode-se mencionar o facto de as pessoas conseguirem reconhecer a forma afável que os terceirenses têm para com quem os visita, e quando se diz quem os visita, não falamos só das pessoas fora da ilha, mas sim também as pessoas da ilha, concluindo que este é um dos aspetos que mais tem sido falado ao longo do trabalho, a hospitalidade. Um elemento que também é bastante notório, ao longo da análise de dados, é que aspetos como estes, ligados à hospitalidade, são mais valorizados e, conseqüentemente, mais vezes mencionados por indivíduos com idades já acima dos trinta anos; no entanto, são mais comuns nesta faixa etária a partir dos 45 até aos mais velhos acima dos 65, onde surge como um aspeto importante para se voltar a visitar um lugar.

Segue-se a opção **escola**, que reúne o total de três menções, com idades compreendidas entre os 46 e os 59 anos, ao contrário do habitual, em que vimos que a maioria das pessoas que escolheram esta opção, fazem-no, porque quando eram alunos, aprenderam os arquipélagos portugueses. Neste caso específico desta faixa etária, os participantes, são professores, além de já terem aprendido, como alunos, também o ensinaram enquanto professores, por isso essa opção escola, integra esses dois lados e momentos de vida diferentes. Conseqüentemente, e dada a profissão que praticam, revelam um maior conhecimento e, por isso, são capazes de fornecer informações sobre o tema que até então ainda não tinham sido referidas. Como exemplos disso, mencionam o lado histórico, a importância da Ilha Terceira nas Lutas Liberais, e na História de Portugal. A Terceira passa a ser a partir de 1820, séc. XIX, uma das principais bases de apoio aos Liberais. Por outro lado, o reconhecimento de Angra do Heroísmo, cidade património mundial pela UNESCO desde 1983, como já vimos no capítulo I, como uma cidade que, desde cedo, se foi afirmando como uma das principais cidades do arquipélago, aliada ao seu magnífico traço arquitetónico que prevalece até aos dias de hoje.

Segue-se na tabela a variável das **notícias** somando dois menções. Mais uma vez, as notícias aparecem como sendo um meio de divulgação essencial, podendo ser um forte aliado para o conhecimento de determinadas e diversas temáticas. Segundo os entrevistados, e abordando de novo ideias que aqui já foram faladas, as situações mais comuns são a meteorologia, ou seja, o estado do tempo, em que Angra do Heroísmo é a cidade que aparece como referência da ilha. A natureza é outro ponto pelo qual é comum ouvir-se falar das ilhas e dos Açores. Os entrevistados afirmam que sobre a ilha Terceira

não existe um conhecimento profundo, mas que no geral, é comum, através deste meio de comunicação social, ouvir falar dos Açores.

Com uma menção cada uma, seguem-se as opções: **amigos/familiares, e por motivos profissionais**. Nesta faixa etária nota-se a diminuição da alínea **b)**, em comparação com as outras faixas etárias, que normalmente se caracterizam por ter um maior número de votos; neste caso, os motivos apresentados pelo participante têm em conta também os que já foram mencionados em outras faixas etárias sobre esta variável. O entrevistado ouviu falar da ilha através de familiares.

Os motivos profissionais surgem com uma menção também. Neste caso específico, os motivos do indivíduo ligam-se à restauração, devido à futura abertura de um restaurante, multinacional da *Pizza Hut*, na Ilha Terceira.

Para concluir a análise desta pergunta, seguem-se os dados referentes à faixa etária dos **66+**, com um total de 14 entrevistados, com idades compreendidas entre os 66 e os 90. Quanto à primeira parte da pergunta, os dados apresentam-se da seguinte forma:

- a) Sim: 14
- b) Não: 0

Como tem sido habitual, o sim sobrepõe-se de novo, não se registando nenhuma opção para a resposta não.

Quanto à segunda parte da questão, os dados apresentam-se:

- a) Férias: (6 menções)
- b) Por familiares/ Amigos: (5 menções)
- c) Notícias: (3 menções)
- d) Escola: (0 menções)
- e) Livros/Revistas: (0 menções)
- f) Motivos Prof: (0 menções)
- g) Novela: (0 menções)

h) Não me recordo: (0 menções)

Segundo os dados recolhidos, verifica-se que apenas três variáveis foram utilizadas por esta faixa etária. Com idades compreendidas entre os 70 e os 96 anos, as respostas não dispersaram entre si, aliás, pelo contrário tiveram tendência a ser semelhantes, porque talvez estas idades tenham uma tendência para terem uma forma de pensar mais rígida e com a mesma linha de pensamento do que o que se verifica nas restantes idades. Sendo isto perfeitamente normal, porque a maneira de pensar e a realidade vivida há 60 anos atrás não é a mesma do que a de agora, ou de que há 20 anos, sendo necessária a identificação das diferentes faixas etárias, de forma também a perceber as diferenças existentes entre todas.

As variáveis utilizadas por esta faixa etária, e por ordem de mais menções foram as alíneas **a)** férias; alínea **b)** por familiares/ amigos e a alínea **c)**. Iniciando com a alínea a), incluem-se as pessoas que visitaram a ilha por motivos de férias, algumas delas mais do que uma vez, e noutros casos, as pessoas que viveram durante meses na ilha. Um aspeto que deve ser mencionado é que a realidade contada por estas pessoas, é uma realidade que pode estar já descontextualizada, uma vez que estiveram na ilha há muitos anos. Um aspeto interessante, quando comparado com outras faixas etárias que visitaram recentemente a Terceira e os Açores, diz respeito à visão de realidades completamente diferentes e contadas de maneiras também elas diferentes, uma vez que visitaram as ilhas em datas distintas, com espaços de 20 anos, daí que, claramente, se nota grande desenvolvimento e evolução no arquipélago.

Apresenta-se um testemunho de uma senhora que viveu durante um mês e meio na ilha Terceira, com o marido que trabalhava no comando da PSP em Angra do Heroísmo. Ao longo da entrevista falou nos aspetos que guardou com ela, dos momentos lá passados. Em primeiro lugar, destaca-se os seus habitantes, “pessoas simpáticas” e “meigas”. A gastronomia é outro ponto mencionado. Uma gastronomia muito boa, com pratos aos quais as senhoras se dedicam com detalhe, tendo em conta a apresentação final do prato. Ainda menciona um prato típico - o pudim de peixe - referindo que “estufa-se o peixe, misturam-se as claras dos ovos em castelo, e depois leva-se ao forno, como se fosse um bolo”.

Outro aspeto falado na entrevista vai de encontro a algumas das tradições que esta senhora teve a possibilidade de ver, entre elas, as famosas touradas à corda, as bandas filarmónicas a atuarem no jardim de Angra do Heroísmo, a atuação dos famosos ranchos terceirenses, que também se fazia no coreto do jardim. Para finalizar, esta senhora fala, ainda, dos bordados feitos à mão, pelas senhoras daquela altura, que ainda hoje em dia são uma relíquia do património terceirense, ressaltando a existência de uma loja dedicada a este tipo de artesanato intitulada como “fábrica dos bordados”.

Segue-se na tabela a alínea **b)** por amigos/familiares, reunindo o total de 5 menções. Algumas destas pessoas ouviram falar da ilha através de outras que já lá tinham estado, todos eles familiares, ou seja, familiares que lhes contaram a sua experiência nos Açores, na ilha Terceira. É de salientar que, por pertencerem a faixas etárias de mais idade, como é o caso de alguns entrevistados com idades acima dos 90 anos, é principalmente, através desses meios, em comunicação com filhos e netos, de uma forma geral a família, que estas pessoas têm contacto com informações, neste caso específico da ilha Terceira. De salientar que os tempos mudaram muito, e na juventude destas pessoas não existiam tantos meios, e meios tão preparados de comunicação, pelo que a informação era muitas vezes escassa, e estas pessoas estariam então mais familiarizadas com o seu meio envolvente, como foi dito pelos próprios. Noutros casos, essa informação, era detida por classes que tinham mais posses e, conseqüentemente, tinham uma maior facilidade em entrar em contacto com o mundo lá fora.

Quanto à alínea **c)** notícias, esta reuniu o total de três menções. É através deste meio que conheceram a Ilha Terceira, todavia não mencionaram qualquer tipo de situação em específico. Podemos dizer que este tipo de pessoas mais idosas tem uma maior tendência a ver o noticiário televisivo, por exemplo, sendo normal surgir esta variável, ainda que não se verificasse tanta afluência como seria esperado.

Para terminar, seguem-se outras categorias, **d)** livros e revistas; **e)** escola; **f)** motivos profissionais e **g)** não me recordo, que não reuniram votos. Não foram de todo uma surpresa os resultados obtidos para esta faixa etária, uma vez que já pela sua idade avançada não têm ligação com as restantes variáveis.

3.5. ANÁLISE DA PERGUNTA 5: CONSIDERA QUE EXISTE ALGUMA VANTAGEM EM VIVER NUMA ILHA? QUAL?

As tabelas abaixo correspondem à quinta e última pergunta da entrevista **“Considera que existe alguma vantagem em viver numa ilha? Qual?”**

Tabela 7: “Considera que existe alguma vantagem em viver numa ilha?”

		Faixa Etária (anos)			
		18-25	26-45	46-65	> 66
Considera que existe alguma vantagem em viver numa ilha?	Sim	48	23	15	11
	Não	0	2	1	3
	As mesmas que Portugal continental	0	1	0	0
Total		48	26	16	14

Como visto com as perguntas iniciais, esta também se caracteriza por ser uma pergunta que suscita no entrevistado uma resposta mais completa. O principal objetivo assenta em entender se as pessoas que habitam em território continental, nomeadamente cidade do Porto, conseguem identificar vantagens em viver nas ilhas, designadas por serem territórios muito mais pequenos, pacatos, ou se pelo contrário não conseguem encontrar nenhum tipo de vantagem.

Tabela 8: “Quais ?



Categorias	Faixa Etária (anos)							
	18-25 (n=48)		26-45 (n=26)		46-65 (n=16)		> 66 (n=14)	
	Resposta	Freq.	Resposta	Freq.	Resposta	Freq.	Resposta	Freq.
Natureza 	Natureza intocável	1	Contacto com a natureza	3	Contacto com a natureza	1	Contacto com a natureza	2
	Mar	2	Paisagens	2	Natureza que promove um E.V.S	1		
	Ambiente natural	2	Mar	1	Horizonte sem fim	1		
	Relação natureza/ pessoas	1						
	total	6	6	3	2			
Estilo de vida 	Qualidade de vida	4	Qualidade de vida	4	Segurança	1	Não falta nada	2
	Sossego	3	Vida calma	2	Menor densidade populacional	1	Vida saudável	1
	Paz	3	Vida saudável	1	Tranquilidade	1	Tranquilidade	1
	Vida calma	7	Tranquilidade	1	Sossego	2		
	Segurança	1	Viver num modo slow	1	Vida calma	1		
	Vida saudável	5	Sossego	2				
	Bem estar	1	Menos stress	1				
	Ar puro	2	Proximidade a tudo	3				
	total	26	15	6	3			

Tabela 9: (Continuação) “Quais?”

Categorias	Faixa Etária (anos)							
	18-25 (n=48)		26-45 (n=26)		46-65 (n=16)		> 66 (n=14)	
	Resposta	Freq.	Resposta	Freq.	Resposta	Freq.	Resposta	Freq.
Hospitalidade 	Ambiente pacato	1	Pessoas são como família	1	Convívio entre pessoas	1	Saber receber	3
	Pessoas hospitaleiras	1	Ambiente pacato	1	Proximidade entre pessoas	1	Pessoas unidas	1
	Espírito comunitário	4					Amigos sinceros	1
	Inter-ajuda	1						
	Ambiente amigável	1						
	Ambiente familiar	1						
	total	9		2		2		5
Empreendedorismo 	Inovação	1						
	total	1						
Produtos regionais 	Produtos americanos	1			Recursos próprios	1		
	total	1				1		
Cultura 	Cultura própria	1			Tradições alegres	1		
	total	1				1		

As respostas dos entrevistados deram origem às principais categorias que orientam a tabela, sendo esta composta pelas seguintes: Natureza; Estilo de vida; Hospitalidade; Empreendedorismo; Gastronomia ou Produtos regionais e Cultura. No entanto, existem também, consoante as respostas dadas pelos entrevistados, outras duas categorias que completam a tabela como é o caso da categoria: não existem vantagens e a categoria as mesmas que em Portugal Continental.

Tal como aconteceu com outras questões, existem termos que são muito mencionados por todas as faixas etárias. Assim, far-se-á uma análise conjunta, comparando os resultados entre as diferentes faixas etárias, a fim de evitar-se a repetição de informação que, muitas vezes, é idêntica à já referida.

Iniciando com os resultados da faixa etária dos **18>25** anos, todos os entrevistados responderam que existem vantagens. Nesta faixa etária, a variável que juntou mais votos foi a do estilo de vida, com 26 votos. Os termos utilizados foram os seguintes:

- a) Vida calma (7 menções)
- b) Qualidade de vida (4 menções)
- c) Vida saudável (5 menções)
- d) Paz (3 menções)
- e) Sossego (3 menções)
- f) Bem-estar (1 menção)
- g) Ar puro (1 menção)
- h) Segurança (1 menção)

A maioria dos jovens mencionou como principal variável o estilo de vida que se leva nestas regiões. Apesar de constituírem alíneas diferentes, muitas delas têm um significado idêntico, como é o caso das alíneas **a)** vida calma, **d)** paz, **e)** sossego, que indicam que as ilhas são zonas aliadas de uma vida saudável e tranquila, estando longe do *stress* vivido nas grandes cidades. É preciso que se note que todas estas vantagens estão ligadas entre si e, por isso mesmo, acabamos por repetir alguns aspetos importantes.

A alínea b) qualidade de vida, reuniu um total de 4 menções. Quem vive em locais destes, tem uma qualidade de vida superior. Segundo alguns entrevistados, viver em locais assim pode trazer a vantagem de conseguir por um lado gerir melhor a sua economia, porque a maior parte das zonas consideradas pacatas, tem custos de vida também mais baratos, ou por outro lado, não tem tanto poder de oferta, como as grandes cidades, o que acaba por levar as pessoas também a gastar menos, e a gerir melhor a sua vida. No entanto, a qualidade de vida está altamente associada a outros fatores, referenciados em outras categorias como é o caso da natureza, do estilo de vida. A

qualidade de vida é um aspeto também muito importante e característico destas regiões, e por isso mesmo também ele muito referenciado, aparecendo não só nesta faixa etária, como nas restantes.

Quanto à alínea **c)** vida saudável, alínea **g)** ar puro e alínea **f)**, também estas estão relacionadas entre si, uma vez que têm significados idênticos dos pontos de vista dos entrevistados. Segundo estes, a vivência numa ilha pode proporcionar uma vida mais saudável, já que acarreta hábitos diferentes daqueles que se vivem numa grande cidade. De seguida, apresentam-se alguns dos exemplos dados pelos entrevistados: o facto de não haver tanta poluição, uma vez que apresentam muito menos indústrias, fábricas, responsáveis pela grande parte da poluição nas grandes cidades. Outro motivo apontado nasce de outra grande variável representada na tabela, mas que também se aplica a este caso, como é o grande contacto com a natureza, estando provado que traz benefícios para a saúde física e mental das pessoas. Dentro da ideia anterior também se pode incluir outra alínea mencionada acima, alínea **g)** ar puro, que surge devido a esse grande contacto com a natureza e com a não existência da poluição, que permite um ar puro e saudável. Além destes aspetos, a vida longe dos grandes movimentos e das grandes urbanizações traz muito menos *Stress*, que é um fator também valorizado e que ocupa um papel também ele importante dentro desta alínea da vida saudável.

Para terminar, apresenta-se na tabela a alínea **h)** segurança, com 1 menção. Uma das vantagens fortes de viver em ilhas, por serem sítios mais pacatos, meios pequenos, é a segurança que existe, segurança esta reconhecida pelos entrevistados como sendo uma vantagem importante. A existência de um sentimento de segurança implantado na população destas ilhas, onde as pessoas não têm qualquer tipo de medo ou desconfiança em sair de casa, ou andar por exemplo à noite na rua, surge do facto óbvio de a marginalidade não ser comum nestes sítios. Este fator cria nos habitantes desta terra o sentimento de confiança pelo vizinho, tornando as pessoas também mais próximas. Todavia, não podemos dizer que estes locais são sempre desprovidos de qualquer tipo de conflito, violência, confusão, porque existem, simplesmente em muito menor quantidade e esporadicamente.

A primeira variável, que surge na tabela, corresponde à **natureza**, na qual conferiram todas as pessoas que veem como vantagens viver com a natureza, categoria com a qual

estamos bem familiarizados quanto à importância que esta tem nos Açores, em qualquer das suas ilhas. Segundo a análise dos dados, podemos afirmar que a seguir à variável da hospitalidade, é esta que reuniu o maior número de menções, de uma forma geral, transversal a todas as faixas etárias. Segue-se o número de menções que reuniu em cada faixa etária:

- a) Faixa etária 18>25 anos: (6 menções)
- b) Faixa etária 26>45 anos: (6 menções)
- c) Faixa etária 46> 65 anos: (3 menções)
- d) Faixa etária 66>... anos: (2 menções)

Analisar-se-ão as vantagens relacionadas com a natureza, mais referidas pelos entrevistados, e que transpuseram as diferentes faixas etárias:

- a) Contacto com a natureza (6 menções)
- b) Ambiente natural (4 menções)
- c) Mar (3 menções)

Em primeiro lugar a alínea **a)** contacto com a natureza. Este contacto com a natureza pode, por sua vez, abranger outras vantagens referidas, mas que acabam por estar todas relacionadas, como as seguintes: relação Natureza/pessoas; contacto com a natureza que promove saúde e o contacto com a natureza. Estas três vantagens foram referidas pelos entrevistados, no entanto juntaram-se e deram origem a um só ponto. As faixas etárias, nas quais parece ser de grande importância a existência de uma ligação com a natureza e em que se pode encontrar estes termos, são as seguintes: **26>45**; **46>65** e **66>**. Ao mencionarem esta vantagem, estas pessoas referem-se ao facto de o contacto com a natureza, que é inevitável nesta região, ser um bem maior para a saúde física e mental dos seus habitantes. Além disso, as pessoas mencionam também a existência de uma relação com a natureza, uma relação próxima, que é típica desta região, em que se nota a preocupação por parte de todos em preservar e proteger o património natural das ilhas, uma vez que este faz parte de “ser Açoriano”.

Quanto à alínea b) ambiente natural, dentro desta vantagem incluem-se também as paisagens. Com um total de quatro menções, esta vantagem foi mencionada pelas seguintes faixas etárias: **18>25** e **26 >45** anos. Esta vantagem refere-se mais ao ambiente e meio envolvente que encontramos na ilha, e não tão-somente ao contacto que se estabelece com os seus habitantes, como vimos anteriormente. Um meio natural, onde a paisagem é criada pela natureza, onde o verde é a cor predominante, onde o homem tenta não intervir na paisagem e se preocupa em adaptar o “novo” à natureza, e a não modificar a natureza em prol de construir.

A alínea **c)** mar, reunindo três menções, foi referida pelas seguintes faixas etárias: **18>25** e dos **26>45** anos. O facto de a ilha ser rodeada por mar e ser possível, em quase todos os locais da ilha, avistá-lo, é uma vantagem. Segundo os entrevistados, o mar é por si só uma grande fonte de saúde, trazendo calma, paz, tranquilidade, e as ilhas têm muito essa vantagem, por serem completamente rodeadas de mar, e por ser fácil e rápido estar em contacto com ele.

De seguida, apresentam-se as variáveis que reuniram menos menções junto dos entrevistados, ou seja, as vantagens referidas apenas por uma faixa etária, não sendo transpostas a outras. Segue-se então:

a) Natureza intocável (1 menção)

b) Horizonte sem fim (1 menção)

Iniciando com a **alínea a)** natureza intocável, com uma menção, referida pela faixa etária dos **18>25** anos, o entrevistado afirma que um dos pontos fortes das ilhas açorianas, e destes locais mais pacatos e sem grande exposição ao homem, assenta no facto de a sua natureza permanecer intocável, mantendo a magia do seu original, dando aquela característica de “ar misterioso”, como referiu o próprio.

Quanto à **alínea b)** horizonte sem fim, mencionada pela faixa etária dos **46> 65** anos, o entrevistado refere uma característica de uma vantagem já falada anteriormente: fala do “horizonte sem fim” que o mar apresenta, o que, segundo ele, lhe transmite paz e um certo mistério.

Segue-se na tabela a variável da **hospitalidade**. Os entrevistados que votaram nesta categoria afirmam que as principais vantagens consistem, principalmente, na forma como estas pessoas recebem as outras. Após olhar-se a tabela, percebe-se que, em todas as faixas etárias, se enumeraram como vantagens pontos associados a esta categoria e que irão ser abordados de seguida. Abaixo encontram-se as vantagens que foram mencionadas por diferentes faixas etárias:

- a) Ambiente familiar (2 menções)
- b) Ambiente pacato (2 menções)

As duas vantagens referidas têm como primeira palavra “ambiente”, como é o caso de outras também correspondentes a esta categoria. Desta primeira palavra, podemos dizer que os entrevistados parecem valorizar o meio que envolve estas pessoas. Segundo eles, este ambiente remete para um meio saudável, onde as pessoas convivem entre si, um convívio a que as pessoas das grandes cidades não estão habituadas a ver no seu dia-a-dia. Também é importante referir que a maior parte das pessoas que escolheu esta categoria já tinha visitado algumas ilhas dos Açores, principalmente a ilha Terceira.

Quanto à alínea **a)** ambiente familiar, com duas menções, foi referida pelas seguintes faixas etárias: **18>25** e **26>45** anos. Quem fala desta vantagem, alude como principal ponto que as pessoas que são recebidas na ilha, são tratadas como família, realçando o facto de as pessoas confraternizarem como se já se conhecessem há muito tempo, sendo este último um aspeto que causou alguma admiração por parte de alguns entrevistados. O modo como são recebidas faz com que estas pessoas que visitam a ilha se sintam em casa, transmitindo dessa forma a sensação de um ambiente familiar.

A alínea **b)** ambiente pacato, com quatro votos, é mencionada pelas faixas etárias: **18>25** e **26>45** anos. Segundo os entrevistados, e como a palavra o descreve, qualificam estas ilhas como sendo ambientes dotados de grande calma, inércia, sossego e tranquilidade. Pode-se afirmar que esta é uma vantagem procurada e valorizada por pessoas que vivem nas cidades perto de grande movimento. Este foi um facto que, ao longo das entrevistas, se foi denotando, pois quanto mais a pessoa vive situações de maior *Stress*, ou em zonas de maior movimento, maior tendência tem em valorizar aspetos como o sossego, calma, menos *Stress*.

De seguida, apontam-se as vantagens referidas apenas por certas faixas etárias:

- a) Espírito comunitário
- b) Pessoas hospitaleiras
- c) Ambiente amigável
- d) Convívio entre pessoas
- e) Proximidade entre pessoas
- f) Saber receber
- g) Pessoas unidas
- h) Amigos sinceros

As vantagens anteriores, como é de fácil compreensão, estão muito ligadas com a maneira de ser das pessoas da ilha, não sendo, pois, de estranhar que muitas destas vantagens se encontrem também ligadas entre si.

Iniciando com a vantagem da alínea **a)** o espírito comunitário, ocorre que um dos aspetos muito referidos, de se viver em sítios mais pequenos, tem vantagens grandes como estas. O espírito comunitário é grande nestas zonas, uma vez que as pessoas se conhecem mais, e desse modo, tentam ajudar-se mutuamente, no meio em que se encontram inseridas. A preocupação com os outros, com o vizinho do lado, está sempre muito presente.

Quanto à alínea **b)** pessoas hospitaleiras, todos os entrevistados, que tiveram a oportunidade de visitar a ilha Terceira, parecem ter uma opinião consensual de os terceirenses serem muito afáveis e acolhedores, recebendo muito bem as pessoas que entram na sua terra e na sua casa. E desta forma, também relacionado, podemos incluir a alínea **f)** saber receber; segundo estas pessoas, este foi e é um ponto fortíssimo para criar a saudade de querer voltar à ilha. Muitas destas pessoas mencionaram, durante a entrevista, que aquilo de que mais sentem saudades é mesmo das pessoas e da maneira como elas se preocupam em receber os outros, o que por si só é um aspeto muito importante e muito característico dos habitantes da Ilha Terceira.

Segue-se a alínea **c)** ambiente amigável. A boa disposição dos terceirenses é contagiante, tornando o local onde estão cheios de alegria e um festim. Por conseguinte, as pessoas que já visitaram a ilha mencionam muito este ambiente amigo que não deixa de estar estreitamente relacionado com aspetos já falados anteriormente.

As alíneas **d)** convívio entre pessoas e **e)** proximidade entre pessoas, juntam-se, visto que, segundo os entrevistados, tanto uma vantagem como a outra têm por base motivos idênticos. Como já observado, os sítios que por natureza são mais pequenos e consequentemente mais pacíficos, tendem a proporcionar, aos seus habitantes, atitudes também estas mais descomprimidas. Um fator que foi referido, várias vezes, por diferentes participantes destas entrevistas consiste na relação existente entre vizinhos de porta, ou até mesmo pessoas que não são vizinhas e que vivam ali na mesma localidade, cuja relação é caracterizada por uma proximidade e confiança, que em sítios de maior movimento não é habitual. As pessoas convivem mais entre si, é habitual por exemplo o vizinho receber visitas em casa ou até mesmo jantares de convívio entre pessoas da localidade, e até mesmo com pessoas que não fazem parte da sua localidade. Essa ausência de “problemas” cria então nestas pessoas uma maior confiança para exercer tais proximidades e convívios, que podem ser vistos por toda a ilha. Ora, este fator nota-se muito, também, na relação que estas pessoas mantêm com os seus visitantes, como foi referido pelos entrevistados.

Quanto à alínea **g)** pessoas unidas, ao longo das entrevistas percebe-se que as vantagens estão conectadas entre si, e que uma pode levar a outra. Quanto a esta vantagem “pessoas unidas”, claramente que as pessoas que visitaram a ilha aperceberam-se dessa proximidade entre habitantes e comunidade, levando a este pensamento de pessoas unidas. “Pessoas unidas que se ajudam mutuamente”.

Para finalizar esta categoria, segue-se a alínea **h)** amigos sinceros. Esta vantagem teve como motivo principal a amizade criada entre alguns habitantes do Porto e da Ilha Terceira, mantendo-se até aos dias de hoje.

Na tabela, segue-se a variável do empreendedorismo. Segundo os dados da tabela, entende-se que esta foi a variável com menos menções, sendo esta mencionada pela faixa etária dos **18>25**, por um entrevistado do sexo feminino com 23 anos, aludindo a esta categoria com o seguinte termo:

a) Inovação (1 menção)

Apesar de ter poucos menções, este foi um ponto de vista interessante, pelo facto de ter surgido das camadas mais jovens da nossa faixa etária. Isto pode dever-se à situação de o indivíduo estar, neste momento, a acabar o mestrado, e os mais jovens, por vezes, estarem mais em busca de novos projetos. Segundo o entrevistado, os locais mais pequenos como as ilhas, por terem menos população e, por outro lado, não disponibilizarem dos mesmos meios como vemos nas grandes cidades, podem, se bem aproveitados, ser uma vantagem quanto a esta área.

A inovação nestes locais e a implementação de mudanças nas empresas ou a criação das mesmas, ligadas aos setores mais produtivos da região, pode ter frutos, como é o caso do setor ligado à natureza ou ao turismo, aos desportos radicais. A promoção da criação de empresas inovadoras podia abrir portas a outras vantagens como a fixação de jovens na região, ou o desenvolvimento da própria região.

Segue-se, na tabela, a categoria correspondente a gastronomia e produtos regionais. À semelhança do que aconteceu com a categoria anterior, o número de votos relativamente a outras variáveis diminuiu, o que se pode explicar, por serem variáveis valorizadas por certas faixas etárias, ou então por serem menos reconhecidas, ou conhecidas apenas por pessoas que já tiveram a oportunidade de visitar os Açores. Neste caso, sucedem-se duas faixas etárias que mencionam como vantagens os produtos regionais, entre elas a faixa correspondente aos **18>25** anos e a faixa correspondente aos **46>65** anos. Apesar de somarem apenas duas menções na totalidade, o facto de diferentes faixas etárias, com alguma idade de diferença entre si, aludirem para esta variável, sugere que poderão existir certos produtos que são conhecidos, de uma forma geral, e rapidamente identificados como sendo um produto açoriano, uma marca da natureza. Segundo os dados da tabela apresentam-se:

a) Produtos americanos

b) Recursos próprios

Olhando para as vantagens referidas, elas divergem entre si, apesar do produto americano não ser um produto de origem açoriana, é muito fácil encontrá-lo,

nomeadamente na Ilha Terceira, devido à presença e influência dos Estados Unidos, com a Base das Lajes. Porém, nos dias de hoje essa influência sofreu uma grande diminuição, com a saída dos americanos da Base das Lajes. Ainda assim, essa tendência pelos produtos americanos, apesar de menor, ficou existindo lojas somente desses produtos, que variam desde comida até a produtos de limpeza, acessórios para casas. Contudo, e como já foi referido no início deste trabalho, a forte migração do povo açoriano para os Estados Unidos criou grandes laços entre a ilha e as comunidades portuguesas existentes nesse país. Era muito comum, na década de 80 e 90, a ilha receber caixotes, vindos da América com inúmeros produtos, principalmente vestuário e comida. Dessa forma, ainda hoje, muitos destes produtos continuam a circular na ilha.

Segundo a entrevista realizada, a entrevistada refere os chocolates americanos que os familiares, em férias na ilha Terceira, lhe traziam, como por exemplo, os chocolates *Reeses*, que se encontram apenas em lojas de produtos americanos.

A alínea **b)** recursos próprios, segundo esta entrevista, assume que pelo facto de se viver numa ilha, por um lado, o acesso é, sem dúvida, mais restrito a certos produtos mundiais. Como exemplo disso, foi muito frequente, principalmente nas faixas etárias mais novas, ficarem surpreendidas por não haver certas lojas, certas cadeias de *Fastfood* mundiais nas ilhas. No entanto, podemos recolher vantagens disso também. Segundo a entrevistada, o facto de não se ter acesso a certos tipos de produtos, leva a que as pessoas produzam os seus próprios. A verdade é que muitos destes ilhéus vivem daquilo que produzem, vivem do que a terra lhes dá; é notório desde os lavradores que criam o seu gado, produzindo o seu leite e a sua carne, desde os pequenos campos de cultivo atrás da casa dos avós, onde se pode ir colher qualquer tipo de legumes, ou até mesmo as árvores de fruto, a criação dos seus próprios animais, como as galinhas, para consumo próprio ou para vender, os ovos, a carne, a criação do leitão também muito recorrente, entre muitas mais aqui não citadas. Tudo isto fomenta a economia da ilha e valoriza o que é terceirense.

Para finalizar, a última categoria desta tabela correspondente à quinta e última pergunta da entrevista: aparece-nos, na tabela, a categoria da **cultura**. Como se pode observar, esta é uma das variáveis que somou menos menções, quando comparada com os restantes resultados obtidos das outras categorias, o que mostra, mais uma vez, que certos tipos de variáveis destacam-se mais que outras, ou podem mesmo até ser chamadas

como imagens de marca dos Açores, como vemos com a natureza, por exemplo, que somou em todas as questões da entrevista o maior número de votos, estando ligada quase sempre a outras categorias, como a associação do estilo de vida saudável à natureza. No entanto, esta situação, de certas categorias serem menos valorizadas, poderá querer dizer que é necessária uma maior divulgação e a criação de projetos para dar a conhecer um pouco mais de outros campos com muito valor açoriano e diferentes daqueles de que se ouve falar mais. Urge dar a conhecer mais da cultura e dos valores da identidade açoriana ao mundo.

As vantagens referidas pelos entrevistados, nesta categoria, foram as seguintes:

a) Cultura própria

b) Tradições alegres

Tal como já foi falado algumas vezes ao longo deste trabalho, “O Insulamento”, temática muito estudada pelo escritor e investigador Armando Narciso, explica os processos e enraizamentos da cultura nos Açores e em cada uma das suas ilhas. O facto de serem ilhas e de estarem isoladas é uma grande vantagem, para manter as tradições inalteradas e únicas. É neste ponto que entra uma das vantagens referidas nesta variável, a alínea **a)** cultura própria, referida pela faixa etária dos **18>25** anos, apresentando uma menção. A cultura que se vive nas ilhas diferencia-se da que se vive em território continental, onde muitas das culturas acabam mesmo por desaparecer, ou terminam alteradas, tendo desaparecido algumas das características que as tornavam únicas. Ao longo das entrevistas, alguns entrevistados, que já visitaram o Arquipélago, mencionavam alguns aspetos que vivenciavam pela primeira vez, como o caso do Carnaval da Ilha Terceira, uma tradição em nada semelhante a outras por eles presenciadas.

Finalizando com a alínea **b)** Tradições alegres, é importante referir que o entrevistado já tinha visitado algumas vezes a ilha Terceira: uma das suas visitas coincidiu com o Carnaval que, normalmente, ocorre no mês de fevereiro. O Carnaval é, sem dúvida, uma das tradições mais importantes desta ilha, diferenciando-se imenso daquilo que as pessoas estão habituadas a ver ou a ouvir sobre a tradição em outros locais. É único e praticado apenas nesta região, nomeadamente nesta ilha, embora as comunidades de açorianos existentes nos Estados Unidos e no Canadá também o celebrem, não aufere do

mesmo impacto nem dimensão daqueles vividos na Terceira. Esta é uma das tradições mais alegres, divertidas e a que move a ilha inteira, como iremos ver no próximo capítulo.

Outra das tradições mencionadas pelo entrevistado, e uma das que pôde acompanhar de perto, foram os famosos “Meninos mija”. A tradição acontece normalmente após a noite de Natal, a famosa consoada, dia 24 de dezembro, em que as pessoas preparam grandes e abastadas mesas, com doces, salgados, pratos tradicionais; recebem-se os amigos, e costumam-se formar grupos para percorrer as casas das pessoas todas que fazem parte do grupo. É muito habitual cantarem e tocarem músicas de Natal às portas das pessoas antes de entrarem nas suas casas.

Conclui-se deste modo que a maioria dos entrevistados considera que existem vantagens em viver numa ilha, registando apenas seis que não o consideram e um que considera que estas vantagens são as mesmas que existem em Portugal continental. As principais motivações que levam os entrevistados a considerar estas vantagens assentam sobretudo: natureza; estilo de vida saudável; hospitalidade, empreendedorismo; gastronomia e cultura.

4. NA ILHA TERCEIRA: O CARNAVAL -TRADIÇÃO E TESTEMUNHOS

O presente capítulo consiste na abordagem de uma das tradições mais importantes do povo Terceirense, e que se tornou ao longo dos anos imagem de marca desta ilha. Hoje em dia, é possível confirmar em autores como Luiz Fagundes Duarte (2010), o qual realça em “O Carnaval da Ilha Terceira”, que essa tradição ocupa uma posição central no calendário festivo da ilha (Duarte, 2010) tradição essa que abordaremos, apresentando os aspetos que, segundo José Noronha, Hélio Costa e Luiz Fagundes, afirmam como sendo única no mundo. (Costa, Autor do Carnaval dos Bravos , 2003)(Bretão, 1998), (Duarte, 2010).

Poder-se-iam mencionar outras tradições relevantes da cultura terceirense, tais como as Festas do Divino Espírito Santo que, ocupando um lugar central na ilha, muito se diferenciam do Carnaval, tratando-se de uma tradição de foro religioso. Embora este estudo se foque na abordagem do Carnaval, assinala-se, todavia, que estas Festas decorrem um pouco por todo o arquipélago, porém de contornos diferentes, pois as suas características mudam consoante a ilha, ou consoante o grupo do arquipélago, em aspetos como a realização das cerimónias; na forma em que são confeccionadas as conhecidas “sopas do Espírito Santo”, e a gastronomia tradicional que compõe a mesa desta tradição. Aliás, mesmo dentro da própria ilha, neste caso a Ilha Terceira, a forma de fazer estas sopas muda consoante a localidade da ilha em que nos encontramos, o que depende quer da vontade das pessoas de cada freguesia quer dos produtos mais comuns e tradicionais da mesma. “Conhecer uma cultura ou tradição, é equivalente a traduzir uma cultura, tanto quanto conhecer e traduzir uma língua, é uma forma de viver” (Sarmiento, 2018). Deste modo ao longo deste último capítulo iremos abordar a tradição do Carnaval e como ela é tão vivida pelo seu povo.

Neste capítulo, e como o título indica, privilegia-se as opiniões e registos de pessoas que, desde sempre, participaram nestas tradições, e que relataram as experiências vividas ao longo dos anos. Estes testemunhos foram organizados por grupos, atendendo às circunstâncias de vida, ou seja, pessoas que estão radicadas fora da ilha – emigrantes, e aqueles que residem na própria. Por conseguinte, ainda que, tratando-se das mesmas tradições, percebemos que são vividas de um modo diferente. No respeitante ao grupo

dos emigrantes, participam das tradições, só que deslocados em território estrangeiro, como é o caso das comunidades portuguesas nos Estados Unidos e no Canadá.

A partir do ano de 2020 o Carnaval terceirense passou a integrar o inventário Nacional do Património Cultural e Imaterial de Portugal⁵⁷.

O Património expressa a identidade histórica e as vivências de um povo...O património faz recordar o passado, é uma manifestação, um testemunho, uma invocação ou melhor uma convocação do passado. Tem, portanto, a função de (re)memorar acontecimentos mais importantes daí a relação com o conceito de memória social (Martins 2011 citado por rodrigues p. 4).

A tradição do Carnaval manifesta tão bem as vivências de um povo caracterizado por ser um povo de uma diversão profunda e festivo, transportando para estes palcos únicos no mundo aquilo que são, sobem a estes palcos nestes dias, todos os mais variados assuntos referentes ao que se passa na ilha e não só, sendo muitas vezes espelhos da realidade vivida. O Carnaval da ilha Terceira é considerado uma vivência difícil de ser explicada e que deve ser vivida para quem o quiser perceber.

4.1. ACERCA DO CARNAVAL

Ao abordar a tradição do Carnaval, relembre-se o Entrudo, nome pela qual as gerações antigas a designavam, sendo um termo mais comum entre a população mais idosa. No entanto, já há muitos anos que esta tem sido, paulatinamente, substituída pelo termo Carnaval. Segundo especialistas, tal como Luiz Fagundes (2010), ainda hoje, a origem do vocábulo Carnaval é enigmática. Contudo, sabe-se que foi uma tradição que iniciada no continente europeu, se estendeu para o resto do mundo através dos povos grego e romano. Posteriormente, atingiu outros territórios com ajuda dos países colonizadores, adquirindo os modelos pertencentes às culturas de cada povo, sendo este um dos grandes fatores para os diferentes modelos que conhecemos do Carnaval.

⁵⁷ <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/InventarioNacional/DetalleFicha/500?dirPesq=0>.

Por outro lado, o termo está associado diretamente à religião, através da qual ganhou uma maior dimensão e abrangência, decorrendo da palavra latina “*carnevale*”⁵⁸ que significa suspensão da carne.

Também Hélio Costa nos fala um pouco do significado do Carnaval, ligado à comunidade cristã, na sua obra, curiosamente, intitulada “Hélio Costa: Autor do Carnaval dos Bravos” (2003). Sublinhe-se que o autor não se distancia muito, na nossa opinião, das ideias anteriormente transmitidas pelo Padre José Júlio da Rocha⁵⁹, a diferença encontra-se sobretudo no facto de serem ideias referidas por pessoas que se encontram em ramos diferentes, sendo muitas vezes um fator benéfico, uma vez que nos trazem pontos de vista complementares.

Na ilha Terceira, o Carnaval possui uma natureza que privilegia uma profunda diversão, desenvolvendo-se num período de curta duração, antes da longa penitência da Quaresma, altura em que os cristãos eram proibidos de consumir carne. Hélio Costa refere-se a esta profunda diversão, e a este consumo de carne, como uma “orgia do consumo”, uma vez que a carne era ingerida em quantidades grandes por todas as pessoas, para fortalecerem o corpo durante as abstinências quaresmais. Este grande festim transforma-se, também numa forma de compensação pelas agruras do quotidiano daqueles que, ao tempo, não usufruíam das melhores condições de vida (Costa, Autor do Carnaval dos Bravos, 2003).

Nesses dias de festejo e excessos, os mais humildes - pedreiros, carpinteiros, pintores, e lavradores - de repente, assumindo outros papéis na comunidade. Durante poucos dias, convertiam-se em personagens específicas, de acordo com as suas características e

⁵⁸O *Carnevale*, ganha o significado cristão, do adeus à carne, isto quer dizer que durante os quarenta dias antes da Páscoa, como penitência, as pessoas não podiam comer carne. No dia antes da Quarta-Feira de Cinzas, que é o primeiro dia da Quaresma, as pessoas faziam a festa, grandes folias, comiam carne, como forma de dizer adeus à mesma, porque durante quarenta dias não poderiam celebrar, segundo o lado da igreja cristã, assim nasce o Carnaval.

⁵⁹ Informação obtida em conversa informal com o padre José Júlio da Rocha, no dia 17/01/2021 acerca do que consistia o *Carnevale* e o seu significado junto da igreja.

capacidades: uns eram santos, outros reis, médicos, políticos, poetas ou músicos (Costa, 2003).⁶⁰

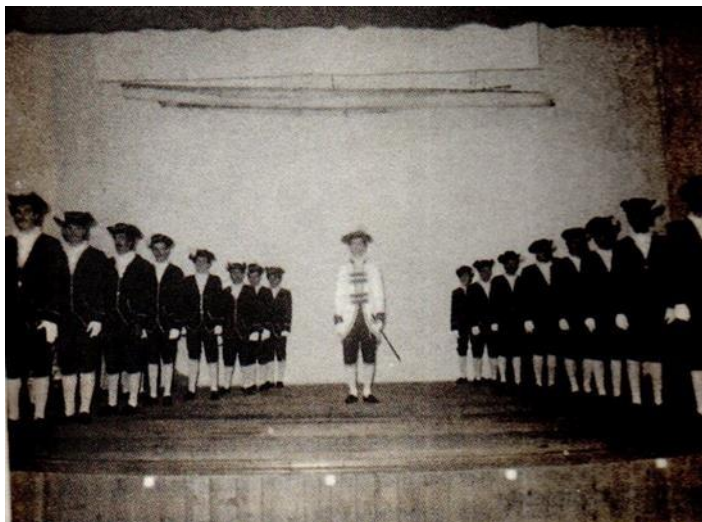


Figura 19: Dança de espada. FONTE: (Gomes, 2018).

São poucos os dados, quase nenhuns, sobre as origens do Carnaval nos Açores, ou das primeiras danças de Entrudo. Os autores que investigaram a temática parecem estar em consenso quanto a isso, afirmando ser urgente o estudo e a interpretação das suas origens principalmente para a antropologia cultural. (Duarte, 2010).

No entanto, a partir da revisão da literatura, tentaremos clarificar melhor a sua origem e evolução, analisando o que foi e o que é o Carnaval Terceirense. Assim, destacam-se três autores que serviram de guia, para além dos citados anteriormente, assinalam-se Hélio Costa, José Noronha e Augusto Gomes.⁶¹

Parecerá difícil, talvez, relacionar o Carnaval terceirense com o mundo cristão, no que toca a cortejos processionais, a ilustrarem certas passagens bíblicas (Gomes, 2018), com uma evolução para um jogo cénico com o passar dos anos. “Assim nasceram as representações para-litúrgicas que tomaram o nome de mistérios, representadas nos

⁶⁰Na opinião da autora, curiosa é esta mudança, quando as pessoas “normais”, durante estes poucos dias, vestem outras personagens e vivem apenas a realidade carnavalesca, como se visitassem outro mundo completamente diferente daquele que vivem o resto do ano.

⁶¹ José Noronha em “As danças de Entrudo uma festa do povo, teatro popular da Ilha Terceira Volume 1” e Augusto Gomes em “A alma da nossa gente”.

interiores das igrejas, depois nos adros e mais tarde a deslocarem-se” (Gomes,2018). Nascia o teatro sacro organizado, que no nosso país se generalizou. No caso da Ilha Terceira, já no séc. XVI se realizavam danças em Angra, especificamente na praça velha. Aconteciam no anteceder de outras tradições da época, como as touradas, as justas, torneios, mencionadas por Augusto Gomes que, por sua vez, remete para Félix José da Costa em *–Angra do Heroísmo – Ilha Terceira- Açores*. Estas danças tinham normalmente calendário marcado na altura das festas em honra de S. João inspiradas, muitas vezes, nos costumes das gentes de África e do Oriente com dançarinos trajados com fatos exuberantes, executando bailados. Como nos diz a história de Portugal, a Ilha Terceira desempenhou um papel importante nas grandes viagens marítimas, por lá passaram várias embarcações para o mundo, que permitiram aos seus habitantes entrar, claramente, em contacto com outras culturas. “Não existe um documento concreto que diga aos investigadores que exista uma relação estreita entre a tradição terceirense e estes bailes, ficando apenas o gosto por estas manifestações de cultura popular” (Gomes, 2018). Esta ideia não deverá ser totalmente abandonada, uma vez que estas relações entre culturas diferentes existiram e poderão ter ajudado a dar início ao que hoje estávamos muito longe de chamar danças de Carnaval.

Segundo Augusto Gomes, estas manifestações culturais tiveram lugar noutras ilhas do arquipélago entre elas S. Miguel, S. Jorge e Faial, que nos dias hoje sabemos que mantêm parte desta tradição, no entanto não podendo ser consideradas e comparadas ao fenómeno de massas verificado na Ilha Terceira e tão descrito pelos investigadores que estudaram o Carnaval Terceirense⁶².

Um dos fatores mais importante na expansão e embelezamento da tradição são os emigrantes Terceirenses, uma vez que são responsáveis por trazerem costumes e características de outras culturas: marcas do folclore brasileiro, cores berrantes, espadas, apitos, pandeiros, e outros pormenores hoje caídos em desuso (Gomes, 2018, p.383).

Tal como Hélio Costa⁶³ afirma, esta é uma tradição genuína, apesar das influências externas e da derivação de coreografias locais antigas. O modelo presente nas danças

⁶² Hélio Costa, José Noronha Bretão, Luiz Fagundes alguns dos autores que relatam o fenómeno de massas do Carnaval Terceirense.

⁶³ Na sua obra “Autor do Carnaval dos Bravos”.

atuais, cruza características desde o final do séc. XIX e do primeiro terço do séc. XX entre os anos de 1920 a 1930. Desta forma, na opinião da autora, bem como pelas leituras realizadas neste trabalho, é necessário considerar nomes cruciais, por terem dado os primeiros passos e estabelecidas as bases da tradição, marcando para sempre, o que conhecemos do nosso Carnaval.

“Chico Roico é um dos nomes que marcou desde há muitos anos o Carnaval da ilha. Natural da freguesia da Vila Nova, também ele um imigrante que viveu na América do Norte, e que, após o regresso à ilha, se dedicou a escrever várias danças” (Gomes, 2018).



Figura 20: Francisco Luis de Melo, ou Chico Roico, autor de enredos de danças de Carnaval. FONTE: (Gomes, 1999).

Outro nome conhecido, Francisco Sales, ou Farôpa, a partir dos quais, as danças começavam a ganhar outra dinâmica, a dinâmica que hoje estamos habituados a ver em todos os bailinhos, em que tinha como centro o enredo ou o assunto, que tinha lugar entre a saudação e a despedida, e assim se desenrolava a dança. (Costa, 2003).

Segue-se uma citação, de Augusto Gomes⁶⁴, que nos fala um pouco das pessoas que dedicavam parte da sua vida na criação destes assuntos, pessoas essas que eram e são verdadeiros improvisadores, dando vida aos temas que mais traduzem a nossa sociedade, ou aquilo que tem na alma. Foram estas pessoas, que tinham uma enorme capacidade de escrever e improvisar, que fizeram nascer os assuntos das danças de Carnaval.

Muitos daqueles que escrevem os textos, que o povo designa de “enredos”, “declames” ou ainda “discutimentos”, para danças de Entrudo, saem das camadas de improvisadores populares; daqueles improvisadores que alegam os arraiais da nossa ilha, defrontando-se em renhidas e inocentes pugnas poéticas, que o vulgo passaria a denominar de “desafios. (Gomes, 1999, p. 323).

Continuando a fazer referência aos nomes do Carnaval, segue-se um senhor natural da vila das Lajes. António Homem, nasceu em 1924, iniciando as suas escrituras para o Carnaval com 21 anos. O seu primeiro enredo escrito tem como nome “A dança do Chaleira”. Importante será dizer que, um dos temas favoritos deste autor, seria mais relacionado com a Bíblia⁶⁵, não sendo este caso único, pois era muito comum nesta época, aos artistas, usarem temas muito ligados à igreja.

Manuel Dias, mais conhecido por “Caneta”, natural da freguesia dos Biscoitos, nasceu no ano de 1917. Um dos aspetos importantes, deste autor e dançarino, é a temática dos emigrantes. Já nessa altura era notória a forte ligação entre a ilha e os emigrantes. As

⁶⁴ A obra “As danças de Entrudo nos Açores”.

⁶⁵ O Carnaval desta época, o mais antigo, tinha como principais temas nos seus enredos assuntos ligados à religião, e aos temas da nossa história, assim as personagens comuns serem santos, padres, reis, rainhas.

tradições foram, sem dúvida, uma forma de vincar e tornar próximo os locais distantes.⁶⁶ Este senhor compôs cantigas, assuntos, e atuou algumas vezes no Canadá e nos Estados Unidos, dedicando estes seus trabalhos a quem vivia longe do seu berço.



Figura 21: Manuel Caetano Dias, conhecido como “Caneta”, autor de enredos para danças. FONTE: (Gomes, 1999).

José de Sousa ou “Charrua”, considerado um dos maiores improvisadores da Ilha Terceira, nasceu em 1910, o qual segundo uma das obras lidas, era chamado como o príncipe dos poetas populares Açorianos (Gomes,1999). Também em volta das temáticas recorrentes da época, Charrua direcionou-se para os temas históricos do nosso país, sendo estes uma forma de o homenagear, e até de passar algumas críticas, sentidas pela população, que mais tarde vem ganhar uma ênfase maior, com a chegada do ratão⁶⁷. Charrua escreveu três célebres danças: “A Descoberta do Caminho marítimo para a Índia”, “A Restauração de Portugal” e “Aspetos Carnavalescos”. Importante, também, será dizer que este senhor, se destacou no mundo da cantoria, outra das tradições de nome da Ilha Terceira, onde ganhou nome não só nos Açores, como também pelas comunidades

⁶⁶Estes dançarinos nas cantigas das suas danças traziam mensagens da terra natal, Ilha Terceira, para o estrangeiro, como forma de consolar os seus emigrantes.

⁶⁷Uma personagem célebre dos bailinhos que tinha a função de criticar os aspetos da sociedade.

portuguesas espalhadas no mundo, notícia avançada pela RTP Açores, no ano de 2010, quando aquele completava o seu centenário.



Figura 22: José de Sousa Brazil, ou Charrua, um dos mais conhecidos autores de enredo e improvisadores da Ilha Terceira. FONTE: (Gomes, 1999).

Natural da freguesia de S. Sebastião, o padre Manuel Coelho de Sousa, nasceu no ano de 1924. Um homem ligado à atividade teatral, desde que estudava no seminário Episcopal, tendo desempenhado atividades como intérprete, dramaturgo, ensaiador e cenógrafo. Desta forma, este senhor, teve um papel também fulcral no que concerne o aperfeiçoamento destas manifestações técnicas ligadas ao teatro, tendo sempre muita preocupação em não fugir à estrutura da dança. Melhorou o que conhecemos de “Arte de Tálma”⁶⁸.

Guilherme Lima, natural da Praia da Vitória, nascido no ano de 1950 na freguesia da Agualva, foi um autor e figurante destas danças, tendo participado ainda em algumas danças de Carnaval⁶⁹. Deve-se salientar que nesta época alguns destes bailinhos

⁶⁸“Consiste na dicção e gesticulação dos atores que participavam nos enredos das danças”(Gomes,1999).

⁶⁹DDT Partido Novo, em 1993; A visita do Diabo àTerra, em 1994; Meninas do Cabaret, em 1995; Espíritos e Fantasmas, em 1996; e, por último, Conjunto Musical com 4 Loucos, em 1998.

começaram a ser chamados para atuar em território continental, o que na nossa opinião ajudou na divulgação desta tradição também em Portugal não insular. Este senhor ainda foi responsável pela criação de danças infantis e uma dança para os idosos.⁷⁰

Concluimos assim, que esta tradição é uma manifestação que não tem idades, abrangendo toda a sociedade desde as crianças, os jovens, os adultos e os idosos. Sendo muito importante inserir os mais novos neste Carnaval, para se passar às gerações seguintes o gosto pela cultura terceirense, e não deixar morrer uma tradição tão característica deste povo.

Hélio Costa, um nome já mencionado várias vezes neste trabalho, é sem dúvida uma das pessoas mais conhecidos do Carnaval Terceirense. Nascido na freguesia de S. Brás no ano de 1954, reside atualmente na Vila das Lajes. Refere na sua obra⁷¹ que participa no Carnaval desde os seus oito anos de idade, explicando um pouco do seu Carnaval. Aos oito anos de idade participou numa dança como figurante⁷². Este baile nasce do amor que o seu pai tinha pelas danças, que com o passar da idade o levou a participar nesta tradição. Com isto, resolve criar um baile de crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos de idade. Importante será dizer que, nesta época, os enredos dos bailinhos deveriam passar pela censura, caso contrário os participantes estariam sujeitos a consequências graves, como serem impedidos de atuar. O dom pela escrita dos enredos para danças começou cedo, remontando à infância do autor. Recua aos tempos de escola, onde nas horas vagas, com o colega de carteira, amigo do autor e conhecido no mundo das cantorias como “Galanta”, um cantador ao improviso, tinha a tendência de fazer as suas quadras. Desta forma, e já tão novo, ia percebendo e enquadrando-se no mundo das rimas. Já na sua adolescência, com um amigo, que o acompanhava ao violão, ia fazendo cantorias, aperfeiçoando o seu dom. (Costa, 2003).

⁷⁰O nome desta dança para crianças é “Coisas da Pré”, em 1996; a dança para idosos chama-se “A bruxa Catela”, datando do mesmo ano.

⁷¹ A obra “Hélio Costa Autor do Carnaval dos Bravos”.

⁷² Dança intitulada “Os Namorados”.



Figura 23: Hélio Costa, autor do Carnaval dos bravos, responsável pela escrita da maioria dos assuntos das danças de Carnaval da Ilha Terceira. FONTE: (Gomes, 1999).

O primeiro assunto que escreveu para uma dança foi no ano de 1985, intitulado de “Um acidente de viação”. No ano seguinte compõe a segunda parte deste primeiro tema, para o mesmo baile, no qual participa. É a partir de 1987 que compõe o primeiro enredo para outro bailinho, “Casal ressuscitado”, para a freguesia da Fonte do Bastardo. A partir deste ano começou a crescer o número de enredos que fazia para toda a ilha, só em 1988, escreve três enredos, e daí em diante o número aumentava cada vez mais.

Nos dias de hoje, é quase regra, os bailes terem um assunto escrito por Hélio Costa; todos o procuram pelo seu enorme talento, sendo comum também ser contactado por imigrantes para escrever os assuntos das danças feitas em território estrangeiro⁷³, onde a tradição se mantém por aqueles que tiveram de partir para o outro lado do Atlântico. Como diz o próprio, ainda nos dias de hoje, o autor dois meses antes do Carnaval “*encosta o táxi*”⁷⁴, para se dedicar inteiramente à escrita de danças.

O autor relembra, como se fosse ontem, a tradição antiga, muito humilde. Na nossa opinião, dá-nos como exemplo, a gastronomia:

⁷³Não se dedicou apenas à escrita de assuntos para danças na Ilha Terceira, mas também escreveu para os Estados Unidos, Canadá, e para dentro do arquipélago (ilhas de S. Jorge e Faial).

⁷⁴ Hélio Costa é atualmente taxista.

Olhando as dificuldades financeiras que a vida nos proporcionava naquela época, dois meses antes do Carnaval, já a minha mãe começava a amearhar produtos como farinha, ovos, gravetos de lenha.... Para que pudesse nas vésperas do Carnaval fazer as saborosas filhoses, bolachas, os biscoitos e os arranhados, que decoravam a mesa, que se encontrava no chamado meio da casa (Costa,2003, p. 9).

Jamais pararia a sua atividade ligada ao Carnaval, tendo-se estreado no ano de 1985 como autor, e até 1999 produziu cerca de 378 assuntos para danças⁷⁵. Por ter dedicado uma vida inteira ao Carnaval, o autor tem em sua casa um espaço exclusivamente a ele dedicado, quase um minimuseu, onde se encontram emoldurados todos os originais das suas danças bem como fotos da mesma.⁷⁶

Para concluir, menciona-se ainda outro nome que marcou o Carnaval Terceirense: um senhor nascido na freguesia das Fontinhas, José Pereira, um improvisador que começou a sua atividade no ano de 1973, tendo das suas mãos nascido vários assuntos de danças.⁷⁷

⁷⁵Os assuntos “Um Acidente de Viação” (Lajes, 1994); “Ecos de uma Guerra” (Lajes 1985); O Muro da Vergonha” (Lajes, 1990); “O Salazar veio à Terra” (Porto Judeu, 1991), entre muitos outros.

⁷⁶ No museu encontram-se todos os seus assuntos realizados. Ainda encontramos fotos do autor com os grupos para os quais cria os enredos, inclusive, grupos de emigrantes.

⁷⁷Assuntos “Rapazes que vão embarcar ao serviço da sua bandeira” (1997); Alguém que quer dar a duas o seu coração” (1972); “A sentença de Jesus” (1984); “São Paulo” (1984); “Filhos de ninguém” (1974); “Destino da vida” (1986), entre muitos outros.

1996

Escrevi 39 enredos:
Biscoitos, “Uma Alma do Outro Mundo”
Canadá, “A Força da Natureza”
Canadá, “Um Ano Depois”
Canadá, “As Mulheres do Ano 2003”
Casa da Ribeira, “A Meia Maratona da Casa da Ribeira”
Doze Ribeiras, “As Partilhas”
Estados Unidos, “As Teias do Diabo”
Estados Unidos, “Coisas da Vida”
Estados Unidos, “A Vida na Lua”
Estados Unidos, “Na Tentação do Dinheiro” (Dança de Espada)
Estados Unidos, “O Namoro do Nonó”
Estados Unidos, “Conversas de Crianças”
Estados Unidos, “Os Direitos da Mulher”
Estados Unidos, “Férias em Las Vegas”
Estados Unidos, “Uma Tourada em Lowell”
Estados Unidos, “O Grito do Tarzan” (VER PÁG. 119)
Estados Unidos, “O Ok da Mercedes”
Estados Unidos, “O Asilo”
Estados Unidos, “Viagem à Terceira”
Estados Unidos, “Nem Muito ao Mar, Nem Muito à Terra”
Estados Unidos, “A Benzedeira da Morte”
Estados Unidos, “Não Há Nada para Ninguém”
Juncal, “Os Fugitivos do Iraque”
Lajes, “As Vozes das Estátuas” (VER PÁG. 109)
Lajes, “Um Apanhado do Carnaval”
Lajes, “A Serenata do Tio Agostinho”
Lajes, “Madrasta de Palmo e Meio” (VER PÁG. 127)
Ladeira Grande, “Entrevista ao Acaso”
Ladeira Grande, “O Parabéns na Terceira”
Posto santo, “Um Sonho”
Porto Martins, “Semana do Mar no Faial”
Raminho, “Uma Noite de São João”
Santa luzia, “A Fonte dos Mexericos” (VER PÁG. 135)
São Brás, “O Negócio da Amway”

Figura 1: Enredos escritos por Hélio Costa no ano de 1996. FONTE: (Costa,2003).

4.2. O CARNAVAL DE ANTIGAMENTE

Como foi possível entender, pelos relatos recolhidos junto das pessoas de mais idade, e igualmente perceptível nas leituras feitas acerca desta tradição, o Carnaval de antigamente não era o que é hoje. Sofreu traços evolutivos consoante os tempos que se viviam, quer-se com isto dizer que as possibilidades dos tempos antigos, não são as mesmas que as dos nossos dias, e assim a tradição foi-se moldando e alterando. Para percebemos a grande importância que esta manifestação tem no seio deste povo, o fenómeno em que se tornou, e o porquê, de acordo com os investigadores⁷⁸, “falar-se numa cultura de massas”. Isto deve-se ao facto de pouquíssimas pessoas não participarem nela. Começando pela criança que vai ao lado do pai num bailinho, até ao idoso que tem o seu próprio Carnaval (o “Carnaval Sénior”) às pessoas que estão sentadas nas sociedades horas seguidas, para assistirem e serem o público principal destas danças de Carnaval. É

⁷⁸Luis Fagundez na sua obra “O Carnaval da Ilha Terceira, 2010”.

importante, sem dúvida, perceber os seus antecedentes e as suas origens, para desta forma se estabelecer a ponte entre o Entrudo de há 40 anos atrás e o Carnaval de hoje.

Começamos com uma breve citação do homem do Carnaval Terceirense, o senhor Hélio Costa, já tantas vezes mencionado neste trabalho, pois é impossível, ao falar de Carnaval terceirense, não se evocar este senhor, que nos diz, acerca do Carnaval antigo:

Felizmente, nos últimos anos, tem-se falado tanto, e tão bem, do Carnaval da Terceira, que pouco mais haverá ainda para dizer. Por isso eu apenas me vou basear no meu Carnaval, que certamente, para as pessoas da minha idade e mais velhas, se vai refletir em boas recordações. E para a juventude, será um documento entre outros já existentes, que prova em como o Carnaval de há 40 anos atrás era pobre, mas tão alegre, como aquele que ora fazemos com muita honra (Costa, 2003, p. 9).

É importante destacar esta última parte da citação, na qual o autor volta ao passado, mencionando o *seu* Carnaval, de há 40 anos atrás, em que o adjetiva de ser pobre, mas tão alegre como o dos nossos dias. Fazendo jus à ideia⁷⁹, já aqui referida, de ser uma tradição que se desenvolve conforme as possibilidades da época, uma vez que antigamente não víamos toda a elegância e opulência que há hoje em cima dos palcos. No entanto a tradição era vivida e sentida, da mesma forma. Desde o início do séc. XXI que a festa, por motivo também da constituição das “sociedades”, passou a abranger a ilha toda ganhando outra dimensão. A exemplo disso, o povo terceirense usa muito a expressão “dar a volta à ilha⁸⁰”, um fenómeno recente, que significa atuar pelas diferentes zonas da mesma.

As origens do Carnaval da Terceira ainda se encontram aquém do que hoje sabemos. Contudo, os investigadores já aqui mencionados, acreditam que esta tradição se disseminou, por todas as ilhas do arquipélago, desde o seu povoamento. Em todas as ilhas são bem visíveis as características desta cultura popular, embora as tendências para o teatro se manifestem mais na Ilha Terceira. Apesar de se espalhar por todo o arquipélago, é sobretudo nesta Ilha, que tal manifestação se torna o palco de muitos atores, dançarinos, poetas, músicos que, durante quatro dias, se dedicam à mais intensa tradição da cultura

⁷⁹Na página 114, sobre as possibilidades, adversas das diferentes épocas.

⁸⁰É muito difícil as danças atuarem em todos os salões da ilha, exceto as danças com curta duração, ou as comédias. Por isso a expressão não é completamente real.

terceirense. Assinale-se que a festa move grande parte da economia⁸¹ da ilha, envolvendo outros tipos de património, e uma tradição que se destaca muito pelo seu aspeto genuíno.

Os testemunhos foram recolhidos junto de pessoas com idades compreendidas entre os 60 e os 80 anos, que são os protagonistas nesta temática, por pertencerem a gerações que viveram e sentiram o “Entrudo à moda antiga”. Ao longo das conversas notam-se traços comuns e traços que divergem no que seria o Carnaval de há 40 anos, isto advém principalmente de ideias já aqui mencionadas, como as possibilidades das famílias e contexto das épocas.

Analise-se, agora, como as famílias viviam a tradição. A tradição não se limitava aos dias de Carnaval, previa-se com antecedência. Os preparativos iniciavam-se dias, semanas ou até meses antes, quando as famílias, conhecidos, vizinhos se juntavam e planeavam o seu Carnaval. Iam-se juntado aos poucos, antes destes dias festivos, alguns tipos de ingredientes, como farinha, gordura, ovos, açúcar para se fazerem as iguarias tradicionais daquela época. Os tradicionais fornos de lenha, onde se faziam os doces, exigiam também especial cuidado, e certo tipo de abastecimentos como a lenha, ou milheiros secos para atear o fogo. Assim começavam os preparativos das iguarias que enchiam as mesas nesses dias. As mesas, feitas para os dançarinos petiscarem após as atuações, eram enfeitadas com diversos petiscos, desde as famosas filhoses de Carnaval, biscoitos, dedos de dama, bolo ratão, bichos de milho, queijadas, bolachas republicanas, suspiros, coscorões. Note-se que esta gastronomia especial não era igual em todas as casas. Se mudarmos para outras freguesias da ilha, encontram-se doces tradicionais diversos; ou até mesmo, dentro da própria freguesia, pois dependia das possibilidades financeiras da época, o que era fator importante na apresentação das mesas. As bebidas da época não ficavam atrás. Os gostos dividiam-se por licores de vários sabores, desde amora, laranja, ananás; ao vinho de cheiro, e às aguardentes. Estas mesas, normalmente, situavam-se no meio da casa, por norma o quarto maior, e desta forma com as boas condições para receber as danças de Carnaval. Todavia, temos a exceção de alguns casos, em que a mesa se situava noutras divisões, como por vezes a cozinha.

⁸¹ Na Página n.º 125 no 2º parágrafo, explica-se em que consiste essa economia.

O Carnaval iniciava-se no Domingo de Carnaval, sendo o primeiro dos três dias festivos, ao contrário do que vemos hoje. Uma das diferenças a que assistimos, ao longo do tempo na tradição, foi a introdução de mais um dia no Carnaval terceirense, o chamado sábado de Carnaval, ou sábado Gordo⁸², e não foi há muito tempo que assistimos a esta mudança. Esta mudança adveio, sobretudo, das dimensões que a tradição começa a ganhar na ilha. É preciso notar-se que nem sempre o Entrudo foi de todo o povo da ilha. Antigamente, e como intitula o senhor Hélio Costa, o Carnaval era somente celebrado pelas “pessoas do monte”, ou seja, pelas pessoas das freguesias. A tradição nas cidades, como Angra do Heroísmo, não era comum, o Carnaval praticado na cidade era outro.

É a partir da colaboração de José Noronha Bretão (Angra, 1939-1998), empenhado no estudo profundo da tradição Carnavalesca da Ilha Terceira, que as pessoas começaram a interessar-se mais pela tradição, a vê-la sob outra perspetiva, e a realmente perceber que esta era uma tradição genuína, com características únicas. Desta forma, foram tantas as coisas que foram mudando. O Carnaval passava a pertencer, digamos assim, a toda a ilha, começando a crescer o número de danças, assim como o número de pessoas que iam nos bailinhos. A ilha Terceira, desde sempre foi um ninho de músicos, atores, poetas. Como se costuma dizer, em cada casa mora um artista. Os músicos, formados nas sociedades filarmónicas, iniciaram o seu percurso no Carnaval, como é o caso dos mais jovens (Costa, 2020). Desta forma, começou a existir a necessidade de haver mais tempo para o Carnaval, para que fosse possível fazer mais atuações, alcançando toda a ilha, e conseqüentemente, adicionando mais um dia a esta manifestação popular.

Recuando até há 40 anos atrás, as danças de Carnaval não tinham os palcos grandiosos e decorados que hoje têm. Como nos dizem as gerações dessa época, havia um género de tradição entre as danças dessa altura. Primeiramente, a dança atuava no centro da freguesia, depois deveria atuar na casa do presidente da freguesia para só depois atuar nas restantes casas para as quais era convidada. Voltando a esse tempo, o normal era as atuações acontecerem em casas particulares. As pessoas das freguesias que abriam a porta da sua casa às danças de Carnaval, estavam a aceitá-las nas suas casas. Haveria um

⁸²Antigamente o sábado não fazia parte dos três dias da tradição. O sábado era conhecido como o grande sábado antes do domingo que dava início ao festejo do Carnaval, na Ilha Terceira. Nos dias de hoje o sábado já está inserido nos dias pertencentes à tradição.

quarto, considerado o maior quarto da casa, designado então por “meio da casa”, e era nessa zona que se procedia às atuações. A sala era arranjada para estes três dias, por vezes com os vizinhos, também convidados a assistir, ou seja, também estes auxiliavam na disposição dos bancos para os espetadores se sentarem e no contributo para a mesa, trazendo, ou fazendo com os habitantes da casa, a tradicional gastronomia Carnavalesca. Neste espaço, também se encontrava a mesa com as iguarias, para os dançarinos brindarem após as atuações. Ao acabar o Carnaval, o petróleo⁸³ gasto naqueles dias, era dividido por todos os convidados.

A avó da autora, com 78 anos de idade, refere sob o seu testemunho de juventude, a vinda destas danças, as chamadas regedorias⁸⁴. Acrescente-se também o relato de uma outra senhora, com 79 anos, que lembra o seu Carnaval de quando era criança, dizendo que na casa da sua avó, abriam-se as portas para danças, comédias, com menos elementos, e para todas aquelas em que houvesse condições para o fazer, pois quando as casas eram mais pequenas não havia espaço para receberem os bailes maiores.

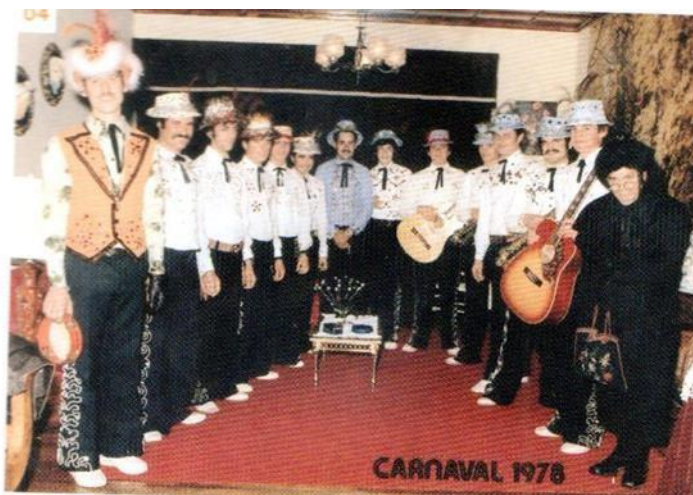


Figura 24: Atuação de uma dança de Carnaval no meio da casa. FONTE: (Costa, 2003).

⁸³O petróleo gasto na iluminação, nos fogareiros para fazer as iguarias era dividido pelos convidados que assistiam às danças na casa (Costa, 2020).

⁸⁴Conhecido antigamente por ser a casa onde vivia o presidente da junta, ou regedor.

Na época, outro local habitual para a atuação das danças Carnavalescas, eram os conhecidos terreiros, que hoje se conhecem como centro da freguesia, um local muito amplo, capaz de abrigar os dançarinos, neste caso, as danças maiores como as de espada, e o público, que vinha das suas casas normalmente a pé, para assistir. Enquanto hoje as danças atuam nas sociedades recreativas, uma vez, por freguesia, naquela altura uma dança atuava, por exemplo, várias vezes na mesma freguesia, no terreiro e depois em diversas casas.



Figura 25: Dança a atuar no terreiro da freguesia da Vila Nova. FONTE: Arquivo da biblioteca municipal de Angra do Heroísmo.

Um ponto que deve ser mencionado neste Carnaval do antigamente assenta no que conhecemos por mascarados, atualmente caiu um pouco em desuso, e não mantém o mesmo significado dos mascarados de há 40 anos atrás. Os mascarados eram homens que se fantasiavam ficando irreconhecíveis e com grande sentido de humor. Tal como acontece nas danças, eram também aceites para entrar nas casas particulares, onde realizavam as suas pequenas “atuações”, dizendo piadas para animar o público, por vezes abordando assuntos da sociedade, ou que desejassem partilhar no momento. Estes artistas atuavam dia e noite, mas normalmente eram vistos ao cair da noite.

A pouca evolução da época, a falta de transportes ou de possibilidades de adquirir transporte, a falta de energia elétrica, foram fatores que “restringiram” a tradição. Por um lado, tornava difícil o deslocamento dos dançarinos a outras freguesias mais afastadas, atuando apenas na sua, e em freguesias vizinhas. Contam que, muitas vezes, os dançarinos apanhavam tanta chuva durante as deslocações, que chegavam a casa, e precisavam que as suas esposas ou mães, com ajuda do forno a lenha, lhes secassem as calças e as camisas, que seriam usadas poucas horas depois.

Os figurinos usados na época, nada têm a ver com os de hoje, sofrendo grandes modificações ao longo dos anos, como já foi referido algumas vezes, a tradição moldou-se à época em que se estava. Os dançarinos usavam roupas simples, ou umas calças pretas, e uma camisa branca, ou vice-versa, ou iam todos de branco. O único que, normalmente apresentava uma indumentária, digamos mais trabalhada, era o mestre, o puxador da dança. A ideia era que este se destacasse dos restantes, pois as roupas do mestre destacavam-se pelos adornos de brilho das perneiras, uma faixa ao longo das calças, de vez em quando um colete, ou uma gravata, e o uso do chapéu adornado de plumas.

Associado, e também pertencente à indumentária do mestre, estão os elementos como o apito, o pandeiro, a espada, a batuta, ou até mesmo a ausência de tais elementos, conseguindo diferenciar bem as diferentes manifestações⁸⁵ do Carnaval da ilha. Importante será dizer que não são os únicos elementos diferenciadores, existem regras que eram usadas, e que eram aplicáveis a cada tipologia de dança, e por essas mesmas regras as pessoas sabiam que estavam perante um determinado tipo de dança.

Mais uma vez associado à época, nos anos de 1960 e 1970, devido ao controlo que o estado tinha perante o povo, os enredos, ou os assuntos, aquilo que conhecemos por pequeno teatro, entre as personagens da dança, era submetido à censura. Não era possível escrever sobre o que as pessoas queriam, não podia haver críticas. O responsável da dança tinha a função de procurar quem lhe escrevesse o enredo, que após estar concluído, se dirigia ao governo civil de Angra do Heroísmo. Havia pessoas responsáveis por lerem esses textos, e se vissem que estava tudo conforme as regras, assinalavam o documento com um carimbo que dizia aprovado; pelo contrário se houvesse algo que entendessem

⁸⁵Manifestações entende-se como as diferentes tipologias do Carnaval da Ilha Terceira: danças de espada; danças de pandeiro; bailinhos e comédias.

que era algum tipo de crítica ao estado, o texto era reprovado. Ao ser aprovado o bailinho tinha permissão de ensaiar. Contudo nos dias do Carnaval, o responsável do bailinho nas suas atuações tinha de se fazer acompanhar pelo texto, porque entre o público, como chegou a acontecer, estavam fiscais do governo, que se no fim da atuação tivesse ouvido algo que fosse contra o estado, poderiam fazer com que o bailinho não pudesse mais atuar nesses dias. Esta situação viria a mudar após o 25 de Abril, a partir do qual se pode afirmar que passamos de não poder escrever quase nada para começarmos a falar de todos os tipos de assuntos que desejássemos.

Relacionado com os enredos, temos nestes anos⁸⁶ uma figura conhecida, e até podemos dizer, a personagem mais esperada das danças, naqueles anos, o famoso “Ratão”. O ratão era uma personagem pertencente ao assunto e era um elemento das danças de pandeiro, no entanto esta personagem nos anos de 1950 também chegou a fazer parte das danças de espada, acabando por desaparecer. Segundo autores do Carnaval terceirense,⁸⁷ o Ratão era a figura principal das danças de pandeiro. No palco tínhamos os dançarinos em pares, o mestre que puxava a dança e, no fundo, o ratão acompanhado da sua bengala. Os assuntos destas danças tinham normalmente cinco a seis cenas, curtas. O ratão tinha uma função específica, e dando à dança outro ênfase, no final de cada ato, e numa sextilha, fazia o arremate (glossário), ou seja, uma breve conclusão da cena que o público tinha acabado de presenciar. No fim de cada cena, todos esperavam a sua intervenção, porque era ele que fazia o povo rir. Este também poderia não só falar no final dos atos como também, algumas vezes, fazer um breve resumo do que se passaria no ato seguinte. Ou seja, esta personagem era vista como um crítico de tudo o que estava a acontecer em cima do palco. Segue-se um exemplo de uma rima do ratão:

Foi no governo do Ramalho
Que o nosso peixinho foi vendido
E se governo tentou pr’o trabalho
Nada disto tinha acontecido
E por isso é que houve uns senhores
Que fizeram uma campanha

⁸⁶Nasce a partir da década de 50 e estende-se até ao início do século XXI.

⁸⁷Costa, O Carnaval da Ilha Terceira , 2020.

E trocaram o peixe dos Açores
Por pesetas da Espanha.
Só escapou foi as cavalas,
Mas o governo agora
vê-se obrigado a comprá-las,
principalmente as dos Açores,
Que era para o senhor Mota Amaral
Levá-las para a Assembleia Regional,
E mostrá-las àqueles senhores
Que dizem altas falas,
E estão sempre a mentir...
Esses é que deviam comer cavalas
Um ano inteiro sempre a seguir!
Eh pá, um filho da manta de um deputado,
Que tem um grandessíssimo de um ordenado,
E ainda apanha jantares de gala,
E outros dados
Aí por todos os lados,
Esses é que deviam ser sempre
Obrigados a comer cavalas!
Havia um senhor
Que isto havia de lhe fazer bem,
Que era para que ele viesse ver
A cor do estômago
Que o pobre tem.
Um deputado devia mudar de roupa
Tal e qual como o pobre faz,
E todos os dias o ano inteiro
Devia comer uma sopa,
E acabaria sempre atrás!
Se o governo fizesse assim,
Fazia bem.

Se a isso eles fossem todos obrigados,
Eu aposto que para o ano que vem
Havia muito menos deputados!

O desaparecimento do ratão, nos finais do século passado, foi motivado principalmente, como nos afirma Hélio Costa, pela exigência do público que assistia às danças. O facto de o ratão ser a personagem mais engraçada, levou a que o povo quisesse mais personagens como estas nas danças. Ainda nos faz uma breve comparação entre o Carnaval desse tempo e o de hoje, em que antigamente o povo esperava ansiosamente ouvir falar o ratão, sendo que agora, numa dança temos vários elementos que têm o papel cómico. Desta forma, o povo entendeu que hoje o ratão é uma personagem não necessária nas danças, apesar de ficar sempre na memória de quem teve a felicidade de ver representar um.



Figura 26: Personagem do Ratão. FONTE: IVO SILVA RTA.



Figura 27: Dança de pandeiro das Lajes, 1972, com o ratão à moda antiga. FONTE: (Costa, 2003).

Outro fator que sofreu uma grande evolução foi a presença das mulheres nos bailinhos. Nos anos 1960 a 1970, as mulheres não faziam parte das danças. As figuras do sexo feminino eram representadas pelos homens⁸⁸. Isto viria a mudar a partir de 1974. As mulheres começavam a fazer parte dos bailinhos. Nos nossos dias assistimos a danças apenas com mulheres, o que veio enriquecer muito esta cultura.

Para finalizar, uma mudança que vinha a mudar o Carnaval por completo, e essencial na sua disseminação pela ilha, foi a construção das sociedades filarmónicas, existentes uma por cada freguesia, havendo até mesmo duas em algumas delas. As danças passavam a atuar nesses locais que reuniam todas as condições precisas, pois eram até dotadas de assentos para o público, o palco, sistema de som, eletricidade, bares para as pessoas poderem petiscar e conviver. Ainda, seguindo (Duarte, 2010), estas sociedades começaram a ser construídas na década de 1950, desta forma os folguedos do Carnaval, que como já dito, passam a ser os novos recintos que contêm muita gente e cenários de espera e representação.

⁸⁸Nessa época os homens vestiam-se de mulheres, santas, rainhas, mexeriqueiras, namoradas, viúvas.



Figura 28: Associação Filarmónica Recreativa e Cultural de Santa Bárbara da Fonte do Bastardo. FONTE: Página oficial da A.F.C.R

4.3. O CARNAVAL NOS NOSSOS DIAS

Iniciando com uma citação de Hélio Costa, podemos descrever em poucas palavras, o Carnaval da Terceira da seguinte forma

Na Terceira, nos três dias de Entrudo, a exibição de danças converte a ilha em espécie de palco majestoso que, no dizer de José Noronha Bretão, acolhe o maior festival de teatro popular em língua portuguesa dos Açores, de Portugal e quiçá do mundo. (Costa, 2003, p 11)

Ao longo do tempo, o Carnaval foi sofrendo as alterações mencionadas anteriormente, como dita a expressão popular fomos: “de oito para oitenta”. O Carnaval já não pertencia apenas a zonas restritas, e rurais da ilha, como antigamente, a tradição disseminou-se e entranhou-se por todo o povo, para passar a um fenómeno de massas como o descreve Luiz Fagundes (2010).

Os tempos são outros, mas conservam-se aspetos de antes, a essência, a alegria, a gastronomia típica destes dias, e a dedicação e o empenho depositados nesta cultura. Olhando para o presente, sabemos que houve um profundo desenvolvimento a todos os níveis nesta tradição. O Carnaval da ilha Terceira, como os estudiosos, tais como Hélio Costa, Luiz Fagundes o indicam, é uma grande manifestação de teatro popular português, sendo esta uma das maiores manifestações do Carnaval, nos Açores, em Portugal, e no mundo, apesar de ainda ser um pouco desconhecida. O Carnaval da Ilha Terceira passou a integrar a partir do ano 2020 o Património Cultural Imaterial de Portugal. Ainda sobre esta ideia de teatro popular, este é feito por pessoas da terra, em que importa dizer que, na sua maioria nada têm em comum com este⁸⁹, apenas naqueles dias.

⁸⁹ Não existem grupos de teatro dedicados à criação de danças de Carnaval, mas sim elementos que participam em danças para as quais são convidados.

Ficha de Património Imaterial



N.º de inventário: INPCI_2020_002

Domínio: Expressões artísticas e manifestações de carácter performativo

Categoria: Manifestações teatrais e performativas

Denominação: Danças, Bailinhos e Comédias do Carnaval da Ilha Terceira

Outras denominações: Danças de Entrudo, Danças de Carnaval, "Bailinhos"

Contexto tipológico: Conjunto de exibições de teatro e teatro musicado, de natureza cômica ou trágica, exibidas de forma itinerante na Ilha Terceira anualmente nos quatro dias gordos de Carnaval.

Contexto social:
Comunidade(s): Habitantes da Ilha Terceira

Contexto territorial:
Local: Ilha Terceira
Distrito: Portugal
País: Portugal.
NUTS: Portugal \ Região Autónoma dos Açores \ Região Autónoma dos Açores

Contexto temporal:
Periodicidade: O circuito de Danças, Bailinhos e Comédias realiza-se anualmente, por altura do Carnaval.
Data(s): Quatro dias gordos de Carnaval, que antecedem a quarta-feira de cinzas.

Figura 29: Ficha do Património Imaterial- Bailinhos da Ilha Terceira. FONTE: MatrizPCI.

Uma grande fonte de cultura, a Terceira é um ninho de artistas, expressão utilizada pelo senhor Hélio Costa: “Em casa sim, casa não, mora ou um músico, ou um ator, poeta, dançarino, isto porque nestes quatro dias de Entrudo sobem ao palco quase dois mil figurantes” (Costa, O Carnaval da Ilha Terceira , 2020). Passamos a ter uma tradição com muito mais pessoas envolvidas, e conseqüentemente, mais danças.

Um dos fatores que leva os investigadores a chamarem de único o Carnaval da Terceira, consiste no facto de ser dos poucos no mundo em que as personagens pagam para divertir o público⁹⁰, ao contrário do que estamos habituados. Desta forma, os envolvidos, trabalham, ensaiam, vestem a seu custo em prol de receberem aplausos no final de cada atuação.

O grande empenho nestas manifestações carnavalescas, até ao dia de subir ao palco, leva meses de trabalho. Devem considerar-se aspetos fundamentais como ensaios, coreografias, músicas, vestuário, transporte, gastronomia, refletindo-se na vida

⁹⁰ (Costa, O Carnaval da Ilha Terceira , 2020).

económica⁹¹ da ilha, esse esforço leva a que esta tradição seja tão esperada, e torna-a uma das mais relevantes. O Carnaval não é só uma tradição, o Carnaval faz parte do povo desta ilha. Os meses que antecedem a tradição são sem dúvida os mais complicados, e repletos de grande esforço e trabalho. Os milhares de pessoas que correm os palcos da ilha nestes quatro dias, levam meses a preparar e a ensaiar estas danças, todos os dias da semana ao final do dia os grupos juntam-se para cada vez mais aperfeiçoar o seu trabalho e fazer chegar o público um bom bailinho de Carnaval. Estes ensaios são símbolo de grande convívio e animação até ao dia de subir ao palco. No dia antes de se dar início ao carnaval realiza-se o chamado ensaio geral, em que algumas pessoas são convidadas a assistir ao espetáculo, terminando com um grande banquete de “come e bebes” como descrevem os terceirenses.

Todos os anos, chegando o mês de fevereiro ou março⁹², mais de trinta salas de espetáculo, ou as conhecidas sociedades, espalhadas pelas freguesias da ilha, abrem portas para receber mais de sessenta, ou setenta danças que nestes dias correm a ilha com estas atuações que enchem as salas de alegria e profundo divertimento. Após o almoço, soa um foguete, como forma de aviso, que a *sociedade* já está aberta para receber o público. Estes foguetes avisam também a chegada das danças à freguesia. As sociedades mantêm-se abertas até que não haja mais grupos para dançar, ficando abertas, muitas das vezes, até de madrugada. A gastronomia está fortemente relacionada com o Carnaval, fator que vem desde os tempos do Entrudo, e como realçamos anteriormente. Nestes dias as sociedades preparam grandiosas mesas com variadas iguarias e bebidas, umas mais tradicionais da época, outras nem tanto, para receberem estes grupos no final de cada atuação. Estas mesas tentam sempre ter sopa e chás quentes, com o intuito e o cuidado dos dançarinos manterem sempre as vozes quentes e protegidas.

A grande criatividade, referida por Luiz Fagundes, leva a que todos os anos saiam à rua cerca de mais de sessenta bailinhos, número que pode variar todos os anos. A grande adesão ao Carnaval, de todas as pessoas que nele participam, exige que a cada ano, seja necessário, também inserir novos temas, elementos, e desta forma a criatividade, que é

⁹¹ Atrás mencionada na página n.º114.

⁹² Apesar do Carnaval se desenrolar a maioria das vezes em fevereiro, excetua-se alguns anos em que acontece no mês de março.

sem dúvida um aspeto fundamental, passa a estar presente nos assuntos, nos figurinos, nas cores, nas coreografias, nos penteados, nos acessórios que, entre o Sábado de Carnaval e a Quarta-feira de Cinzas, percorrem todos os salões da ilha.

Ao lado dos dançarinos, a acompanhá-los, temos os familiares⁹³ que, muitas vezes ajudam na preparação dos acessórios utilizados principalmente no enredo. Quanto ao público, nestes salões encontram-se pessoas de todas as idades e níveis sociais, para assistirem ao espetáculo. Todas estas pessoas envolvidas, desde o dançarino, os espetadores, as comissões que se encontram na frente das sociedades para que estas possam receber todos os grupos carnavalescos, as costureiras que elaboram os figurinos, portanto grande percentagem da ilha, tornam esta tradição do Carnaval um fenómeno de massas.



Figura 30: Escolha e aquisição de tecidos e adornos para uma dança de Carnaval, num estabelecimento comercial da Praia da Vitória. FONTE: (Gomes, 1999).

Cada vez mais se acredita que o Carnaval da ilha Terceira é único. Podemos enumerar algumas razões referidas por Hélio Costa que o demonstram: é o maior encontro de teatro popular de língua portuguesa em todo o mundo (Costa, 2020), retrato vivo do povo da terceira, nas palavras do autor que o caracteriza como sendo “um povo Culto, Alegre e

⁹³ Quando os personagens precisam de trocar de acessórios, ou mudar de vestes, os familiares ajudam, para não existirem atrasos que prejudiquem o decorrer do enredo.

Acolhedor” (Costa,2020). Ou seja, durante quatro dias, a ilha transforma-se num grande palco.

O povo aparece-nos como elemento principal desta manifestação, e o que seria das nossas tradições, e desta tradição sem o seu povo? Eis a componente que Hélio Costa privilegia: o povo. Dá-nos, como exemplo, a conjugação do seu quotidiano com estes quatro dias: “os lavradores, uma profissão pesada, de madrugada ordenham as vacas, e de tarde sobem ao palco onde encenam variadas personagens, divertindo milhares de espetadores” (Costa, O Carnaval da Ilha Terceira, 2020).



Figura 31: Atuação de uma dança de Carnaval vinda dos Estados Unidos da América, na sociedade Filarmónica de Santa Bárbara da Fonte do Bastado. FONTE: Autor.

Outro fator que torna único este Carnaval, anteriormente assinalado, reside no facto de serem os próprios protagonistas a custearem despesas para dar espetáculos a milhares de pessoas, uma vez que os mesmos pagam as suas próprias roupas, e compram todos os

adereços necessários para os dias de Carnaval.⁹⁴ O Carnaval é a prova da grande fonte de cultura que é a Ilha Terceira, e que nas veias do nosso povo corre paz, amizade, música e poesia (Costa, 2020).

Todavia, a característica mais importante deste Carnaval consiste na profusão de diferentes manifestações carnavalescas. Mas, para quem seja estranho à cultura terceirense, importa explicitar no que consiste cada uma delas. Primeiramente, é necessário dizer em que se traduzem, destacando-se: as danças de espada; as danças de pandeiro; os bailinhos e as comédias. Atualmente, estas não possuem, propriamente, regras específicas como acontecia há 40 anos atrás, porém a sua estrutura mantém-se quase inalterada. De uma forma geral as danças são, segundo Luis Fagundez:

Estruturalmente, uma dança é uma representação teatral, versificada em redondilha maior rimada (quadradas, quintilhas, sextilhas, conforme a opção do autor), que é introduzida, intermediada e encerrada por um corpo de dança (dançarinos) de coreografias simples e pouco variadas, que também actua como coro cantado, acompanhado por músicos (tocadores) de cordas e de instrumentos de sopro. O conjunto é comandado por um mestre ou puxador, vestido de forma exuberante, que dança e se dirige ao público cantando a solo para saudar o auditório, elogiar a freguesia onde se exibem, fazer a apresentação do assunto e do lugar de origem (primeira moda), resumir as partes do enredo não representadas dramaticamente (segunda moda) e, no final da atuação, fazer a conclusão do assunto, explicitando as respetivas lições morais, e apresentar as despedidas à assistência (terceira moda) ((Duarte, 2010,p 88).

Analisando a transcrição acima, percebe-se, talvez, no que consiste a estrutura de uma dança. O autor enumera as diferentes partes que nela existem. Seguindo a estrutura, que é igual para todas as tipologias, exceto nas comédias, cabe mencionar que se inicia com uma marcha e, de seguida, a saudação ao público presente. Entra, depois, “a moda do assunto”, o assunto propriamente dito, podendo a representação teatral ser dividida em várias cenas. Finaliza com a despedida ao público. “Desta forma, as danças terceirenses consideram-se completas quando conjugam: a coreografia, as cantigas e o teatro popular.” (Duarte, 2010)

Indicam-se, brevemente, as partes que compõem a estrutura da dança: a saudação que consiste em dirigir-se à plateia com cantigas organizadas em quadrilhas ou, quando mais

⁹⁴Alguns grupos organizam atividades para angariarem dinheiro para a ajuda da dança.

longas, em sextilhas. Saliente-se que, por norma, as cantigas desta parte da dança contribuem para a valorização do nosso Carnaval, como se mostrará nos exemplos destacados. Seguem-se, portanto, alguns exemplos de saudações:

Dança de 2017

Cantiga I

Há dois anos estive aqui,
Desde então senti
Que ia voltar.
O mesmo sorriso amigo
Está sempre contigo,
P'ra me convidar.
Por isso a dança aqui está,
Para dançar para vocês.
É um gozo que me dá
A gente estar cá,
Cantando outra vez... Cantando outra vez...

Hernâni Rocha

Cantiga II

Abro a todos vocês,
Por mais uma vez,
O meu coração.
É um prazer visitar
E poder dançar,
No vosso salão.
Cada vez que aqui venho,
Para cantar para ti,
Ponho todo o meu empenho,

No amor que tenho,
Ao estar aqui... Ao estar aqui...

Hernâni Rocha

Cantiga III

Carnaval tempo de paz
E que nos traz
Tantas alegrias...
Formas pequenos atores,
Poetas, cantores
Nestes quatro dias...
Neste palco de magia,
Nossa Ilha é festival.
A Terceira, noite e dia,
Veste a fantasia
Deste Carnaval...Deste Carnaval

Hernâni Rocha

Dança 2020

Cantiga I

O outro ano não viemos...
Ai, que tristeza senti!
Nosso baile não fizemos,
Mas hoje estamos aqui.
Mais cresceram as crianças ...
Dizer-vos agora eu vou:
Uns foram em outras danças,
A vida alguns não deixou;
Uns tiveram emoção,
Vendo danças atuar,
Sentados lá no salão,
Apetecendo chorar;

Cantiga II

Boa noite, a todos digo!
Como é bom estar com vocês!
E cada olhar amigo,
Saúdo mais uma vez!
É sempre um prazer que tenho,
Vossa casa visitar.
Cada vez que aqui venho,
Prometo sempre voltar!
E, tal como prometi,
Estou aqui novamente.
Com mais saudades de ti,
Por estar dois anos ausente!

Hernâni Rocha

Cantiga III

Um caloroso afago,
A vós quero devolver!
Dizem que a nossa Terceira
Tem encanto a valer!
Dizem que tem a maneira
Mais alegre de viver!
Dizem que é uma maravilha
Suas festas e serões!
Que não somos uma ilha!

Hernâni Rocha

Ao observar-se as cantigas da “moda da saudação”, surge encontrar-se-lhes características comuns que, de uma forma geral, se detetam em todas as danças.

Em primeiro lugar, saúda-se o povo que se encontra na sala visitada; depois, fazem-se os elogios à ilha Terceira que, no exemplo presenciado, é descrita pelo autor como sendo

um parque de diversões. Outro denominador comum consiste em falar-se do povo, na forma alegre e contagiante com que as pessoas vivem e abraçam estas tradições, especialmente o Carnaval. Resumindo, constata-se que existem três aspetos que o autor considerou importante referir nas cantigas: a plateia calorosa, a ilha, e o povo.

Segue-se o assunto, a parte teatral, dividida por vários atos. Os assuntos abordam variados temas, indo do dramático ao cómico, tocando diferentes assuntos da nossa sociedade, nomeadamente, tal como no Carnaval antigo, aborda-se também, ainda que de modo diverso, a religião⁹⁵. Com a evolução, foram-se incorporando outros tipos de personagens e temas, e desta forma um maior abrangimento de assuntos que até então eram proibidos⁹⁶. Abaixo o exemplo de uma moda de assunto:

Apresentação do Assunto

Nosso assunto vai entrar.

É o amigo Gaspar,

Que é um velhote porreiro.

Este Gaspar ensarilha,

Para enganar a filha

E apanhar o seu dinheiro.

Autoria da dança

Nesta sextilha, pensando na sua organização, diga-se que pode ser cantada por um membro da dança, não obrigatoriamente pelos puxadores. Podem ser apresentadas pelos cantores das modas da saudação ou da despedida: é comum serem outros membros da dança, como os músicos, a cantarem a moda do assunto, que por norma é sempre mais da brincadeira e, por isso mesmo, não exige tanto rigor quanto as outras. Entendemos bem, o que se vai passar durante os atos, sendo precisamente esse o objetivo de quem está no palco, procurando sempre rimar.

⁹⁵A religião é o tema mais antigo que nos aparece nas danças de Carnaval. Há 40 anos, os assuntos surgiam ao redor de figuras como santos, padres, freiras ou então os assuntos históricos de reis e rainhas.

⁹⁶A Revolução do 25 de Abril, mencionada na pág. 14, veio mudar isto completamente.

Abordou-se a apresentação do assunto, no entanto, existe igualmente uma cantiga para o fecho do mesmo, para concluir ou manifestar uma opinião sobre o que se viu, tal como:

Encerramento do assunto

Nosso assunto ao terminar
Com a história do Gaspar,
Sempre chegou o seu fim.
E já estando de saída,
Pode haver casos na vida,
Que sejam mesmo assim.

Autoria da dança

Outro aspeto comum, nestes fechos do assunto, é a tentativa de deixar algum juízo de valor, para a plateia, apesar de terem um tom cómico, são temas muito presentes no nosso dia-a-dia.

Aqui, se expõe outro exemplo de uma “moda de assunto”:

Apresentação do assunto

O assunto, ó povo honrado,
Que trazemos a vossa beira,
É o Sadam a ser julgado
Na nossa ilha Terceira.
Condenado, ele vai ser...
Alguns querem a sua morte!
Vamos então agora ver,
Qual vai ser a sua sorte.

Refrão do assunto

O Sadam vai ser julgado
Na nossa Ilha Terceira,
E até talvez condenado
Para a sua vida inteira!
Mas na hora de julgá-lo,
O juiz que não se atreve!
Acaba por condená-lo
A uma pena mais leve!

Autoria da dança

Verificam-se semelhanças entre os dois exemplos anteriores: a breve explicação do que se irá passar no enredo, ou a tentativa de rimar sempre. A única diferença, entre ambos, consiste no refrão, ou seja, pode haver um puxador que canta uma primeira sextilha, apenas uma vez, fazendo-se, depois, acompanhar das vozes de todos os outros elementos no refrão⁹⁷.

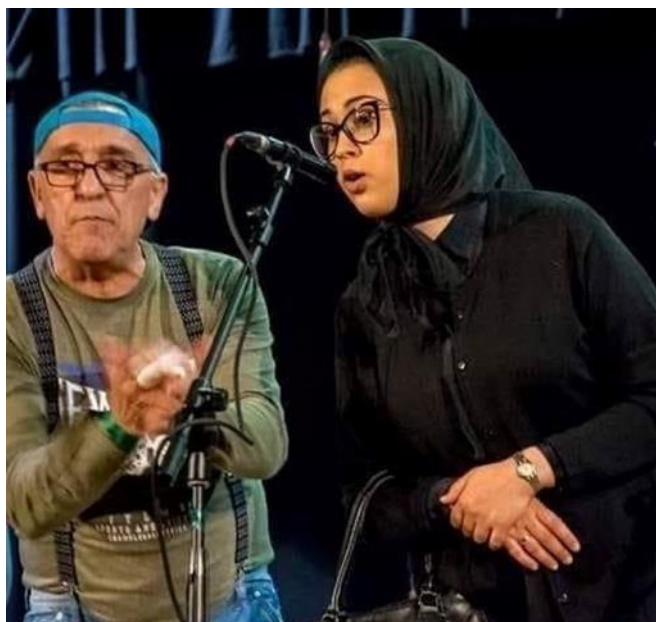


Figura 32: Assunto de uma dança de Carnaval. FONTE: (Melo,2019).

⁹⁷O refrão é cantado no final de cada ato. Este refrão pode ser feito apenas por meio instrumental, conforme assim decidir cada grupo.

No final da dança temos a “moda da despedida”, logo após o “fecho do assunto”. Estas cantigas, têm como primeiro objetivo deixar uma mensagem a quem as ouve, muitas vezes uma mensagem que atinge o público, emocionando mesmo. Trata-se de mensagens sobre a vida, para as pessoas que são mais próximas, muitas vezes para os emigrantes, que deixaram a sua Ilha para ir para outras realidades completamente diferentes, para lá do Oceano Atlântico. Além da letra ser mais melancólica, pois as despedidas são tristes, a melodia, que acompanha estas rimas, também o é. Vejamos alguns exemplos de despedidas.

Dança:

Cantiga I

Parto, mas vou a cantar
Deste convívio contigo!
Não saio sem te deixar
Um abraço amigo!
Este abraço que te dou
Traduz toda a emoção,
Que neste palco tocou o meu coração!
Teu abraço vai comigo.
Dentro de mim o guardarei,
E pela estrada que sigo
A outros o darei!
Quem solidão está a viver,
Dá-lhe um abraço daqui!
Este abraço pode ser
Mais tarde pra ti... mais tarde pra ti

Hernâni Rocha

Cantiga II

Minha mãe está a chorar,

De olhos postos no além...
Olha pra longe pró mar...
Ó querida mãe,
Chora teu coração em terra,
Dá sossego à tua dor!
O teu filho foi pra guerra.
Esperas o vapor...
Foi neste vapor que um dia,
Eu parti sem te beijar.
Levei a tua alegria,

Sem te consolar.
Mas no dia que chegar,
O teu rosto beijarei!
Tantos beijos te vou dar...
Os que nunca dei...os que nunca dei

Hernâni Rocha

Cantiga III

Pelas ruas de Nazaré,
Uma criança brincava,
E o carpinteiro José
O ajudava...
De olhos postos no além,
Uma mulher o olhava:
Era Maria, a mãe,
Que tanto amava!
A vida desse menino,
O nosso mundo mudou.
Amar foi o seu destino,

E muito amou!
Foi a nossa salvação,
Quando subiu ao calvário.
Esta criança é o pão que está no sacrário... que está no sacrário

Hernâni Rocha

Cantiga IV

De que lado sopra o vento?
Nem se vê no horizonte...
Mas traz consigo o alento
Da minha fonte.
Desta fonte, donde eu venho,
Abrir-te meu coração.
Um convite aqui tenho,
Na minha mão.
Vai à Fonte do Bastardo,
E leva essa certeza:
Que lá por ti eu aguardo,
À minha mesa!
Pelo momento aqui vivido,
Vou esperar lá por ti!
Pra seres recebido
Como fui aqui... como fui aqui!

Hernâni Rocha

Dança:

Cantiga I

Passam horas passam dias...

A vida passa a correr...
Tristezas e alegrias
Escrevem nosso viver!
Há quem viva sem viver,
Por esta curta viagem.
Passa por cá sem saber,
O que é bom nesta viagem!
Feliz, quem amigos tem,
Família com saúde, ternura e paz,
E com todos dar-se bem
E o resto a vida traz!
Há quem pense que passou
Uma vida bonita e muito folgada...
Pra no fim ver que sobrou,
Um punhado de nada!

Hernâni Rocha

Cantiga II

Saudade é palavra triste
Que a alma do povo gravou!
Entre todos vós existe
Quem saudade já chorou!
Saudade de quem um dia
Partiu pra terra estrangeira,
Procurando a alegria
Que deixou cá na Terceira.
E, ainda hoje, se entristece,
Com dor e saudade,
Esta nossa terra,
Dessa mágoa que não esquece,
Os tempos da guerra.

Essa saudade que dói,
No coração da mãe que, chorando no cais,
Espera o filho que foi
E não voltou mais!

Hernâni Rocha

Cantiga III

No mundo há fome e guerra.
E isto a gente sente...
Não estamos a dar à terra,
O que a terra dá à gente!
Bendito o homem que cala
E combate a destruição,
E transforma cada bala
Num pedacinho de pão!
Cada bala tira a paz, a união
Que a gente tem;
Cada tiro mata o sonho...
O sonho de sermos alguém!
Todos nós, sem o saber,
Já matámos alguém, nesta vida ingrata!
A língua é uma arma
Que tantas vezes mata!

Hernâni Rocha

Cantiga IV

Sou filho da brisa forte
Que sopra na minha terra...
Sou filho do vento norte

Que sopra na minha terra...
Sou a água dessa fonte
Que deu nome ao meu lugar!
Nasce fresca lá no monte,
Morre pra beijar o mar...
A padroeira adorada,
Ela que me ampara desde pequenino,
E com o rasgo da espada
Me risca o destino!
No seu castelo guardou,
As histórias que recordo do meu passado...
E a esse lugar chamou de Fonte do Bastardo!

Hernâni Rocha

Dança: 2015

Cantiga I

Uma lágrima caída
Os meus olhos estão chorando,
É a hora da partida
Que esta chegando.
Com muita sinceridade,
Pois digo, humildemente,
Que a palavra saudade mora com agente!
A saudade jamais passa,
Quando parte outro alguém...
E o coração se transpassa aos olhos da mãe!
Mãe... tem um amor profundo!
Mãe, que por nos é amada!
Quem já não tem mãe no mundo,
Tem bem pouco ou nada!

Hernâni Rocha

Cantiga II

Vou deixar-te sem sorrir,
Mas não te deixo de amar,
Como imigrante ao partir
Para outro lugar.
O imigrante parte um dia,
Em busca de ser feliz,
Procurando alegria,
Noutro país!
Procura a felicidade
Que por cá não encontrou,
Mas não mata a saudade
Dos pais que deixou!
Essa saudade se encerra
Num sonho que em si cresceu:
De poder morrer na terra
Que um dia nasceu!

Hernâni Rocha

Cantiga III

Em cada lado da cruz
Estavam homens como nós,
Acompanhando Jesus,
Eram homens... só!
Um deles se arrependeu,
Do fundo do coração,
Do que na vida perdeu...
O outro, não!
Perdoa e és perdoado!
Faz como um deles fez!
Não estejas sempre enganado,

Só vives uma vez!
Nesse exemplo de viver,
Da cruz nos deu o perdão!
Não vale a pena morrer,
Mal com teu irmão...

Hernâni Rocha

Refrão final:

Lajes, São Sebastião,
Cabo da Praia, também.
Todos deram sua mão,
Vieram por bem!
Vosso sorriso, eu guardo!
E amizade recebi,
Lá na Fonte do Bastardo
Espero por ti!

Dança: 2015

Cantiga I

Na vida somos presentes
Daqueles que nos geraram.
Somos fruto das sementes
Da terra que semearam.
Somos a tal geração,
Do antigo e do moderno,
A primavera e verão,
O outono e o inverno!
A que a gente semeou,
E pôs em nós confiança,
Quando a terra nos lançou,
Colheu-nos já em criança.

Hoje, seguimos os trilhos,
Desses pais de antigamente,
Ao colhermos nossos filhos
Que são a nossa semente!

Hernâni Rocha

Cantiga II

No mundo somos errantes,´
Já desde o nosso passado...
Somos simples caminhantes
Que caminham lado a lado!
Desde os tempos de Adão,
Desde Abel e Caim,
Os homens são o que são,
O mundo foi sempre assim!
O ódio gera a guerra,
Põe irmão contra irmão
Que, por um palmo de terra,
Corta sua relação!
Pensando agora pra mim,
Digo também a vocês:
Façam do mundo um jardim,
Pois só se vive uma vez!

Hernâni Rocha

Cantiga III

Houve alguém que disse um dia:

«Perdoa, e és perdoado!»,
Dá conforto e alegria
Ao que vive ao teu lado!
Àquele que estende a mão
Para pedir o que não tem,
Dá-lhe carinho e pão
E agasalho também!
Faz como pra ti se fosse...
Dá amor e amizade,
Pois a vida era mais doce.
Se isso fosse verdade!
Honra pai e honra mãe,
Por eles estás aqui,
Para mais tarde também,
Fazerem o mesmo a ti!

Hernâni Rocha

Cantiga IV

Abrindo a minha janela,
Tenho vista para o mar.
O sol ao entrar por ela,
Dá brilho e calor ao lar.
Na verdura vem perfume
Que alimenta a ilusão,
De ter da Serra do Cume
Esplendorosa visão!
Dos anais temos a glória,
Do passado e do presente,
Que escrevem a nossa história,
A história da nossa gente...
Minha Fonte, meu torrão!

Minha Fonte, meu resguardo!
Fonte do meu coração,
Minha Fonte do Bastardo!

Hernâni Rocha

Ao lermos as cantigas da “moda da despedida”, encontra-se-lhes, tal como anteriormente na “moda da saudação” e “moda do assunto”, características comuns, e que são idênticas em todas as danças. Primeiramente, a família como sujeito principal nestas cantigas, referenciando-se: pai; mãe; irmãos. Seguidamente, o valor da amizade. E, para finalizar, ainda surgem consideravelmente temas como: os emigrantes; a religião; e o realce à sua naturalidade⁹⁸. As cantigas que presenciamos anteriormente são todas elas da autoria do mesmo autor, Hernâni Rocha, pelo que se torna mais fácil a sua análise.

Foi elaborada uma entrevista ao autor das cantigas, para que também tivéssemos testemunho do que é, e como é, contribuir para esta tradição há muitos anos. Como tivemos a oportunidade de perceber através de outros testemunhos, as pessoas que dedicam⁹⁹ parte da sua vida ao Carnaval, já o fazem, desde tenra idade.

A título de exemplo¹⁰⁰ disto, o autor das cantigas, Hernâni Rocha, tem atualmente 56 anos de idade, e trabalha na cidade da Praia da Vitória como barbeiro, cujas técnicas aprendeu desde cedo com o pai. Quando chegam os meses que antecedem a festa, e quando não existem clientes para atender, senta-se na sua barbearia, onde redige num caderno as imensas rimas que escreve para danças. A sua atividade no Carnaval iniciou-se no ano de 1983, e até hoje participou em 25 bailinhos. Durante todos estes anos, já experienciou diferentes formas deste Carnaval: danças de pandeiro; danças de espada e os bailinhos, onde conseqüentemente, interpretou diferentes funções: dançarino; músico e, ainda que em papéis pequenos, personagem. Quanto à sua primeira experiência no

⁹⁸A maioria dos Bailinhos faz referência à sua naturalidade, ou seja, da freguesia de onde vêm.

⁹⁹Fazem parte de quem se dedica à tradição, sujeitos de vários ramos da sociedade: escritores, tanto dos assuntos como das cantigas, os músicos, as costureiras, os que enfeitam as sociedades e que as mantêm abertas e prontas para esses dias, o seu público, aos que trabalham nos canais televisivos da ilha e transmitem dessa forma as danças de Carnaval para as pessoas que por vários motivos não podem ir para os salões e para os nossos emigrantes.

¹⁰⁰Das pessoas que dedicam parte da sua vida para enriquecer o Carnaval da ilha Terceira.

Carnaval, fê-la com 16 anos, numa dança de pandeiro que tinha o nome de “A Caixa da Ferramenta”, na qual fez parte do assunto. Apesar de nem todos os anos terem corrido da melhor forma, entende-se, pelos relatos do entrevistado, que o melhor que se leva desta tradição, são os momentos de diversão e de amizade, em que cada um dá aquilo que pode, e faz aquilo que melhor sabe para animar estes dias. Ainda menciona assuntos aqui já falados, como a importância da envolvência do povo, e tudo aquilo que está nos bastidores destes quatro dias: os ensaios; a criação dos assuntos e das cantigas; a escolha das cores para os figurinos; os convívios com os amigos na sociedade fazendo-se acompanhar de uma saborosa bifana.



Figura 33: Foto da autora, com o pai Hernâni Rocha e com o irmão Flávio Rocha no Carnaval de 2019.
FONTE: Autor.

4.4. TIPOLOGIAS DE DANÇAS

As danças de Carnaval são como já vimos a característica central do Carnaval da Ilha Terceira, e desta forma, importa abordar mais acerca das suas especificidades, visto que ao longo do capítulo já tratámos algumas das suas particularidades. Existem diferentes tipos de manifestações deste Carnaval: danças de espada; bailinhos e as comédias. A

existência de uma figura central¹⁰¹, no caso da dança de espada, ou alguns bailinhos: danças de pandeiro ou as danças que utilizam o famoso puxador com os ferrinhos, com a função de coordenar a dança, leva desde os tempos antigos um acessório que só por si, o público, já sabia que tipo de dança ia atuar. As espadas; pandeiros; ferrinhos o apito, são sinais de que estamos perante diferentes tipos de danças, que se baseiam na mesma estrutura, diferenciando-se esteticamente. As condições das danças eram antigamente adaptadas às características dos locais onde atuavam¹⁰²(Duarte, 2010), claramente que hoje são diferentes e mais evoluídas, o que viria a mudar por completo a forma como a tradição se expõe.

De todas, destaca-se uma que se diferencia das restantes, considerada por muitos entre eles José Noronha, o expoente do Carnaval terceirense, sendo também a forma mais remota do mesmo. Antigamente conhecidas como “danças de dia”, pela razão de atuarem durante o dia, passando-se mais tarde a designarem-se por danças de espada. De todas as manifestações carnavalescas, podemos afirmar que as danças de espada são as que, em mais são visíveis “regras” e detalhes específicos, até porque, a forma como se desenrolam só ganha sentido seguindo as mesmas¹⁰³. A quantidade de dançarinos, a orquestra que acompanha a dança, o assunto melancólico, as coreografias que se desenrolam entre homens e mulheres, a indumentária, são as particularidades que estão presentes neste tipo de manifestação.

A crescente associação das danças ao Carnaval tem vindo a ditar o fim das danças de espada, que nos dias de hoje se veem como menos adequadas, pelos temas, pela duração e pelos adereços. (Duarte, 2010). Os anos passados têm vindo, cada vez mais, a fazer jus à afirmação anterior. No entanto, existe de forma notória entre o povo, uma preocupação em não deixar morrer esta tipologia, tão antiga e característica deste Carnaval. Todos os anos sobem ao palco duas a três danças de espada, num universo de sessenta a setenta bailinhos, mostrando a preferência significativa pelas outras tipologias. Onde se acredita, por opinião própria, que se trata de um estilo de dança mais exigente, que necessita de

¹⁰¹O mestre é facultativo nas danças.

¹⁰²Atuavam de forma que fosse mais favorável tanto para a dança como também para o público que lá estava.

¹⁰³Respeitando as suas particularidades, ou “regras”.

outros tipos de cuidado¹⁰⁴, particulares, que as outras não, e sobretudo, é necessário estimar este tipo de dança para criar uma deste género.

Apresenta-se, assim, a estrutura principal das danças de espada. Iniciam-se com uma marcha, tocada pelo grupo de músicos, designada por “marcha inicial”; é neste ponto que encontramos já a primeira diferença. Ao contrário do que estamos habituados a ver, os músicos não se misturam com os restantes dançarinos e, desta forma, não permanecem na boca do palco¹⁰⁵. O mestre acompanhado com a sua espada¹⁰⁶, com o auxílio do apito, sinaliza aos músicos e aos dançarinos para estes iniciarem a marcha.



Figura 34: Dança de espada da Vila das Lajes. Autor: <http://investinangra.com/index.php/oportunidades-de-investimento/agricultura-e-pecuaria/2222-terceira-transforma-se-numa-ilha-de-artistas-pelo-carnaval>.

Os dançarinos que se encontram na boca do palco, por norma, vão sempre organizados em pares de oito, uma mulher e um homem; as mulheres de um lado e os homens do outro,

¹⁰⁴A conjugação do todo desta dança, torna-a de um grande valor ornamental e único: as majestosas roupas, adereços, orquestra, articulação entre homens e mulheres, particularidades que não se manifestam noutros tipos de danças.

¹⁰⁵ Os músicos permanecem, sentados num banco no lado do palco, ou na plateia, quando tocada a marcha inicial e a marcha final. A razão deve-se pelo facto de serem utilizados instrumentos de sopro, que ocupam mais espaço, e por isso mesmo, ser mais favorável aos músicos estarem na plateia em pé.

¹⁰⁶Símbolo principal das danças de espada.

juntando-se para fazer coreografias, muito específicas destas danças, caracterizadas por passos saltitantes e ordenados. Entramos na saudação, falada ainda neste capítulo. Normalmente, as danças de espada, costumam ter rimas maiores, e estendem-se por mais tempo que as restantes danças, no entanto têm a mesma intuição que as outras, uma vez que pretendem também saudar o povo que as vê. Os temas destas saudações, também não variam muito do já mencionado, podendo apontar como única diferença, as letras que remetem sempre para um tom melancólico, tal como a restante dança, do início ao fim.

Outro aspeto que marcou desde sempre as danças de espada, e como afirmaram as figuras principais do Carnaval Terceirense¹⁰⁷, foram os enredos, envolvendo todos os seus atos num drama teatral¹⁰⁸, como muitas vezes uma forma de apelar à moral, e um abrir de consciências daquilo que de mal existe na nossa sociedade.

Segue-se a despedida, que como nas outras danças, se veste de um tom mais pesaroso, também organizada em rimas maiores, tal como a saudação deste tipo de dança, tentando tocar quem as escuta, como uma espécie de mensagem.

Finalizamos com a “marcha final”, igual à “marcha inicial”, mudando apenas o nome pela qual são intituladas; aqui, os músicos voltam a ser os protagonistas, onde na plateia os instrumentos de sopro tocam a melodia final. Importante será dizer que, apesar de se distinguirem das outras tipologias, as danças de espada costumam ser entre si muito semelhantes, no que toca ao género de música, ao vestuário, muito trabalhado, aos passos dos dançarinos e à melodia entoada.

Infelizmente, nos dias de hoje, são cada vez menos as danças de espada a atuar nos salões da ilha Terceira. Apesar disto, assiste-se nos últimos anos à vinda destas danças provenientes da América do Norte, protagonizadas pelos emigrantes. Acrescente-se a importância dos emigrantes no manter viva a tradição, mesmo que distantes. Desta forma, e de um modo geral, todos os anos, surgem bailes vindos destes territórios para atuar nos palcos da sua terra Natal.

¹⁰⁷Hélio Costa.

¹⁰⁸Assuntos dramáticos e tristes, que relatam casos da vida que acontecem na nossa sociedade. Alguns exemplos de temáticas abordadas: doenças graves; problemas familiares e temas religiosos.

As conhecidas danças de noite têm vindo a substituir as danças de espada como afirmam alguns investigadores¹⁰⁹, por serem mais associadas ao Carnaval, e por isso mais adotadas pelos grupos. Dentro destas, podemos ter tipologias diferentes, mas que se aproximam muito entre si na forma como são estruturadas. Fazem parte: as danças de pandeiro, as danças de ferrinho, os bailinhos, as comédias¹¹⁰.

As comédias, que como o nome indica, são uma espécie de teatro cómico, que em tempos mais antigos, não era habitual ser acompanhado de música, e raramente durava mais de vinte minutos, tendo como objetivo fazer rir o público, maioritariamente com críticas à sociedade como acontece nas restantes manifestações. Antes das danças de espada entrarem em decadência em número, estas eram as manifestações em menor quantidade na ilha. Alguns investigadores, entre eles José Noronha, afirmam que esta tipologia não deve ser vista como um formato específico e tradicional do Carnaval da Terceira. Já Hélio Costa nos diz, relativamente às comédias, que são poucas as que saem nos nossos dias, apontando como principal fator, a grande abundância de músicos crescente na nossa ilha, devido à forte presença das sociedades filarmónicas e às crescentes escolas de música que, cada vez mais, acolhem os jovens terceirenses, levando-os a integrarem-se nas conhecidas danças. Ora isto não acontecia há quarenta anos atrás; para se fazerem danças eram necessários músicos, não havendo suficientes, as pessoas juntavam-se e faziam as comédias.

Carateristicamente as comédias diferenciam-se em tudo e são, por isso mesmo, consideradas díspares das outras formas. Inicialmente, o número de elementos diminui significativamente quando comparado com as danças, os elementos rondam uma, duas ou cinco pessoas. A sua estruturação fomenta-se apenas no assunto, na organização dos temas a serem abordados durante a atuação, não havendo as divisões¹¹¹ habituais presentes nas outras demonstrações carnavalescas. Temos apenas a existência de uma “conversa” com o público que tem como finalidade divertir e fazer rir. Estas conversas tocam os mais diversos temas da nossa sociedade, e habitualmente buscam aqueles que

¹⁰⁹ (Duarte, 2010).

¹¹⁰As comédias fazem parte destas manifestações carnavalescas terceirenses, no entanto não são consideradas danças, uma vez que se diferenciam bastante da estrutura das próprias danças.

¹¹¹ Como divisões, referem-se as que existem nas danças: marcha; saudação; assunto e despedida.

estão na atualidade e que mais impacto tem sobre o povo. Por serem de menor dimensão, por sua vez exigem menos investimentos; as comédias, ao contrário das danças, não apresentam as conhecidas roupas e acessórios exuberantes, trazendo consigo apenas alguns adornos que necessitam para representar, e assim se podemos afirmar que se apresentam, de mais simples, nos palcos, tendo a vantagem de ser muitas vezes um Carnaval menos dispendioso.



Figura 35: Comédia de Carnaval. FONTE: (VITEC 2020).

Continuando dentro do que os antigos intitulavam como danças da noite, podemos referir os bailinhos, que se podem enumerar como as danças de pandeiro; as danças de varinha e as danças apenas formadas por músicos, sem haver qualquer tipo de puxador. Atualmente são estas as danças que vigoram¹¹² no Carnaval terceirense e são também o formato mais recente do mesmo. O facto de a Ilha Terceira ser um berço de músicos de talento, levou a que a afluência¹¹³ de pessoas nestes espetáculos crescesse. Pode-se, no

¹¹²Considerado aquele que mais tem crescido em termos do número de grupos a optarem por esta forma de se exhibir (Bretão, 1998).

¹¹³Nos nossos dias é raro presenciar nas danças de Carnaval, dançarinos sem tocar nenhum instrumento.

entretanto, encontrar algumas exceções como no Carnaval sénior¹¹⁴, no qual os músicos não se encontram no palco, mas sim ao lado.

A maior disparidade entre elas assenta na figura do mestre. Nas danças com mestre, existe um adorno que se destaca na sua indumentária e que sinaliza o género de dança que temos presente, como exemplo disso, temos os pandeiros, que sinalizam que estamos perante uma dança de pandeiro, ou a espada, sinalizando que estamos diante uma dança de espada.

Os bailinhos funcionam da mesma forma do até aqui já mencionado: a estrutura passa por um início com instrumental, a saudação, assunto, a despedida e finaliza novamente com instrumental, ou como intitulado “marcha”. As cantigas das “modas da saudação” e “modas da despedida” são cantadas pelos puxadores, no caso da dança o ter; quando não existe mestre ficam responsáveis por cantar, um, dois ou três elementos, que se aproximam, à boca do palco, onde se situam os microfones, e as cantam.

Os assuntos destas danças assinalam-se por serem cómicos. As suas coreografias são simples, mas nota-se, com o passar dos anos, que os seus protagonistas desejam inovar, e já são cada vez mais as coreografias, fora das tradicionais, que exigem mais prática nos ensaios.

O fator estético tem ganho muita importância ao longo dos tempos, como foi possível perceber quando se fala no Carnaval antigo, em que havia uma grande limitação nas roupas dos dançarinos, sendo que, a que mais se destacava era a do mestre. Hoje, existe uma grande dedicação na apresentação destas danças no palco; o primeiro impacto que existe entre o público e os dançarinos é feito ao abrir do pano, onde os figurinos têm um papel fundamental, por isso as cores, o brilho, os adornos do cabelo e do corpo são escolhidos a dedo.

¹¹⁴O Carnaval sénior, é um Carnaval cujos protagonistas são pessoas de mais idade, durando três fins de semana, antecedendo normalmente três semanas antes dos principais quatro dias de carnaval.



Figura 36: Bailinho de Carnaval da freguesia da Fonte do Bastardo. FONTE: Autor.

4.5. CARNAVAL DOS EMIGRANTES

Como escreveu uma vez José saramago, “*É preciso sair da ilha para ver a ilha, não nos vemos se não sairmos de nós*”. Inicia-se assim este subcapítulo referente aos emigrantes. Só nos apercebemos do valor das coisas quando as perdemos ou quando não convivemos mais com elas, dizem os emigrantes que partiram há décadas para a América do Norte¹¹⁵. A saudade é caracterizada por ser uma palavra confusa e muito presente no dia-a-dia dos emigrantes e daí se evidenciar nos seus testemunhos, aquela vontade de visitar a terra natal, de viver as tradições, matar as saudades dos amigos e da família, mas ao mesmo tempo voltar ao seu território de acolhimento, uma terra de oportunidades, onde prosperaram e hoje vivem com a sua família, na sua maioria já nascida nesses territórios.

Ver-se-á, claramente, durante este subcapítulo que as tradições são fortes marcas nos territórios de acolhimento e, sem dúvida, foram também uma grande ajuda na sua adaptação, pelo que aqui podemos encontrar partes do quotidiano da ilha, neste caso o Carnaval.

¹¹⁵A América do Norte, Estados Unidos e Canadá, é das regiões do mundo que acolhe mais emigrantes oriundos das ilhas dos Açores.

O Carnaval ou Entrudo é a maior manifestação de teatro popular e que integra a linguagem diária e simples do povo terceirense. A maior sala de atuação desse genuíno e ambulante teatro popular, chama-se Ilha Terceira. Pela grandeza sociocultural, pela beleza artística e pela evolução musical e literária, o Carnaval Terceirense já ultrapassou as fronteiras dos Açores. Verifica-se isto todos os anos, com a grande interação¹¹⁶ entre a ilha e as comunidades portuguesas nos Estados Unidos da América e no Canadá. Ainda sobre essa interação, quanto aos emigrantes, o fenómeno é já de intercâmbio, com a visita de danças organizadas por essas comunidades à Ilha Terceira por altura do Carnaval. (duarte, 2001)

No primeiro capítulo, surgiu a oportunidade de falar um pouco sobre o tema da emigração açoriana que tanta importância teve na Ilha Terceira. Tentar-se-á agora tratar essa importância, ligada à tradição Carnavalesca, o seu enraizamento nos territórios de acolhimento, os sinais da presença açoriana que se manifestam em diferentes fases do quotidiano, na tentativa de manter perto e vivo um dos maiores inventos das gentes terceirenses.

Em busca desse conhecimento, poder-se-á contar com entrevistas feitas a emigrantes, residentes na América do Norte, em países como Estados Unidos e Canadá, que foram e são responsáveis pela preservação e organização desta tradição. Como participantes dela, sendo que alguns tiveram a oportunidade tanto de viver o Carnaval na ilha, como também nestes novos territórios, entende-se que estes são os indivíduos que mais podiam contribuir para enriquecer esta temática. Importante é, também, mencionar que algumas das entrevistas foram feitas na primeira pessoa, ou seja, pela autora, outras delas feitas por outras pessoas e publicadas em livros, e canais de televisão.

¹¹⁶ Todos os anos existem danças vindas da América do Norte a atuar nos palcos da Ilha Terceira, e vice-versa.



Figura 37: Dança de Carnaval nos Estados Unidos da América. FONTE: (Costa,2003).

Confrontados com um mundo completamente diferente do qual nasceram, naturalmente também brotaram algumas dificuldades na sua adaptação a este novo mundo, como a nível da linguística, mas a grande vontade de luta, resistência, superação pela busca de uma melhor vida para estas famílias, que jamais cortaram laços com a terra natal e com os que lá deixaram, prevaleceu. Aqui assenta um dos motivos principais da importância das tradições nestas zonas, segundo os entrevistados a transposição dos costumes para lá da fronteira de origem traduziu-se numa das melhores formas de adaptação nas terras de acolhimento. Mantendo sempre partes do quotidiano terceirense nas suas novas vidas, não esquecendo as suas origens, criou-se um grande laço entre os imigrantes e a sua terra natal. Este laço é bem visível, como exemplo disso temos o Carnaval, quando várias danças de diferentes partes da América chegam à ilha e vice-versa.

Apesar de ser o Carnaval o assunto primordial deste trabalho de investigação, importa dizer que não é só esta tradição que está presente no quotidiano dos emigrantes. Também se vive com intensidade as festas em honra do Divino Espírito Santo, que têm por hábito mover mais pessoas.

Muitos destes emigrantes deixaram a sua ilha ainda em crianças, deixando para trás a sua zona de conforto, para construir um futuro para os filhos, para a sua família. Em conversas com algumas destas pessoas, nota-se que com o passar dos anos a saudade

aumenta, não havendo um dia que não pensem no que deixaram para trás e em como seria reconfortante voltar a abraçar e a olhar os seus familiares de novo.

Inicia-se esta secção com uma entrevista, elaborada pelo Canal das Doze¹¹⁷, ao senhor Vítor Santos, intitulada de “A ilha no coração – o Carnaval da Terceira”, na qual se descreve como funciona a tradição numa das comunidades portuguesas em território americano, Nova Inglaterra.

Nesta entrevista salienta-se a luta constante por parte dos emigrantes em perpetuar as tradições da ilha Terceira no estrangeiro, o esforço feito para isso encontra-se bem perceptível nas suas palavras, sendo este senhor responsável por enraizar a tradição nesta comunidade. Abordando agora um pouco das suas primeiras experiências com o Carnaval, que começou a fazer parte da sua vida desde a sua infância, os primeiros contactos deram-se devido ao seu pai, um homem dedicado a este costume e que cultivou nele o gosto pela mesmo. Estreou-se pela primeira vez nos palcos, já em território americano, ao longo dos anos foi aprendendo a ser mestre e rapidamente iniciou-se a puxar danças, dedicando-se sobretudo às danças de espada, que naquela altura só eram incorporadas com elementos masculinos¹¹⁸.

¹¹⁷Canal proveniente da ilha Terceira, responsável por transmitir temas relacionados com a mesma. Através deste tipo de canais, os emigrantes conseguem estar mais ligados à sua ilha.

¹¹⁸Na América, as mulheres estreiam-se no Carnaval no ano de 1983, no qual Vítor Santos foi o primeiro organizador a ter mulheres presentes na sua dança.



Figura 38: Bailinho proveniente da Califórnia com o Sr. Hélio Costa no Carnaval da Ilha Terceira no ano de 2020.FONTE: Costa, 2020).

Um dos aspetos importantes a ser referido, permitindo o crescimento das memórias terceirenses: a criação de clubes. Estes clubes funcionam como uma espécie de apoio e de sistema, dotado de uma organização para perpetuar as tradições terceirenses nos territórios de acolhimento. Como exemplo disso, temos o clube de amigos da Ilha Terceira, fundado por Vítor Santos. Desta forma, todas as tradições se desenrolam no calendário habitual como o que acontece na ilha.

Nestes grandes territórios este tipo de organização¹¹⁹ foi fundamental para decidir aspetos relativos ao planeamento das tradições, neste caso do Carnaval, agilizando mais facilmente situações como: onde se iniciam as atuações; os próximos locais a atuar; locais do ensaio, entre outros. Pode-se estabelecer uma comparação até mesmo a um roteiro, onde estão assinaladas as zonas a ir, as horas, e os percursos.

A fim de todos os intervenientes deste Carnaval estarem bem informados, todos os anos se realiza uma reunião, com o nome de Aliança Carnavalesca da Nova Inglaterra.

¹¹⁹Como a criação dos grupos de amigos ligados aos aspetos culturais da ilha.

Desta forma convocam-se as danças, que se inscreveram até à data-limite¹²⁰. No final deste limite não são aceites mais bailinhos, no entanto por vezes a existência de comédias, que têm curta duração e por isso mais fáceis de gerir, podem atuar, quando por exemplo existam atrasos de uma dança para os salões respetivos, por variados motivos. É através de um sorteio que as danças ficam a saber os locais onde atuam, rodando sempre no sentido dos ponteiros do relógio.

O principal objetivo de toda esta organização é que haja a possibilidade de todas as comunidades receberem os diferentes bailinhos, o que não se verifica na Ilha. Na ilha os bailes são livres de atuar onde querem, na ordem que quiserem, sendo que muitas vezes acontece as danças não conseguirem atuar em todos os salões, o que se deve ao facto de existirem mais grupos Carnavalescos na Terceira do que nestas comunidades, claramente. Por sua vez esta situação atrasa e muda muitas vezes o percurso pensado pelas danças para estes dias, fugindo ao planeamento fixo, existente nas comunidades. São vários os testemunhos de emigrantes que afirmam que este método deveria e poderia ser experimentado na Terceira. No entanto, e por opinião própria, como participante do Carnaval terceirense há seis anos, esta metodologia poderia não ser bem aceite, uma vez que a magia do Carnaval na Ilha assenta também nesses aspetos do inesperado.

Além deste Carnaval público, nasce nestas zonas um tipo de Carnaval diferente, não praticado na ilha. Ao findar o Carnaval, os grupos de dançarinos juntam-se e atuam para as outras danças, desta forma as danças podem assistir ao espetáculo, vendo as outras a atuar, o que é impossível no decorrer destes quatro dias. O que podemos nomear como mais semelhante na Ilha, assenta nas esperas feitas pelas danças quando chegam aos salões antes de atuarem.

Na sua entrevista, e como amante das tradições da sua terra natal, guarda todos os sinais da sua cultura, num museu que construiu dedicado não só ao Carnaval, mas a todas as tradições da Ilha Terceira, passando, como diz na entrevista, esse gosto a suas filhas. Ali no seu minimuseu, no meio de tantos objetos e valores do quotidiano, se senta a pensar na sua casa de infância, afirmando no livro “Muito mais que Saudade”: “a casa que deixou quando era criança, na freguesia da Terra Chã, concelho de Angra do Heroísmo, e de que,

¹²⁰Estes grupos têm datas-limite para se inscreverem e, quando o fazem, são obrigados a dar informações como: o organizador, os elementos, a zona de onde vêm, o assunto da dança.

algum modo, nunca saiu. Como se a infância ainda pudesse acontecer ali, cristalizada no tempo.” (Neto & Almeida, 2020).

Muitos dos emigrantes guardam consigo lembranças da sua terra natal, muitas vezes como um refúgio, uma maneira de voltar no tempo e agarrar-se àquilo que lhes lembra a sua casa. Este caso serve-nos de exemplo, que pela grande quantidade de relíquias que vem guardando desde que chegou a Rhode Island, vem deixar a gerações futuras o gosto e o interesse pela cultura Terceirense.

Ao longo das entrevistas¹²¹ percebe-se que existem maneiras diferentes de o viver, e que isso muda consoante a região, seguindo a realidade de cada lugar, moldando-se, e adquirindo por vezes partes do quotidiano dos territórios de acolhimento. Estas pequenas mudanças notam-se sobretudo naquelas que movem mais população, como é o caso das festas ao Divino Espírito Santo e da tradição do Carnaval. Como expressam os emigrantes, tal deve-se pelo facto da abrangência das novas gerações. As mudanças sofridas na tradição Carnavalesca podem ser vistas, sobretudo, na forma de organização da tradição no espaço, como ela se organiza pelas diferentes zonas da comunidade, e não tanto na estrutura das danças que funcionam de igual forma.

Outra perspetiva chega-nos do senhor José, que vive na cidade de San Jose no estado da Califórnia. Ao longo dos últimos anos a costa leste da América do Norte tem vindo a crescer no número de bailinhos, que já contou 17 danças no ano de 2020.

Por outro lado, refere-se a região do Canadá, que em tempos foi considerada um dos maiores centros do Carnaval terceirense, além-fronteiras, e que, no entanto, tem vindo a sofrer um declínio nos últimos anos.

A tradição neste país acontece por vezes mais tarde, na altura da Páscoa, nesta época as comunidades portuguesas no Canadá recebem danças vindas da ilha, de várias zonas do país, ou de países como os Estados Unidos. No testemunho deste emigrante, um dos principais pontos deste declínio assenta na diminuição progressiva da emigração. A verdade é que as pessoas já não sentem a mesma necessidade de abandonar a ilha, e o país, na procura de melhores condições de vida. Naturalmente isto tem consequências

¹²¹Referentes à tradição do Carnaval nas comunidades portuguesas.

incluindo as tradições. A população envelhece deixando de conseguir participar, de contribuir, e a tradição vai morrendo nesses espaços.

Uma das soluções apontadas para este declínio, passa pelas novas gerações, os netos, bisnetos. Os jovens¹²², acompanhando os avós e familiares, desde a infância, criam uma proximidade com a tradição. Assim, dá-se ênfase à expressão: o Carnaval da terceira move muitas pessoas, uma vez que se tem expandido, em parte por obra dos emigrantes, em solos que não os de origem, como é o dos países já aqui referidos¹²³, sendo este um dos fatores mais importante para a sua sobrevivência.

Esta contribuição traz aspetos positivos, é importante que as nossas tradições se mantenham o mais próximo aos seus primórdios, mas a vinda dos mais novos pode ter contribuído para ideias e formas diferentes de praticar esta tradição, traçando um caminho evolutivo, não tanto nas próprias danças, mas principalmente na organização destes dias. Por vezes, os contrastes das ideias entre mais novos e mais velhos podem chocar, o que pode levar ao afastamento por parte dos jovens que se tornam uma peça fulcral em continuar o caminho até aos dias de hoje traçado. Desta forma, está bem perceptível no discurso dos emigrantes esta ideia dos jovens serem o futuro do Carnaval e não só, nestas comunidades.

Ao olhar o Carnaval da Ilha Terceira, pode ver-se que a participação de jovens é muito afluente, chegando a existir grupos formados apenas por jovens e até mesmo crianças, dotados de talentos enormes, desde músicos, atores, cantores, improvisadores, que ganharam também o gosto, vindo dos familiares que os acolheram nos seus grupos, em que hoje muitos já formaram os seus próprios. O potencial dos jovens da ilha é posto à prova todos os anos, como nos afirma o autor Hélio Costa, quando diz que a ilha é dotada de jovens com muito potencial, e um ninho de talentos.

A ligação forte entre a ilha e os seus emigrantes é, também, um ponto caracterizado como sendo essencial na preservação da cultura no outro lado do atlântico. O

¹²²A maioria destes jovens já nasceram nestes territórios de acolhimento, adotando a tradição nas suas vidas.

¹²³Estados Unidos da América e Canadá.

intercâmbio¹²⁴ do Carnaval é um exemplo dessa ligação, e o ser bem recebido é uma qualidade muito conhecida do povo terceirense; fala-se deste atributo, porque é relatado imensas vezes por quem a vive, a hospitalidade, é bem visível, quando nestes intercâmbios as danças ficam hospedadas em casas de conhecidos e conterrâneos. A alegria, o ambiente festivo: tocar música, as folias, bem visíveis nestes laços e que tornam este Carnaval, único, pela maneira como o seu povo o vive. O ser terceirense é que faz deste Carnaval o que é, é o próprio povo que o transforma e o envolve naquilo que é: diversão, folia, amizade, companheirismo, artistas, músicos que nestes quatro dias têm a oportunidade de o mostrar correndo a ilha e, no caso dos emigrantes, a sua comunidade, espalhando e levando a todos esta alegria contagiante.

Segundo os emigrantes, entre eles Vítor Santos, “Portugal das comunidades chega a ser mais genuíno do que o original”, esta frase dá título a uma das suas¹²⁵ muitas entrevistas. O facto de estas pessoas terem ido embora cedo, e ficarem anos e anos sem visitar a sua terra, agarrados à palavra saudade muitas vezes difícil de explicar, levou a que se prendessem intensamente àquilo que lhes lembra a ilha. Esta situação verifica-se no caso das tradições, sendo estas fortes símbolos da sua cultura, e assim uma presença notável, nos territórios destas comunidades, e uma maneira de se aproximarem de casa e de voltar no tempo.

Desta forma acredita-se que as tradições permaneçam genuínas, cujas características mais remotas não foram alteradas, apesar de o Carnaval não ser a tradição em que mais se verifica tal acontecimento, dando o entrevistado o exemplo das Festas ao Espírito Santo: o enfeitar o bezerro, costume muito presente no passado, mas que hoje em dia caiu em desuso em algumas freguesias da ilha. Ao contrário do que acontece na Terceira¹²⁶, na América todas as festas ao Divino Espírito Santo apresentam o bezerro enfeitado com fitas e os famosos chocalhos ao pescoço.

¹²⁴Refere-se a atividade da vinda das danças dos territórios de acolhimento à terra mãe e vice-versa.

¹²⁵Entrevista de Vítor Santos.

¹²⁶Facto que deixa os emigrantes indignados.



Figura 39: Comemoração do Carnaval de 2017, na Califórnia, Estados Unidos da América. FONTE: (Mendes, 2017).

Do Canadá também nos chegam testemunhos de emigrantes. A senhora Eduarda Silva, residente desde o ano de 1979, altura em que as mulheres ainda não participavam nas danças, refere que, só a partir do ano 1983 é que as mulheres começam a embelezar os palcos do Carnaval.

Esta família foi pioneira nas danças mistas nesta comunidade, uma dança do tipo pandeiro, com duas alas de dançarinos, em que se podia observar coreografias tradicionais da Terceira entre homens e mulheres. Até aos nossos dias, participou em 20 danças de Carnaval, onde interpretou diferentes funções: dançarina, puxadora e personagem do assunto. O Carnaval, sempre foi, ao longo dos anos, uma tradição muito acarinhada pelas comunidades portuguesas em Toronto, por ser tão alegre, atrativa e diferente.

Mostrando o forte elo à terra mãe, muitas destas danças mandam vir assuntos da Ilha Terceira, com a autoria de conhecidos nomes do Carnaval Terceirense: Hélio Costa e João Mendonça. Contudo, o enraizamento da tradição nestes territórios, levou à necessidade de existirem pessoas que escrevessem estes assuntos nas comunidades, como é o caso do emigrante Ramiro Nunes, natural da Vila das Lajes. Mais interessante ainda é dizer que

também já existem pessoas nascidas nestes territórios, com nacionalidade Canadiana, que dedicam o seu tempo à criação destes assuntos, é exemplo disso a senhora Délia Machado.

Através das entrevistas com alguns emigrantes, pode-se concluir que a tradição do Carnaval se altera em certos pormenores daquela praticada na origem, mas em outros aspetos comporta-se de forma diferente. No que concerne a estrutura de uma dança esta parece manter-se inalterada, a forma como a mesma se desenrola cumpre a metodologia, a diferença encontra-se sobretudo na forma como são organizados estes dias, por estarem perante regiões de grandes dimensões, e quotidianos completamente diferentes, em que a vida atarefada: a falta de tempo; as horas de trabalho; e distâncias a percorrer, dificultam o decorrer da mesma; além destes, mudam também os pormenores mais ligados ao quotidiano da região, como a aparência: as roupas, ou as melodias das músicas.

Outro aspeto, mencionado algumas vezes pelos entrevistados, assenta nas diferenças existentes entre diferentes comunidades portuguesas na América do Norte, apesar de se notarem pequenas particularidades na tradição entre as diferentes freguesias da ilha, estas são menos significativas, porque também o meio pequeno em que estão inseridas o influencia. Claramente que, em territórios enormes essas particularidades aparecem-nos em maior força, o meio onde estão inseridos é um fator fulcral, a origem do ensaiador, ou do autor dos arranjos musicais, são exemplos do que pode levar a estas desigualdades.

O emigrante José Mendes, fala-nos de um tema aqui já mencionado, as associações, desta vez a associação: Grupo de Carnaval Português de SAN Jose, foi fundado em 1987, criado para preservar, como já vimos anteriormente no testemunho de Vítor Santos, as tradições da ilha. No entanto, apesar de ser o Carnaval o tema principal deste trabalho, é importante dizer que existem outras tradições ligadas a este grupo, ou a estes grupos, como exemplo dado pelo entrevistado: o folclore, e o baile à antiga. Infelizmente, algumas destas associações acabam por não conseguir cumprir com o objetivo, sendo estes trabalhos que necessitam de muito esforço, para manter vivas as tradições, este é o caso desta última associação, que não organiza um baile de Carnaval há quatro anos. O entrevistado menciona dois problemas que na sua opinião, e da maioria dos emigrantes residentes nestas comunidades, são responsáveis pelas dificuldades no desenvolvimento da tradição: a falta de emigração e o desinteresse dos jovens. Em primeiro lugar, e como consequência da baixa emigração, as comunidades têm-se tornado pequenas, por outro, e

sobretudo nos territórios sem grandes apoios, com a inexistência de sociedades filarmónicas, dotadas com escolas de música, como é recorrente na Terceira. O fator língua é outro aspeto apontado como um entrave a esta tradição nestes locais, o Carnaval que vive muito das cantigas, dos assuntos, sendo muito verbal, é considerado de difícil compreensão, para os mais jovens, muitos dos quais têm já como língua principal o inglês, ou até mesmo para o público que assiste às atuações nos salões.

Apesar de haver a tentativa de praticar uma tradição próxima à vivida no ilhéu, nunca foi nem nunca será o mesmo. Estar a atuar em casa, é uma sensação muito forte, dizem-nos estas pessoas, todo o ambiente que envolve estes dias festivos dá a essência toda a este Carnaval, que só pode ser vivido, por completo, na ilha. No entanto os testemunhos das nossas gentes que vivem nestes grandes territórios dizem que hoje em dia cada vez mais a juventude se interessa por esta tradição, e já são muitos os que participam nela seja tocando, improvisando, cantando e representado. Existem muitos bons grupos carnavalescos nos Estados Unidos e no Canadá, que marcam a sua presença nos palcos destas comunidades, e que também eles fazem história a milhares de quilómetros da Ilha Terceira, não deixando de forma alguma morrer as vivências da nossa gente.



Figura 40: Entrevista com o Senhor Vitor Santos. FONTE: https://www.youtube.com/watch?v=dj6CKMrAOnE&ab_channel=KanaldasDoze.

4.6. CARNAVAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

A pandemia, que temos vindo a atravessar, mudou por completo o quotidiano de todos, e fez-nos conviver com comportamentos que não os nossos habituais. Parece que a vida na ilha parou estes dois últimos anos, e parou mesmo. Uma terra com um calendário festivo notório, conhecida nos Açores por “parque de diversões”, pelo motivo de não existir descanso, acabando uma festividade, começa outra e assim sucessivamente durante todo o ano, a ilha estagnou as suas festividades. Muitas destas tradições e festividades têm grande peso na economia da ilha, delas dependendo muitos ofícios, desde a costureira que elabora as majestosas roupas dos bailinhos, ao lavrador que vende o bezerro para a festa do Divino Espírito Santo, estamos perante todo um ciclo no qual dependem uns dos outros para a sua sobrevivência e que, com esta situação, passaram a estar completamente perdidos. Além deste aspeto importante, a ilha perdeu grande parte do seu encanto, da sua alegria, que move todos os anos pessoas vindas de outras partes do mundo.

Já não havia registo de um ano sem Carnaval desde o terramoto de 80, que vitimizou muita gente e destruiu parte da ilha. O ano de 2021 vinha trazer de novo essa ausência, no entanto, mas de uma forma completamente diferente foi possível relembrar certas tradições, e elaborá-las de outras formas, de modo a manter a saúde de todos. Mesmo sem o todo que compõe este Carnaval Terceirense, as atuações pelos muitos salões, o forte convívio nos ensaios, as grandes preparações para estes quatro dias, a alegria não faltou. Como escreveram e cantaram numa atuação virtual intitulada “Lembrar o que é nosso”: “mesmo que venha algo que nos quebre a voz, não há no mundo quem tenha mais alegria que nós, o povo da Terceira arranja sempre maneira de lembrar o Carnaval” (Esteves, 2021). Estas foram citações retiradas de projetos feitos neste ano de 2021, para lembrar o Carnaval.

Seguindo esta linha de pensamento de criar um Carnaval à distância, e que aconchegasse o seu povo, que sentiu intensamente esta falta, alguns grupos decidiram juntar-se e realizar danças virtuais, publicando a atuação nas redes sociais sendo o Facebook e o Youtube os principais motores para esse efeito. Claramente que não foi o mesmo que em anos anteriores, não havendo as principais características e folias

habituais, como o calor do público, as majestosas roupas, as grandes mesas com as tradicionais iguarias desta época, as correrias de salão a salão, os ensaios com a companhia dos amigos e, no final, degustar uns petiscos e licores, efetuar as provas das roupas até ao derradeiro dia, cumprir o ensaio geral que, por norma, é o ultimo ensaio antes do primeiro dia de Carnaval, no qual é costume convidar pessoas para assistirem, normalmente a família dos dançarinos. Quanto às danças em si, na sua estrutura, foram exatamente iguais ao que costumam ser todos os anos, desde a marcha inicial, a saudação, o assunto, a despedida e, por fim, a marcha final.



Figura 41: Carnaval virtual “Lembrar o que é nosso”.

A ideia deste projeto de Carnaval virtual foi realizada por vários grupos, dentro deles devemos destacar o projeto intitulado de “Lembrar o que é nosso”, contando com a presença de elementos importantes do Carnaval, este projeto leva-nos também numa viagem pelo tempo, uma vez que contou com partes de danças de anos anteriores, cantigas, modas, juntas numa só. Hélio Costa escreve-nos um poema, que se encontra nesta atuação¹²⁷ referida anteriormente, no qual nos fala do momento triste pelo qual a cultura passa, devido ao surto da Covid-19:

¹²⁷ “Lembrar o que é nosso.”

“Minhas senhoras, meus senhores
Autores, personagens, telespectadores
Desta Terceira cheia de virtude
Hoje pedimos a Deus em oração
Que esta simbólica gravação
Que nos encontre
A todos de boa saúde
A nossa ilha não está de luto
Mas sentimos a cada minuto
Uma tristeza que é bem real
Sobre uma ilha despida de poesia
Devido a uma malvada pandemia
Que roubou o nosso lindo Carnaval
Uma pandemia repleta de maldições
Que calou as nossas tradições
Entristecendo o povo da ilha inteira
Só não conseguiu calar nem devorar
O quanto continuamos a amar
O Carnaval da Ilha Terceira
Foi essa enorme paixão que motivou
Este grupo que reuniu e preparou
Um abraço carinhoso e emotivo
Para vos dizer de forma virtual
Que o nosso lindo Carnaval ainda está vivo

Hélio Costa, 2021



Figura 42: Senhor Hélio Costa na atuação do Carnaval virtual 2021 “Lembrar o que é nosso”. FONTE: https://www.youtube.com/watch?v=HIY9Ezbhais&ab_channel=TiagoSousa.

Para além destas atuações virtuais levadas a cabo por diferentes grupos da ilha Terceira de forma a lembrar o Carnaval, foram organizados outros projetos com o mesmo intuito. Nas zonas mais emblemáticas da cidade da Praia da Vitória encontram-se as diferentes tipologias de danças carnavalescas existentes: dança de espada, dança de pandeiro os bailinhos e as comédias. Todas estão acompanhadas de um texto, na qual está explicado no que consiste cada uma dessas diferentes tipologias.



Figura 43: Projeto de Carnaval em plena pandemia na praça Francisco Ornelas da Câmara cidade da Praia da Vitória, dança de espada. FONTE: (Esteves, 2020).



Figura 44: Projeto de Carnaval em plena pandemia na marginal da Praia da Vitória, dança com o ratão à moda antiga. FONTE: Esteves, 2020).

A ilha Terceira é por si mesma um palco natural, que se deve sobretudo ao seu Carnaval, estes tempos de pandemia não impediram a alegria do seu povo: “mesmo que venha algo que nos quebre a voz não há no mundo quem tenha mais alegria de que nós”, cantam assim alguns destes bailinhos virtuais. Finaliza-se assim com uma cantiga do Carnaval de 2020, do grupo lembrar o que é nosso:

Morreu a nossa alegria
Sem o Carnaval da nossa gente
Não houvesse a pandemia
Tudo seria diferente
Mas basta ter-se à beira
Os amigos afinal
Que o povo da Terceira
Arranja sempre forma de lembrar o Carnaval.

CONCLUSÃO

Esta dissertação de mestrado adotou como um dos objetivos primordiais compreender e analisar as ideias e visões dos habitantes da cidade do Porto quanto ao tema: viver numa ilha, na qual se focou no arquipélago dos Açores, nomeadamente na Ilha Terceira.

Para tal esta análise apoiou-se num conjunto de questões formuladas aos entrevistados que deram por sua vez origem as principais variáveis existentes nas tabelas deste trabalho de investigação, considerando-as assim os pontos mais enaltecidos desta região por parte dos participantes das entrevistas, destacam-se assim as categorias: Natureza; Estilo de vida saudável e a Hospitalidade.

Os resultados destas tabelas mostram que a idade é uma componente importante nos indivíduos e bem notória nas diferentes variáveis, sendo que os mais novos mostram preferência por certas categorias enquanto as faixas etárias mais velhas têm eleição por outras. A natureza é a categoria mais valorizada pelas pessoas, ocupando o topo de todas as tabelas, o arquipélago dos Açores é imensamente conhecido pelo seu património natural quer aquele que resulta somente de fatores naturais bem como aquele que o homem já interveio, nunca desrespeitando o seu valor e tendo sempre em vista a sua conservação e a sua proteção, tornando assim possível a aproximação das pessoas a essa mesma natureza que impera em todas as suas ilhas e que se caracteriza também pela harmonia que existe entre a natureza e os seus habitantes, considerando-a um fator benéfico em outros campos nomeadamente o da saúde, por gerar bem-estar e tranquilidade.

Segue-se o estilo de vida saudável onde muitos entrevistados autenticaram que as ilhas açorianas oferecem um estilo de vida muito mais saudável associado sobretudo ao forte contacto com a natureza longe dos grandes aglomerados que muitas vezes podem condicionar o nosso dia-a-dia.

A hospitalidade foi a terceira categoria mais escolhida entre os entrevistados, o povo açoriano e especificando o povo terceirense é caracterizado por ser acolhedor e por pessoas que sabem receber muito bem.

Pode-se concluir que foi possível recolher junto das pessoas diversificados termos ligados às ilhas dos Açores indicando a existência de um conhecimento sobre a região que na sua maioria encontra-se perto da realidade existente nestas ilhas. Apontando-se algumas das desvantagens mencionadas pelos entrevistados tais como a limitação, que requer uma vivência diferente das que os entrevistados estão habituados, uma menor oferta, o isolamento, menos movimento. E como vantagens mais acolhedor, estabelecer uma vida mais em comunidade, com uma maior segurança que são importantes elementos para uma melhor vida.

As entrevistas feitas ao longo do trabalho conduziram-nos a outro tema desta dissertação: o Carnaval. Em regiões mais pacatas e também devido ao insulamento as tradições tendem a manter-se mais genuínas à sua origem, como o exemplo da tradição do Carnaval mencionada várias vezes pelos participantes.

Houve assim a necessidade de caracterizar as e apresentar as ilhas, na tentativa de explicar as vivências deste povo terceirense e de certa forma divulgar o património vasto deste povo, sendo o Carnaval um forte ilustrador da forma de viver destes ilhéus e do seu espírito enquanto comunidade, concluindo-se que este costume único no mundo, fomenta uma profunda diversão que se pode associar à forma alegre de viver destas gentes.

A forma de viver a tradição mudou consoante as épocas que se vivem, existiu uma longa evolução daquilo que conhecemos de Entrudo para aquilo que atualmente conhecemos como o Carnaval terceirense, onde as diferentes circunstâncias da vida foram responsáveis também elas por moldar este costume.

Sabemos que o Carnaval ultrapassou as fronteiras nacionais, devido sobretudo aos nossos emigrantes que o levaram consigo para os territórios que os acolheram, como exemplo disso as comunidades portuguesas nos países dos Estados Unidos da América e do Canadá. As tradições apresentaram-se como fortes marcas nestas áreas, e foram grandes ajudas na adaptação dos emigrantes a estes novos locais, devendo ser vistas como elementos unificadores de um povo.

Conclui-se também que o tempo e o espaço podem influenciar as tradições, apesar de serem a mesma, esta vive-se e faz-se de um modo diferente entre a ilha e as comunidades luso-americanas. Neste caso específico viver em grandes territórios exigiu a uma

modificação e adaptação diferente do Carnaval, quase como uma espécie de regras que na ilha eram impensáveis serem usadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A história e a atualidade das representações sociais . (2000). Em S. Moscovici, & G. Duveen, *Representações sociais: Investigação em psicologia social* (p. 168). Brasil: Vozes Ltda .
- Açorianas, g. d. (1989). *A Ilha no Mundo (Exposição sobre a emigração açoriana)*. Açores.
- al, R. e. (1999). *Patrimonia Açores: Memória, Identidades-Políticas do Património*.
- Azores Guide*. (2016). Obtido de Azores natureza viva: <https://pt.azoresguide.net/acores-3/>
- Barranha, H. (2016). *Património Cultural Conceitos e critérios fundamentais*. Lisboa.
- Costa, H. (2003). *Hélio Costa Autor do Carnaval dos Bravos*. Terceira: Blu.
- Duarte, L. F. (2010). *O Carnaval da Ilha Terceira*. Terceira.
- Dufrenne, M. (s.d.). *Fenomenologia de la Experiencia Estética*. Fernando Torres.
- Enes, C. (2005). *Albúm Terceirense , Volume II*. Angra do Heroísmo: BLU.
- Franco, P. d., & Prado, J. d. (s.d.). *A hospitalidade e a cordialidade: reflexões sobre o Brasil*. Brasil.
- Gomes, A. (1999). *Danças de Entrudo nos Açores*. Terceira: Blu.
- Gomes, A. (2018). *A Alma da Nossa Gente*. Terceira: Turiscon.
- Hall, E. (s.d.). *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Antropos.
- <https://byacores.com/>. (s.d.).

- Lima, D. d., & Godard, D. L. (1991). *Os Açores - O paraíso desconhecido*. Ponta Delgada: BERTRAND.
- Mendonça et al., 2. (2002). *Emigração Açoriana (sécs.XVIII a XX)*. Lisboa.
- Neto, J. L. (2014). *Danças de Espada*. IAC: IAC.
- Nóbrega, T. (2008). *Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty*.
- Oliveira et al., 2. (2009). *The Hospitality and Courtesy in Brazil: the country perceived by foreigners*. Brasil.
- Oliveira, E. c. (2010). *Gente Viajera - Açores*. Barcelona.
- Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído. (2000). Cracóvia .
- Ribeiro, E. (2008). A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa .
- Rodrigues, D. (s.d.). Património Cultural, Memória Social e Identidade: Uma abordagem Antropológica.
- Sarmiento, C. (2018). Noções de cultura para a comunicação Intercultural.
- Secretaria regional da energia, a. e. (2019). Plano de Ação 2019-2027 | Sustentabilidade do Destino Turístico Açores. Em a. e. Secretaria regional da energia, *Plano de Ação 2019-2027 | Sustentabilidade do Destino Turístico Açores* (p. 5). Açores: Açores .
- Silva, B. (2017). *Conhecer São Miguel* . Lisboa .
- Simas, R. n. (2013). *Cartas e desenhos evocando a natureza dos Açores: Um olhar ecocrítico sobre Samuel Longfellow na Horta*. Horta.

Unesco, C. N. (s.d.). *Patrimonio Cultural Imaterial*.

Viver nos Açores. (2017). Obtido de byAçores : <https://byacores.com/viver-nos-acores/>

ANEXOS



Anexo 1: Atuação de uma dança de Carnaval à moda antiga no terreiro da freguesia de São Mateus. FONTE: (Gomes, 1999).



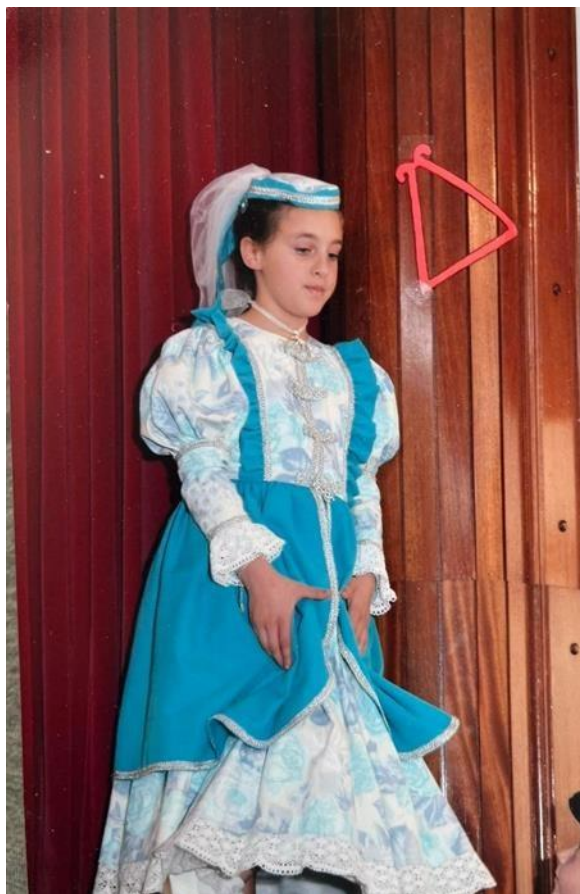
Anexo 2: Atuação ao ar livre da dança infantil: “Está fácil mas nem tanto”. FONTE: (Gomes, 1999).



Anexo 3: Bailinho de crianças “Os namorados”. FONTE: (COSTA, 2003).



Anexo 4: Criança acompanhar o pai no Carnaval de 1996. FONTE: (Rocha, 1996).



Anexo 5: Autora em criança acompanhar o pai no Carnaval de 2004. FONTE: (Rocha, 2004).



Anexo 6: Carnaval Sênior, 2020. FONTE: (Rego,2020).



Anexo 7: Foto de grupo Carnaval Sênior 2020. FONTE: <https://www.portuguesetribune.com/articles/carnaval-da-terceira-2020-118-eventos-a-forca-de-um-povo/>.



Anexo 8: Pai da autora no Carnaval de 1996. FONTE: (Rocha, 1996).



Anexo 9: Atuação do enredo de uma dança de Carnaval no terreiro. FONTE: (Costa, 2003).



Anexo 10: Atuação da dança de Carnaval “Os compadres Alentejanos” , 2004. FONTE: (Rocha, 2004).



Anexo 11: Pai da autora no Carnaval de 1996. FONTE: (Rocha, 1996)



Anexo 12: Carnaval 2019. FONTE: (VITEC, 2019).



Anexo 13: Foto de grupo do bailinho da Fonte do Bastardo, 2017. FONTE: Teatro Angrense 2017).



Anexo 14: Foto de grupo do bailinho da Fonte do Bastardo, 2015. FONTE: (Ribeirinha, 2015).



Anexo 15: Atuação do bailinho da fonte do bastardo, 2015. FONTE: (Ribeirinha, 2015).



Anexo 16: Atuação do bailinho "Saga dos corte-reais" 1988 – um bailinho à moda antiga com um enredo sobre a história de Portugal. FONTE: (Gomes, 1999).



Anexo 17: Atuação do grupo de Carnaval rapazes de Santa Barbara. FONTE: (Mendes, 2019).



Anexo 18: Atuação do grupo de Carnaval rapazes de Santa Barbara. FONTE: (Mendes, 2019).



Anexo 19: Lembrança do Grupo de Carnaval de Stoughton ao senhor Hélio Costa. FONTE: (Costa, 2019).



Anexo 20: Lembrança do grupo de danças de Carnaval da banda portuguesa de São José ao senhor Hélio Costa. FONTE: (Costa, 2019).



Anexo 21: Mesa preparada para receber os bailinhos após as suas atuações. FONTE: (Mendes,2017).



Anexo 22: Sociedade Filarmónica da Fonte do Bastardo enfeitada para receber o Carnaval 2014. FONTE: (Mendes,2014).

M MESTRADO
ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO

**ILHA TERCEIRA: VIVÊNCIAS E
TESTEMUNHOS. O CARNAVAL COMO
EXEMPLO DO VIVER TERCEIRENSE. Nome
Angélica Rocha**

